



Dana Marie Bell

Se Atreva a Acreditar

Serie Gray Court 01

Ele vai realizar suas fantasias mais selvagens, mas só se ela acredita nele.

Leo Dunne esteve procurando toda sua vida à pessoa que nasceu só para ele.

Encontrou trabalhando em sua própria empresa, mas a pequena e tímida Ruby Hallaway constantemente se esconde dele. Então trama um complô diabólico com sua melhor amiga para tirá-la de sua carapaça, e o resultado demonstra que seu desejo é igual por ele.

Ruby esteve louca por seu chefe há algum tempo, mas sabe que negócios e prazer não devem se misturar. Embora não possamos evitar que uma garota sonhe, por isso sempre tratou de não estar a sós com o bonito Leo. Isto dura até a festa à fantasia da empresa, onde descobre que a paixão por ele, deixou um rastro em sua alma.

Uma emergência familiar faz com que Leo tenha que se afastar, e em lugar de passar uma noite fora dos braços de Ruby, convence-a de ir com ele. Com a vida de seu irmão na linha, é vital que aprenda a lutar com quem e com o que, é seu novo amante, na realidade antes que seja muito tarde.

Disp em Esp: Las Excomulgadas

Revisão Inicial: Cris Reinbold

Revisão Final: Karla Costa

Envio do arquivo e Formatação: Δίκη

Talionis



Comentário Cris Reinbold: ...Prometo que de agora em diante não caminharei sozinho. Minha força será sua segurança, meu coração seu refúgio, e meus braços seu lar.

Comentário Karla Costa: MARAVILHOSO!! Esse livro é sensacional, início despretenso, mas quente... De um momento para outro a história cresce que é uma loucura. Vale muito, muito a leitura. Estou em cólicas aguardando o próximo... afff...

Dentro de cada pessoa existe a magia do amor, humano ou Sidhe, não importa.

Capítulo Um

— Quer que eu ponha isso?

— Shhh. Querida, isto ficará magnífico em você.

Ruby ficou olhando a roupa escassa que Mandy agitava com a mão diante dela como uma capa vermelha. O movimento era totalmente apropriado, já que Rubi se sentiria como uma vaca nela. — Não tem uma bonita roupa com cabaça? Oh! Que tal uma de *pony*? Talvez pudesse ser um *pony*.

Mandy a fulminou com o olhar. — Tem um corpo que a maioria das mulheres morreria. Está cheia de curvas e não de gordura.

— Não. Sério. Que tal uma dessas coisas de túnica? Com um capuz! Poderia conseguir uma faca de borracha e ser uma malvada feiticeira sacrificadora de humanos!

— Ruby! Já chega. — Mandy bateu um pé com impaciência frente às tentativas de Ruby de chegar a ela. — prova isso. Garanto que ficará incrível.

— Sou baixa e gorda, Mandy. Baixa e gorda. Não há forma de que possa sair com essa roupa e não parecer uma completa idiota.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Ruby fez uma última tentativa de avançar para a túnica de malvada feiticeira, só para que Mandy sustentasse a roupa de diabo vermelho com um sorriso maligno. A minissaia de couro, o espartilho de cetim e os chifres de cor vermelha pareciam como algo que a loira e linda Mandy poderia chegar a conseguir, poderia se sair bem. Pequena e bem dotada Ruby pareceria com uma idiota.

— Vamos, Ruby. — Mandy sacudiu a roupa, sorrindo maliciosamente.

— Desafio você.

Oh, não. — Não, Mandy. — Ruby se afastou da fantasia, rezando para ir suficientemente rápido antes que sua velha amiga dissesse — Dobro que se atreve.

Ahaha... infernos.

Nunca podia rejeitar uma provocação dupla. Mandy a colocou em mais problemas com essas duas palavras que ninguém que conhecesse. Mandy era a que desafiou duplamente Ruby para que se atrevesse a sair com Bobby no oitavo ano, embora por muito tempo ela se desculpasse. Desafiou Ruby inclusive quando Bobby se gabou por toda a escola dizendo que a pegou, mas que era uma péssima foda. Esse dobro a levou a incidente do Pôster de Lápiz de Pau que conseguiu a suspensão de Ruby por duas semanas e uma viagem de despedida ao baile de graduação. Na universidade, encontrou a si mesma caminhando para trás durante um dia inteiro, para provar que podia fazer. Embora tenha ganhado uma refeição grátis em seu restaurante favorito, contabilizando tudo: havia valido a pena.

Infantil? Sim. Mas não podia resistir a um desafio quando era desafiada, especialmente da forma que Mandy fazia. Quase podia ouvir o cacarejo das galinhas no fundo.

Rubi soprou e se voltou. Mandy acrescentou botas altas de couro negro e um cinto de couro negro. Uma gargantilha de veludo vermelho com uma joia de cristal negro pendurando completava o visual. Sorriu e sacudiu com a mão a roupa no rosto de Ruby.

— Oh, genial. Vou ser uma prostituta com fantasia demônio. — Ruby elevou uma sobancelha cínica e pôs suas mãos nos quadris. — Suponho que você irá como um anjo?

Os olhos Mandy arregalaram. — Oh, eu gosto dessa ideia. Espera aqui. — E Mandy se foi, deixando cair à roupa sexy de pequena diaba no chão. Ruby pegou o sutiã e o aproximou de seu amplo seio, e suspirou. Seria uma longa festa. Ver Leo com a loira que decidiu levar, só seria o adorno para o que sabia seria uma noite bastante patética.

Tinha que deixar de perguntar o que ocorreria a Leo usar como fantasia. Não tinha nenhum sentido. Leo Dunne, diretor geral da Eventos Dream, tinha mulheres literalmente, caindo sobre ele. O homem tinha tudo a seu favor. Cabelo negro, brilhantes olhos verdes e um corpo para morrer, tudo isso envolto em Armani, o epítome alto, moreno e bonito. Por que demônios um homem como ele queria ficar a cinco polegadas da insignificante Ruby?

Era certo que não era exatamente uma modelo de cerveja, não era alta, nem do tipo magro, que Leo escoltava pela cidade. Era uma droga que tivesse um amor enorme por ele. Tinha que superar e seguir adiante. Talvez dissesse que sim ao encontro que Mark da contabilidade pediu. Não era Leo, mas era lindo, e, o mais importante, disponível.



Pela extremidade do olho viu um homem alto, de cabelo negro saindo da loja de fantasias, e seu coração parou. Leo? Não. Não podia ser. Cada homem alto, de cabelo negro parecia com Leo nesses dias.

Ela soltou um bufo de desgosto. Mandy conseguiu encontrar a roupa exatamente igual em branco e prata, com halo de anjo. Parecia que estava presa para ir à festa na roupa de garota demônio. Pegou o resto da roupa do chão e Mandy a seguiu para o caixa.

Talvez não necessite um encontro. Talvez necessite terapia. Um programa de doze passos para superar meu vício por Leo Dunne. Comprou a roupa de demônio com uma careta, ignorando o sorriso satisfeito de Mandy. Pegou a bolsa da adolescente com aparelhos ortodônticos, sorrindo fracamente em resposta a seu Feliz Dia das Bruxas! Mandy fez sua compra e as duas mulheres saíram da loja. — Estou morta de fome. — Mandy olhou de cima abaixo a rua antes de cruzar. — Vamos por margueritas e por comida mexicana? Podemos chamar algumas das garotas e ter uma noite de festa.

OH, sim. Agora esse é meu tipo de terapia. — Parece ótimo. Vamos. — Ela entrou no conversível branco de Mandy um pouco mais feliz, ansiosa pela boa comida, uma bebida ou duas, e a comodidade de suas amigas. Com um pouco de sorte Leo ficaria fora de seus pensamentos.

Sua cabeça deu um salto no respaldo. E talvez os patos saiam voando de meu traseiro.

Leo olhou a seu redor na festa de Halloween e assentiu. Era estritamente para os empregados da Eventos Dream, em agradecimento por todo o duro trabalho que fizeram esse ano, e até agora todos pareciam estar adorando. Quase todos os seus empregados e seus pares se apresentaram. Estavam ainda em suas fantasias. Eventos Dream não fazia festa de Natal no escritório. Geralmente, não tinham tempo, com todas as festas que Eventos Dream coordenavam em torno do Dia das Bruxas. Assim que essa era sua festa anual, e ele fazia à maior.

Era sua época favorita do ano, porque enchia de fantasias todo mundo. E como um bônus adicional era o único dia do ano quando podia ir ao escritório sem camisa, e não ser detido por exposição indecente ou demandado por perseguição sexual.

Não convidou crianças. Essa era uma festa só para adultos, e se notava. Umas poucas pessoas tiveram, definitivamente, muito para beber já, por isso se alegrou de ter contratado os quartos do hotel para qualquer pessoa que sentisse a necessidade e não pudesse chegar em casa essa noite. A música tocava alto, fazendo que a conversa fosse quase impossível. Casais dançavam juntos na pista, rindo e falando. Pequenos grupos estavam dispersos no território em torno dos bailarinos, desfrutando do jantar bufê que mandou fazer. Ia bem, exceto por uma pequena coisa. Ela não estava ali ainda.

Ruby Halloway, a mulher que açoitou seu sonho durante meses. Perguntou-se onde estaria sua sereia pessoal. A festa começou fazia mais de uma hora, Ruby e Mandy não estavam à vista. Perguntou se ela teria decidido liberar Mandy. Não esperava. Morria por vê-la nesse espartilho vermelho. Conteve um sorriso, lembrando como o sustentou contra seu seio, vendo tão incerta. Levou toda sua força de vontade para ir dali. Quis acalmá-la, mas tinha medo de que



desaparecesse uma vez mais, como sempre fazia.

Demorou anos em achá-la. A primeira vez que entrou na empresa, captou o aroma tênue, difícil de alcançar que agora o atraía. Talvez se não tivesse estado tão ocupado aprendendo do negócio e tratando com os clientes, poderia ter posto mais esforço em perseguir esse aroma e encontrar à mulher que agora ostentava toda sua atenção, vigília e sonho. Em seu lugar ele desperdiçou todo esse tempo. Oh, não foi celibatário durante os últimos cinco anos. Saiu com muitas mulheres. Só que nenhuma foi ela. A mulher criada pelo universo só para ele.

Foi quando se converteu em diretor geral, assumindo o posto do anterior dono da empresa de eventos de Washington, DC, que ele finalmente a viu. Ruby Halloway. Esteve caminhando pelo corredor da contabilidade, falando com seu chefe, quando Leo parou em seco. Ela tinha o traseiro mais delicioso que teve o prazer de ver. Quis caminhar mais, tomar seu traseiro, e reclamar sua propriedade antes que ela soubesse o que a abateu.

E então ele captou seu aroma. Quase gemeu pela corrida selvagem do calor erótico. Foi só o empurrão de seu empregado o que o fez dar conta de onde estava. Imediatamente perguntou quem era a mulher.

Ela ouviu seu nome, levantou, e foi a um lugar desconhecido antes que pudesse conseguir se apresentar. Esteve fazendo o mesmo depois disso. Não sabia que ele estava ali, se ocultava ou saía. Estava ficando louco. Conseguiu ocultar sua presença uma ou duas vezes, e vislumbrou à mulher quente e divertida que realmente era. Finalmente, chamou à cavalaria em forma de Mandy, que esteve muito feliz em conectá-lo com sua melhor amiga tímida.

Teria feito seu movimento antes se não fosse por Kaitlynn Malmayne e as negociações com a família Malmayne. Esperava que agora entendessem que Leo não estava disponível para algo que desejassem dele. Finalmente conseguiu que Kaitlynn e sua turma fossem de volta de avião a Los Angeles. Já era o momento, já tinha até passado o tempo para reclamar a sua mulher.

Essa noite faria todo o possível em seu poder para ver se desta vez Ruby não tinha nenhuma razão para correr. Deu a volta em seu lugar outra vez, com um suspiro de decepção.

Isso se pudesse encontrá-la.

Quando por fim a viu, quase se afogou. As duas mulheres ficaram juntas, olhando ao seu redor. Elas, obviamente, acabavam de chegar e estavam revisando a festa, vendo quem estava ali. Mandy usava uma minissaia de couro branco, espartilho de cetim branco, cinto de prata, e gargantilha de cor branca com um amuleto de prata que pendurava dele. Suas botas altas de couro branco tinham saltos de dez centímetros, por isso sua estatura já impressionante era ainda mais. Tiras de tecido branco penduravam de duas alças que se sobressaíam de suas costas, e Leo pensou que estavam destinados a representar asas. Uma auréola de prata brilhava em cima dos cachos dourados que flutuavam sobre seus ombros.

Aparecendo por atrás das asas brancas estava a mais sexy pequena demônio que Leo jamais viu.

Usava a mesma roupa exata de Mandy, mas em vermelho e negro. Brilhante cetim vermelho se ajustava aos globos suaves de seus seios. O couro vermelho se grudava a seus quadris. Negras



botas até as coxas abraçavam suas pernas. Pequenos chifres vermelhos apareciam por seu cabelo castanho avermelhado. Um pequeno pendente negro de cristal pendurava da gargantilha de cor vermelha ao redor de seu magro pescoço. Parecia apavorada. Ele estudou seu rosto, com uma sensação de realização que nunca o deixava de aturdir. Era a mulher mais bela da festa.

Escuras sobrancelhas marrom se arquearam delicadamente sobre olhos mais escuros cor xerez coroados pelos mais longos, cílios que viu. Seu nariz tinha uma ligeira inclinação no final. Mordiscava ansiosamente seu lábio inferior, suas maçãs do rosto altas estavam avermelhadas pela excitação e o temor. Seus olhos se moviam ao redor da sala, em busca de algo ou de alguém.

Mandy tirou Ruby detrás dela e a empurrou a sala com um apertão que faria a um policial sentir orgulhoso. Ruby olhou a sua amiga e se meneou, obviamente tratando de soltar seu braço. Agitar esse pequeno traseiro fazia coisas a seu corpo que tinham que ser ilegais em vários estados.

De repente, desejou que suas calças de couro não fossem tão estreitas. Seu corpo saudou o pequeno demônio, lutando contra a pele. Quando ela deu uma respiração profunda, seus incríveis seios se empurraram para cima e fora do espartilho, o que obrigou Leo a engolir um gemido.

Maldição. Dizer a Mandy que desse uma mão para conseguir que Ruby relaxasse havia valido gravemente a pena. A mulher que açoitou seu sonho por meses parecia incrível. Inclusive com a roupa informal que usava no escritório soube que estava arredondada brandamente, como gostava em sua mulher. Ruby tinha seios generosos que rogavam pelas mãos de um homem e por sua boca, quadris que poderia montar com tempo a cavalgava até o esquecimento, e um traseiro que morria por afundar seus dentes. Voluptuosa, essa era a palavra. E seu aroma. O aroma de baunilha e pêssegos que flutuavam a seu redor onde quer que fosse. Era suficiente para conduzi-lo à loucura. Infernos, passou por uma padaria a caminho de casa outra noite e ficou duro e impotente por ter cheirado o aroma de baunilha flutuando para fora da porta. Se não tivesse sido pelas negociações com os Malmaynes, estaria atrás dela muito antes. Escotar Kaitlynn pela cidade e mostrar os lugares de interesse foi muito aborrecido. A doçura açucarada de Kaitlynn era como riscar uma unha em um quadro negro; não eram que fosse dizer isso à princesa loira, seus primos servis e egoístas eram ainda piores.

Caso tivesse que ver outro par de pernas longas, seio plano, meio morta de fome, absorta em si mesma e da alta sociedade se voltaria completamente louco.

Agora só tinha que convencer seu pequeno demônio tímido a lhe dar uma oportunidade, Moveu-se através da multidão, decidido a reclamá-la antes que alguém mais fizesse.

Ruby olhou Mandy, perguntando-se se os jurados a condenariam se matasse a sua melhor amiga. Mandy simplesmente sorriu e deu-lhe uma cotovelada, com o que Ruby perdeu o equilíbrio nesses malditos saltos de dez centímetros.

— Oh! — Chiou ela, preparando para cair ao chão de madeira dura.

Em troca, aterrissou em um peito duro, nu. Um peito nu com um calor incrível. O melhor homem com peito que jamais havia sentido antes em sua vida. Teve que resistir o impulso de tocar os músculos de rocha e dar uma estocada na ondulação sob a pele sedosa.

— Sinto muito— murmurou sentindo-se vermelha. Arriscou a olhar para cima. E mais acima.



O proprietário do peito era alto. Sua cabeça não superava seus ombros em seus saltos de dez centímetros. Mordeu de novo seu lábio inferior, com os olhos riscando seu caminho até o rosto anterior de seu tórax.

Oh, cara.

Os olhos verdes de Leo Dunne brilharam frente a ela, seus braços como bandas de aço estavam ao redor de sua cintura. — Olá, Ruby. — Tinha uma satisfação estranha em sua voz. O estrondo profundo, possessivo fez que um calafrio percorresse as costas.

Suas bochechas esquentaram quando percebeu como perto que estava de seu corpo. Empurrou contra a carne suave e quente. Ele a soltou a contra gosto, adulator, com as mãos nos quadris persistentemente, inclusive quando ela se empurrou de novo para levantar.

— Ummm, olá. — Ruby mentalmente fez uma careta de dor em resposta e ele ficou olhando com o olhar divertido e quente.

Quente?

— Você gosta de dançar? — Suas mãos se dobraram nos quadris, sustentando-a com mais força. Ela teve a impressão de que não era realmente uma pergunta.

— Quase sempre — Ouviu a voz de Mandy. — Os dois fazem par.

Ruby piscou e deu uma olhada mais de perto na roupa de Leo. Usava calças ajustadas de couro negro, botas de couro negro com um montão de fivelas de prata brilhantes, e não muito mais. Alguns chifres de demônio, vermelho e negro apareciam por seu cabelo escuro. Em uma orelha um brinco de rubi brilhava.

Ruby deu um olhar rápido a Mandy. De alguma forma ela não engolia o ato inocente de sua melhor amiga. Acrescentando que Mandy sabia tudo sobre seu amor por Leo, e que tinha uma estreita amizade com a secretária do homem, perguntava se de alguma forma Mandy fazia que coincidissem com o bonito diretor geral. — Sabe, não estou segura de poder dançar nestas botas — murmurou Ruby. Perguntou que tão rápido poderia escapar de Satanás antes de fazer o ridículo e que a baba caísse por todo seu corpo. Também se perguntou onde estaria seu encontro. Se for realmente afortunada poderia afastar antes que qualquer loira que estivesse com ele os visse e arrancasse o cabelo pela raiz.

— Dobro que se atreve. — Mandy sorriu maliciosamente.

Ha, infernos. Aqui vamos nós, outra vez.

A coluna de Ruby se endireitou, com seus olhos quebrando com moléstia e determinação. Ela tomou sua mão e virtualmente o arrastou à pista de baile. Não podendo dançar nos saltos, mas não viria mal pisá-lo com eles.

Foi graças a seu anjo da guarda que estava ali, mas que diabos foi tudo isso?

Deu a volta em seus braços na meia pista e bateu suas mãos sobre seus ombros o suficientemente forte para fazer uma careta de dor. Tratou de fazer que se movesse com ele, mas seu corpo não se dobrava. Era como dançar com um pedaço de madeira exótica. Linda, mas dura.

— Relaxe, Ruby. Não morderei. — Não morderei muito, pensou.

Ela o olhou fixamente. — E seu encontro?



Ele sorriu lento e faminto. — Vim sozinho.

— Oh.

Em todo caso, sua resposta a pôs mais tensa. A única parte boa do baile era a forma em que seus seios apertados roçaram seu peito. Ele viu a forma em que seus mamilos esticavam e sua ereção era ainda mais dolorosa atrás de suas calças de couro ajustados. Graças ao fato que era pelo menos um pé mais alto que Ruby podia ver toda essa fenda maravilhosa que o espartilho mostrava com máxima vantagem. Teve dificuldade para manter seus olhos em seu rosto, infernos, um santo teria tido dificuldades. Ela tratou de controlar sua respiração, mas ele sabia que estava tão excitada como ele.

E que estava tratando desesperadamente de esconder.

A música mudou a algo baixo e sensual, tentando aproximá-la ainda mais. Inclinou para ela e sussurrou no ouvido em um impulso, com sua voz deliberadamente baixa. — Relaxe e dance comigo. Dobro que se atreve.

Ela deu um salto. — *Relaxe e dance comigo. Dobro que se atreve.*

Merda.

Ela o olhou e viu a satisfação masculina sexy jogando nos cantos de seus lábios. Sua expressão a esquentou ainda mais, movendo à deriva preguiçosamente de seu rosto a seus seios, a provocação que acabava de emitir avivou seu olhar. Ele não acreditava que a aceitaria, e se notava. Cachos quentes de entusiasmo se desdobraram profundamente na boca de seu estômago. O desejo, estranha vez dirigido a ela, sustentou-a em seus braços. Ela sentiu uma chama respondendo profundamente no centro de seu ser, uma provocação a aceitar o que estava tão obviamente oferecendo.

Por uma vez, só por esta vez, ela o aceitaria, e ao diabo com as vozes em sua cabeça dizendo que só estava brincando com alguém como ela.

Ela permitiu que o desejo que sentia se desdobrasse. Sentia que se estirava, dobrava através de seu ser como um gato sensual, fazendo que seus mamilos se apertassem à espera. Sua calcinha umedeceu em resposta ao calor em seus olhos. Seus músculos relaxaram presos no formigamento de movimento através de todo seu corpo. Deixou cair suas pálpebras e o olhou por debaixo dos cílios. — Você gosta?

Foi minha voz esse sensual sussurro? A parte racional e sã de seu cérebro estava em choque. O pequeno demônio malvado que dançava nos braços de Leo riu alegremente enquanto deixava que sua gatinha sexual interna brincasse.

Ela começou a mover com a música. Seus quadris começaram a mover, fazendo que seu estômago acariciasse sua ereção. *Oh, wow. Isso é por mim?* A sensação de seu desejo somente aumentou o seu próprio. Seus seios se esfregaram contra seu peito em um convite sensual. Seus braços se estiraram languidamente para rodear seu pescoço, seus dedos se enredaram em seu cabelo escuro, movendo. Fechou os olhos, para desfrutar do melhor da música, com seu rosto inclinado para cima a seu convite inconsciente. Lambeu os lábios, deixando-os úmidos e fazendo biquinho de espera.



— Maldição — A maldição foi um gemido rouco e curvou seus lábios. Uma de suas mãos começou a acariciá-la pelas costas, movendo seu corpo a tempo com o seu. Ela abriu os olhos quando sua mão acariciou seu traseiro. Sua cabeça estava inclinada para baixo sobre a dela possessivamente. Sua outra mão a mantinha com firmeza contra ele, com seus dedos estendidos em seu cabelo. Sua máscara suave e normal se foi, deixando atrás de si o olhar de um predador faminto.

Merda. Todo seu corpo estava em chamas. Ele moveu uma de suas mãos até seu seio, sustentando. E ela não podia deixar de acariciá-lo, abrindo a mão para sentir seus músculos ondulando contra a palma de sua mão. Esses fortes e planos músculos que eram cobertos com a melhor seda, estavam mais quentes do que jamais teve o privilégio de tocar. Seu cabelo era suave e frio ao tato, um contraponto erótico à força em suas costas e pescoço. Quando o sentiu agachando para ela nem sequer ocorreu voltar atrás. A ideia de provar finalmente seu beijo era quase suficiente para pô-la de joelhos.

O primeiro roce de seus lábios contra os seus foi à coisa mais incrível que jamais sentiu em sua vida. Ele manteve seus beijos simples, fugazes, acariciando sua boca da forma em que seu pau roçava seu estômago, brincando com ela com o que havia debaixo de seus lábios e sua pele. Sua mão acariciou seu traseiro de uma vez possessivo e suave. Ela o olhou surpreendida pelo feroz desejo que conseguiu tirar dela com apenas uns toques. O desejo que estava estampado em seu rosto levou seus sentidos a sacudir.

Que diabo estou fazendo? Este é meu chefe!

Com um suspiro, ela se afastou. — O baile terminou— Voltando sobre seus calcanhares, com suas bochechas quentes de vergonha, virtualmente saiu da pista de baile e se dirigiu para o banheiro de mulheres.

Disse que não estava se *escondendo* de Leo. Depois de tudo, tinha que fazer algo com sua calcinha molhada ou terminaria manchando a saia de couro. Não?

Droga que não acreditava. Abriu a porta do banheiro e deu o ferrolho no interior enquanto a pequena covarde que sabia que era agradecida não ter quebrado o pescoço em sua loucura, tropeçando, com suas botas do inferno através do banheiro.

Capítulo Dois

Que diabo está fazendo?

Leo viu como sua pequena fantasia de diabo o deixava de pé no meio da pista de baile. Seu pau estava duro e dolorido e sua mente totalmente confundida. — Merda.

— Ruby é tímida.

Voltou para Mandy, que dançava com Dave de Marketing. Dave estava vestido como um viking, uma escolha fácil, com sua boa aparência loira.



Leo levantou uma sobrancelha a Mandy e recebeu um olhar em troca. — Sério. É tímida. Tive que apostar para que usasse essa fantasia. Acha que a pequena *Senhorita Conservadora* teria usado de outra forma?

Seu olhar viajou de retorno a seu pequeno diabo, bem a tempo para vê-la desaparecer no banheiro de mulheres. *Oh, não, não. Nada mais de escapadas.* Voltou o olhar a Mandy, piscou um olho, e se aproximou atrás de seu diabo, determinado que esta vez não o evitasse.

Antes de dar dois passos, seu anjo da guarda o puxou pelo braço. — Por certo, não acredita que é atrativa.

Voltou surpreso, e a olhou com incredulidade total. Ruby era uma das mulheres mais atrativas que jamais viu. Ela encolheu os ombros. — Há uma história ali, algumas coisas que nem sequer eu sei, mas é a verdade. Pensa que é baixa e gorda.

O quê? Pensa o quê?

A imagem dela nesse espartilho ardente, e a saia sedutora, com as botas sexys... Como podia pensar que estava gorda? Não estava gorda, era perfeita. Ele respirou fundo e deixou escapar o ar. — Obrigado, Amanda. Agradeço toda sua ajuda.

— Não tem problema. Mas, para que saiba chefe ou não, machuca-a e eu contrato alguns meninos muito corpulentos para arrancar a cabeça e arrancar o restante mais abaixo.

Ela sorriu e dançou fora dos braços de seu viking, deixando Leo com uma expressão perplexa em seu rosto. Voltando para o banheiro das damas, espreitou por perto, esquivando os grupos sociais que estavam por ali. Evitou à descarada ruiva um pouco bêbada, com a esperança de que fosse uma das empregadas tomando vantagem dos quartos livres. Com uma piscada e um encolhimento de ombros, assinalou o banheiro das damas. Ela suspirou com nostalgia e se dirigiu ao bar, deixando-o de pé nas sombras.

Leo cruzou os braços e esperou que Ruby voltasse para ele. Levou semanas para pôr esse plano em ação. Não havia forma no inferno que a deixasse afastar dele esta noite. Não até que soubesse se era ou não o único. Mas pela forma em que seu corpo e sua mente estavam reagindo, estava bastante seguro dos resultados. Agora tudo o que tinha que fazer era reclamá-la. Sorriu à porta, disposto a confirmar o que todos os sentidos já haviam dito que era verdade.

Ruby não sabia se era possível morrer de vergonha ou não. Estava tão vermelha e quente por sua dança erótica com seu chefe (seu chefe pelo amor de Cristo!!) que estava literalmente tremendo.

— Ouça bonita! Todos nos perguntamos quem por fim teria captado a atenção de Leo. — Susanne, a secretária do departamento de contabilidade, mostrou um polegar para cima ao entrar no banheiro.

Ruby mordeu o lábio. — Não tenho sua atenção!

Suzanne começou a rir. — Quer apostar? Está de pé fora do banheiro das damas, e duvido que esteja me esperando!

Ruby suspirou.

— Oh, por certo, disse que deve sair, e ele aposta o dobro que não se atreve.



Merda.

Ele estava vendo a porta, esperando que Suzanne entregasse sua mensagem. Ruby apareceu à cabeça o suficiente para mostrar a língua, retrocedendo de novo antes que pudesse pegá-la. Podia ouvir sua risada através das portas fechadas.

Ele começou a rir. Mostrar a língua a ele como a uma criança de dez anos, e riu.

— Oh, vamos, Ruby! — Ela podia ouvir a risada em sua voz, quase podia imaginar o sorriso de menino mau que estaria em seu rosto. — Vem dançar comigo? Por favor?

Algo em seu interior diminuiu um pouco. Sua risada foi genuína, não do tipo que doía, mas sim do tipo que queria fazê-la participar. Esteve tentada a olhar, mas havia boas probabilidades de que estivesse um pouco mais perto da porta desta vez. Perguntou se poderia esperar aí até que a festa tivesse terminado.

Não. Muito juvenil. Além disso, da maneira que ele agia, poderia entrar e tratar de procurá-la. Ou pior ainda, enviar Mandy. Com um suspiro endireitou seus dois chifres, e sua coluna, e se dirigiu à porta.

— Boa sorte! Suzanne saiu do banheiro com um sorriso e se dirigiu aos lavabos.

— Obrigada — murmurou Ruby, abrindo um pouco a porta e aparecendo. Não conseguiu que a porta se abrisse quando uma mão forte, masculina passou para dentro, agarrou-a pelo braço e puxou para fora. Puxando atrás dele, Leo se dirigiu à pista de baile. Envolvendo-a na segurança em seus braços, sorriu. — Apanhei-a.

— Pensei que era um demônio não um homem das cavernas— queixou-se, tratando de não dar conta de como cheirava bem, falhando miseravelmente.

— Não sou Lúcifer. Sou só um menino muito quente.

Ruby o olhou fixamente, com sua mandíbula caindo em estado de choque. Não sabia se ria ou gritava para pedir auxílio. — Não posso acreditar que disse isso. — Um sorriso malicioso saiu em seus lábios. — Espera, esquece isso. Posso acreditar sim.

Ele riu, abraçando-a mais perto, com a cabeça inclinada sobre ela em um movimento que gritava posse. Suas mãos percorrendo suas costas, aterrissando em seu traseiro e apertou. — Embora pareça mentira— sussurrou balançando-a mais perto da sua dolorosa ereção.

Inclinou e a beijou. E não deu um desses beijos simples de mariposa que deu antes. Oh, não. Desta vez parecia que tinha a intenção de passar seus dedos por sua boca.

O choque correu através de seu sistema. *Oh... meu Deus, Estou sendo beijada por Leo Dunne!* Se for porque perdeu uma aposta, sua mente... Oh...

Ele saqueou sua boca e ela perdeu sua linha de raciocínio, presa no calor e na maravilha de desejo de Leo.

Enquanto lançava sua língua entre seus lábios para dançar com a dela, gemeu e foi tudo o que pôde fazer para manter sua mão firme. Pequenas piscadas de luz dançaram atrás de seus olhos, sua magia quase saiu do controle. Algo fez clique em um lugar dentro dele. Suas veias ferveram de alegria, com ternura para a pequena mulher em seus braços, enchendo-o até condenadamente estar perto de transbordar. Deus do Céu sabia! Ela era única! Separou do beijo,



respirando com dificuldade, com sua mente confundida ao saber que finalmente, por fim encontrou à mulher que nasceu para ser dele.

Ruby engoliu, com o rosto cheio de calor aturdido. — Ajuda?

Ele se inclinou rapidamente e lambeu a união de seu pescoço e ombro. Sentiu tremer sob suas mãos. Oh, estava em um ponto quente. Teria que estudá-lo mais a frente. — Me alegre. — Ouviu o toque Irlandês em sua voz e não importou. Ele tinha a sua mulher em seus braços e tudo estava bem no mundo.

A música lenta que esteve flutuando deu passo a algo um pouco mais enérgico. Leo levantou a cabeça e olhou a seu redor procurando um anjo alto, loiro. Encontrando Mandy ocupada com seu Viking, Leo decidiu fazer seu movimento. Tomou seu pequeno demônio pela mão e puxou para a porta do salão.

— Aonde vamos?

Podia ouvir o nervosismo em sua voz, mas quando olhou para trás sua expressão era divertida. Ela segurava sua mão, tratando de manter o equilíbrio nos sexys saltos de dez centímetros. Quando tropeçou e se endireitou ele franziu o cenho, resistindo a tentação de simplesmente levá-la. Não acreditava que ela estaria de acordo com isso ainda, apesar de que seu homem das cavernas interior ficaria muito feliz. — A algum lugar particular.

Ela puxou com força sua mão parando em seco. — Pare amigo. Não estou segura de que seja uma boa ideia.

Ele se voltou e olhou para ela, fazendo todo o possível para parecer inofensivo. — Só quero conversar, longe de todo o ruído. Não quer tirar as botas por um momento sem ter que preocupar-se de ser pega?

Viu a indecisão em seu rosto, com uma ligeira brincadeira deixando seus olhos. — Tem certa reputação dentro da empresa, Leo. Sejamos realistas, não sou exatamente seu tipo. Inclusive se fosse, eu não gostaria de ser outra marca no poste de sua velha cama.

Na realidade ele sentiu seu calor até as maçãs do rosto. Esclareceu a garganta, tratando de encontrar a forma de chegar a um acordo com ela para que deixasse a festa com ele. — Se prometer que não a tocarei sem sua permissão, virá comigo?

Ela mordeu os lábios, claramente decidida.

— Dou minha palavra de que não farei nada que não queira que faça. — Levantou uma mão e a apertou contra seu coração, com uma pose teatral ferida. — Não confia em mim?

Para seu deleite, levantou uma sobrelanceira cética. Ele começou a rir, deixando a pose. — Minha palavra é ouro, você sabe.

Ela entrecerrou os olhos a ele. — Promete isso?

— Prometo. Minha palavra é ouro, querida. — Captou uma baforada de seu maravilhoso perfume e quase gemeu. Sua mão apertou ao redor dela, desafiando-a a puxar a sua.

— Bom, está bem. — Ela tinha o cenho franzido. Ele sorriu angelicalmente e a puxou atrás dele, sem dar a oportunidade de pôr mais obstáculos.

Uma vez fora do salão de baile se dirigiu para os elevadores. — Não estou pensando em



passar a noite com você — ela murmurou, mordendo o lábio.

Não surpreendia que ela dissesse isso, tendo em conta como considerava sua reputação. O fato de que sua reputação fosse exagerada em sua maioria não importava, só o que ela percebia o fazia. Teria que encontrar uma forma de arrumar isso. — Está bem. Não estava pensando nisso tampouco. — Planejando não. Com esperança, sim.

Parecia um pouco mais relaxada, por isso decidiu não pressioná-la.

Entraram no elevador e apertou o botão do apartamento de cobertura, resistindo o impulso infantil de gritar para o céu *Sim!*

O apartamento de cobertura era absolutamente incrível, com as paredes em papel dourado, com tecidos cor vinho que cobriam o sofá e as cadeiras de mogno e um centro de entretenimento. Uma pequena cozinha, com uma mesa pequena e duas cadeiras. Ela assumiu que o quarto era mais que perfeito. A parede do fundo do quarto era de cristal, oferecendo uma vista incrível da cidade a seus pés, tudo iluminado à noite como maior árvore de Natal do mundo. O tapete sob seus pobres pés doloridos era suave e luxuoso, com um tom mel quente.

Com um profundo suspiro de satisfação, Ruby se deixou cair no sofá e considerou a possibilidade de tirar as botas. Leo a olhou por um momento, vendo incerto, como se ela pudesse só ir e fugir dele. Quando ela se agachou e começou a abrir o zíper de sua bota, poderia ter jurado que ouviu um suspiro de alívio. Ela o olhou curiosa, mas ele estava de costas para ela e estava muito ocupado servindo bebidas para os dois. Ela tomou as duas botas e as pôs debaixo do extremo da mesa, movendo seus dedos no espesso tapete, com um gemido decadente rapidamente afogado. Maldição, era muito bom ter tirado essas botas estúpidas.

Leo entregou o copo de Coca Cola e sentou-se à mesa de café frente a ela. — Dei conta na festa passada de que não bebe muito, assim pensei que apreciaria isto.

Ela se surpreendeu de que tivesse prestado atenção nela ou que lembrasse. A festa do escritório foi há umas seis semanas, uma festa de despedida para um dos rapazes do TI. Fazia todo o possível para aderir às sombras, evitando Leo. Não quis fazer ridículo babando por ele. Além disso, levou alguma harpia loira com ele. A mulher fez caras durante toda a festa, deixando bem claro que preferiria estar em algum lugar a sós com Leo.

Ruby estava absurdamente contente de que notasse apesar de suas tentativas de não captar sua atenção. Viu que tinha a outra metade de soda no copo, e seu sorriso se converteu em uma risada. Quando ele aproximou o copo para um brinde silencioso, ela jogou seu cabelo para trás e chocou seu copo antes de tomar um gole.

— Assim, me conte a respeito de você. — Ela inclinou a cabeça para ele e encolheu os ombros. — Sei algo a respeito de cada um dos empregados da empresa, exceto de você. É um enigma total.

Ruby mordeu os lábios e suspirou. Estava certo. Fazia um bom trabalho para evitá-lo. — Vamos ver. Tenho vinte e quatro anos, nunca me casei, tenho uma licenciatura, e, bom, vivo só, a exceção de minha gata, Cliona.

Ele engasgou com um bocado de soda. — C-Cliona?



Bateu as costas. Não sabia que muitos homens amadurecidos estariam dispostos a admitir que gostassem dos contos de fadas. — Você gosta dos contos de fadas irlandeses?

Podia sentir que estava lutando com um sorriso e perguntou. — Poderia dizer isso. Meus pais são irlandeses. Por que o nome de sua gata é o de uma rainha das fadas?

— Ela é uma gata, portanto já é uma rainha. — Rubi encolheu os ombros, perguntando por que estava um pouco envergonhada. — Eu gostei do nome e da lenda.

— Ela escapou de Tir Nan Og com um amante mortal, só para que as fadas a roubassem de novo.

Ruby sentiu que ruborizava sob o intenso escrutínio de Leo e voltou o rosto para olhar o copo em sua mão. Era como se estivesse tratando de ler sua mente. — Acredito que deveriam ter permitido estar com seu amante. Não foi justo que as fadas decidissem que não era o suficientemente bom para ela. — Ela empurrou uma mecha de cabelo atrás da orelha e poderia ter jurado que ouviu um suave gemido. — De todo jeito, mais ou menos Cliona dirige o lugar. — Olhou-o pela extremidade do olho. — Tem algum mascote?

Ele assentiu. — Na realidade, tenho vários. Tenho um gato chamado Clannad.

— Como a banda?

Ele assentiu. — Também tenho um cão que se chama República da Irlanda, e um cavalo chamado Sr. Ed.

Era sua vez para engasgar com um gole de soda. — Sr. Ed?

Ele encolheu os ombros, vendo com um pouco de vergonha e muito atrativo. — Gosta de responder.

Ela riu. — Meus pais seguem juntos e vivem em São Petersburgo. E os teus?

— Ainda muito apaixonados. Têm uma fazenda em Nebraska.

— É um jovem fazendeiro de Nebraska? — Ela podia ouvir a incredulidade em sua voz e mordeu os lábios, esperando não tê-lo ofendido e terminar com uma das melhores noites que teve em muito tempo.

Uma sobranceira se levantou misteriosamente. — Quer ver enganchar um arado e cavar um sulco?

— Talvez mais tarde. — Ela ruborizou e voltou seu olhar para baixo a seu copo. Agora o que me fez dizer isso?

Deu muitos pontos de brownies por não soltar sua risada.

Bebeu um gole do refrigerante antes de pôr o copo na mesa de café. Inclinou, cruzando as mãos e com os cotovelos apoiados nos joelhos. — Meus pais emigraram da Irlanda depois de que meu pai conheceu e se apaixonou por minha mãe. — Ela sentiu mais que viu seu encolhimento de ombros. — É curioso, como se sente a respeito de Cliona. A família de minha mãe... Bom, digamos que são de classe alta. A seu julgamento, meu pai estava abaixo deles, assim quando minha mamãe decidiu casar com ele ameaçaram deserdá-la.

Ela o olhou nos olhos e não viu dor ou arrependimento ali. — E sua família os vê?

Ele suspirou. — Meus avós faleceram. O resto da família só nos vê de vez em quando, e



sempre é um pouco incômodo. Mamãe não pode esquecer a forma em que trataram papai, mas papai não guarda rancor. No que a ele diz respeito, só queriam o melhor para sua filha.

— Parece um bom homem.

— É. — Havia uma total convicção em sua voz que traía seu amor e respeito que sentia para seu pai. Ruby se encontrou revisando sua opinião a respeito de um chefe playboy. Parecia como alguém cuja família significava muito para ele.

— Tem irmãos ou irmãs? Ruby não tinha nenhum, mas adorava ouvir falar dos outros.

— Tenho uma irmã menor, Moira, e um irmão maior, Shane.

— É o filho do meio? Como terminou chamando Leo?

Ele foi para trás, com o rosto cheio de risada e lembranças. — Por pedra, papel ou tesoura.

— Como?

— Meus pais jogavam “pedra, papel ou tesouras” para averiguar nossos nomes. Cada dois de cada três ganhavam. Papai ganhou duas vezes, mamãe ganhou uma vez.

— E foi Leo?

— Assim é. Ela disse que rugiu como um leão desde o dia em que nasci.

Não pôde evitar. Começou a rir.

— Como seus pais terminaram chamando-a Ruby?

— É o personagem favorito de um romance de minha mãe. Era tão forte, e minha mãe queria isso para mim. É uma espécie de amuleto da boa sorte.

Houve um breve silêncio contemplativo, cada um deles tratava de pensar no que dizer ou o que fazer a seguir. Era estranho, já que não pareciam incômodos, como os silêncios deveriam ser. Não era que muitas pessoas se sentissem cômodas. Surpreendentemente Leo Dunne parecia ser um deles.

— Tem fome?

Seu estômago rugiu com força com o pensamento de comida.

— Levarei como um sim. — Sorriu e entregou o cardápio do serviço de quarto. — Pede o que queira, vai por minha conta.

— Obrigada. — E que bufê seria! Ruby estremeceu e olhou para baixo o cardápio, tratando de não imaginar quão gostoso pareceria ele coberto de mousse de chocolate.

A comida foi excelente, a carne foi suave, as batatas perfeitas, o vinho não muito doce. Leo se assegurou de pedir uma sobremesa com creme batido, só para vê-la lambe-la colher com seus carnudos e sensuais lábios e sua língua de cor rosa. Este era o melhor primeiro encontro que alguma vez teve. Estava relaxada e rindo, contando histórias a respeito de seu departamento de contabilidade que normalmente teriam causado que seu cabelo ficasse em pé.

Seus olhos ficavam quentes com uma cor mel deliciosa quando ela estava feliz. Ele poderia olhá-los durante horas, e sentia como se já tivesse feito. Ascendeu às velas sobre a mesa, tratando de acrescentar um toque de romantismo à refeição. A luz dançava através de sua pele, criando sombras intrigantes que morria por explorar. Apenas podia conter-se. Queria tocá-la tanto que realmente doía. Seu coração estava pulsando a mil por hora e suavam as mãos tanto que teve que



limpar várias vezes nas calças. Era um milagre que ela não acreditasse que ele era um idiota total. Não tinha ideia do que disse durante todo o jantar.

Ela estava brincando com sua taça de vinho, com uma expressão suave e brumosa, com suas histórias finalmente esgotadas. Ela se aproximou e empurrou uma mecha de cabelo atrás da orelha, deixando a descoberto um lado de seu pescoço, e ele abriu a boca, sabendo que algo estúpido sairia e terminaria com a melhor maldita noite de sua vida.

— Posso beijá-la?

Ele viu a forma que sua respiração mudou ao seu pedido, obstruindo primeiro, logo saindo mais rápido. Era tudo o que podia fazer para não puxá-la da cadeira para seu colo. Um pouco de luz brilhante saltou de sua mão. Rapidamente ele colocou as mãos debaixo da mesa, esperando que ela não tivesse notado. Nunca desejou alguém tanto, a ponto de ser incapaz de controlar seus poderes. — Prometi que não tocaria sem sua permissão. — A necessidade de colocá-la em sua cama, de amarrá-la, e de não deixá-la ir era tão forte que o sacudia. Apertou os punhos em seu colo, conseguindo ter sua magia sob controle com um incremento de sua vontade.

Quando ela umedeceu os lábios ele quase perdeu o controle outra vez. — Sim.

A suave, qualidade nervosa de sua voz só acrescentou a seu atrativo. Queria cuidar dela, fazer saber que não tinha nada que temer, nem dele nem de ninguém mais, nunca mais. Ele a protegeria com tudo o que tinha, sem importar o custo.

Ficou de pé e estendeu a mão. Ela tomou sua oferta e deixou que ele a ajudasse a ficar de pé. Levou-a até o sofá e a ajudou a sentar, sua confusão era visível. Parecia que ela estava esperando que a beijasse de pé. Ele preferiria estar confortável, e o sofá era luxuoso e acolhedor, um pouco como a mulher sentada sobre ele. Sentou a seu lado e tocou a bochecha com sua mão. Ela se apoiou inconscientemente, com um movimento que falava de uma confiança que não se ganhou ainda, mas estava decidido a demonstrar que não estava errada. Muito lentamente se inclinou e pôs seus lábios sobre os dela.

Ela tinha sabor de chocolate e vinho, doce e rica, com esse toque subjacente da mulher que o punha quase louco. Não podia esperar para ver como seria o resto de seu sabor. O ar estava cheio de seu aroma, por isso a cabeça deu voltas com necessidade. Ele pôs suas mãos sobre seus ombros e a segurou em seu lugar enquanto começava uma exploração pausada de sua boca até que ambos estiveram sem fôlego.

Ruby sentiu que seu seio se levantava em um grito silencioso com suas mãos. Seu beijo foi facilmente a coisa mais erótica que jamais sentiu em toda sua vida. Ela se inclinou para ele, levantando suas mãos para acariciar seu peito nu. Sua pele parecia incrivelmente sedosa, quente sobre seus músculos duros, com um punhado ligeiro de pelos ao redor de seus mamilos cor marrom escura tendendo a desaparecer em suas calças de couro ajustadas. Ela esteve observando seu peito nu durante todo o jantar, morrendo por ter suas mãos nele, e agora fazia, deslizando para cima e para baixo, com seus dedos apertando agradando pela sensação incrível dele. Ela foi recompensada por seus esforços com seu estremecimento. *Oh, sim, deixa meus dedos caminhar!*

Seu beijo ficou mais faminto, com uma de suas mãos movendo até seu cabelo, seus dedos



enroscando para agarrar a parte detrás de sua cabeça e incliná-la. Ele começou a violar sua boca, com sua língua empurrando dentro e fora em uma promessa do que queria fazer com ela. Só bêbada o suficiente para ir com a corrente, mas não tão bêbada que não soubesse exatamente o que estava a ponto de fazer, passou suas mãos por seu peito até que seus dedos roçaram seus mamilos. Ela deu com eles a seu desejo, beliscando seus pontos duros um pouco, sua recompensa foi o gemido que ele não pôde conter.

Quando a empurrou contra o braço do sofá foi voluntariamente, com sua calcinha já empapada com seus sucos. Manteve uma mão enterrada em seu cabelo, sustentando-a em seu lugar. Com a outra foi à parte dianteira do espartilho de cetim vermelho para mostrar seus seios ao ar frio do quarto. Suas ações foram o suficientemente lentas para que pudesse tê-lo detido em qualquer momento, mas ela não tinha nenhum desejo. Seus mamilos, já duros e doloridos, roçaram seu peito, enviando sacudidas de prazer diretamente a seu clitóris. Inconscientemente, ela começou a mover seus quadris contra ele, em silêncio rogando por suas mãos, por sua língua, por qualquer contato que estivesse disposto a dar. Nunca sentiu esse tipo de fogo com um homem. Sua força era aterradora, mas a ideia de afastar era ainda mais aterradora.

Quebrando o beijo, ele começou a morder seu caminho para baixo, detendo um momento em seu sensível pescoço e ombro até que ela se estremeceu de necessidade. Uma de suas mãos se aproximou da parte detrás de sua cabeça e o manteve com ela. Lambeu e chupou, com seus dentes raspando ao longo de sua pele antes de encontrar o ritmo. Com a forte sucção de sua boca ela só sabia que estava deixando seu rastro nela. Arqueou para ele, mordendo o lábio inferior pelas incríveis sensações que puxavam de sua boca diretamente a seus mamilos e clitóris.

Bruscamente ele se sentou, com sua respiração agitada no silêncio do quarto. — Maldição, Ruby. Melhor que me diga agora se quiser que pare. Estou chegando a um ponto sem retorno.

Ela olhou sua garganta mover enquanto engolia saliva. Podia ver como o estava afetando. Ele respirava profundamente, olhando seus seios nus, faminto e com um pouco mais escrito no rosto. Quando passou a língua por seus lábios disse algo, com seu corpo arqueado ligeiramente para ela inconscientemente, em uma súplica por mais. Nunca se sentiu assim antes, como se fosse morrer se não o tinha nesse momento.

Ele apertou os punhos aos lados para não tocá-la, suas pernas acomodadas escarranchado sobre suas coxas, tremendo pela necessidade óbvia de mantê-la firmemente no controle. — Escolhe.

Ela podia ver a tensão de não tocá-la que se apoderou dele. Mantinha estável, olhando-a, com todo seu corpo apertado pela necessidade. Tremia, à espera de sua resposta, e sabia que se negava a deixaria ir. Era provável que os matasse a ambos no processo, mas ele o faria.

Isso dizia muito a respeito dele que manteve sua palavra de não tocá-la sem sua permissão. Ela o olhou com os olhos pesados com luxúria e lançou sete anos de prudência ao vento. Quando teria uma oportunidade como esta de novo? Homens como Leo não costumam sair com as mulheres como ela, mas essa noite, não havia dúvida em sua mente que ele fez. — Faz.

Uma sobrancelha se arqueou. — Fazer o que, Ruby?



Ela se lambeu os lábios, nervosa de repente. — Tome.

A emoção cruzou seu rosto, muito rápido para que ela visse o que era. Surpresa talvez? O prazer brilhava ali agora, misturando com a luxúria. — Quer que faça Ruby? — O mínimo indício de um acento aumentou seu incrível atraente sexual. Por um lado se agachou para tomar seu mamilo. Por outro iniciou uma massagem frouxa a seu pau atrás do zíper. Seus olhos foram atraídos ao seu olhar, quase sem querer antes que se voltasse para ele.

— Faça amor. — Ela olhou para ele, com sua voz suplicante e pesada com o desejo. — Por favor.

— Será um prazer.

Capítulo Três

Leo quase gozou em suas calças. Tomou todo seu autocontrole evitar que a magia escapasse dele. Se ela olhava qualquer lugar, provavelmente veria a pequena luz dos vaga-lumes lançadas ao redor do quarto, algo que não aconteceu antes. Nunca se perdeu assim. Tinha um problema com sua voz, uma súplica que estranha vez escutava.

Leo decidiu que de agora em diante ele se encarregaria de que nunca duvidasse de sua aparência de novo.

Com isso em mente, moveu a mão para acariciar o pau em seu colo. Com um sorriso malicioso em seu rosto começou a avançar pouco a pouco para cima, deixando descobertas as meias à altura de sua coxa e calcinha de tanga vermelha que usava encontraram seu surpreendido olhar.

— Maldição, gatinha. Eu gosto de seu gosto para roupa íntima — Acariciou seu montículo coberto, ganhando um assobio de prazer. Ele volteou sua mão e tomou o que facilitou que o tecido fosse a um lado suficiente para permitir que desse estocadas através de sua boceta empapada. Ele baixou o olhar e estremeceu com necessidade.

Ela estava completamente depilada. — Tão malditamente sexy. — Não podia esperar para vê-la descoberta, mas primeiro queria vê-la gozar. Raspou seu clitóris, ver de perto suas reações, tratando de vê-la ficar louca de desejo. Ela se arqueou em sua mão com um grito suave, deixando sair o fôlego. — Aí, gatinha?

Tomou o peito com sua mão livre, acariciando a suave pele ao redor de sua auréola antes de passar ao mamilo de cor marrom. Seus dedos a acariciaram em círculos para que coincidissem com o ritmo que estava usando em seu clitóris. — Preciosa. Tão fodidamente linda.

Ela se curvou contra ele, com suas mãos acariciando seu peito, com os olhos fechados com prazer. Ele começou a acariciá-la para fazê-la chegar ao clímax, morrendo por ver seu rosto em êxtase.

— Por favor, Deus, por favor! — Ela declarou sem fôlego.



Ele se inclinou e tomou um mamilo em sua boca. Chupou-o e lambeu tão duro como pôde. Pôs dois de seus dedos em sua boceta quente, úmida, igualando a força com a que puxava de sua boca para acariciá-la com seus dedos. Ele manteve seu olhar em seu rosto, medindo suas reações pelas expressões que revoavam através dela. Pelo que podia ver não passaria muito mais antes que ela se desabasse sobre a borda.

Ele a mordeu, deixando-a sentir a borda de seus dentes. Ela gozou com um grito, com seus músculos apertando para baixo sobre seus dedos, como um parafuso a um banco. Antes que ela terminasse, tirou a calcinha e chupou seu clitóris com sua boca, prolongando seu orgasmo.

Ela desceu do orgasmo, com sua respiração entrecortada. Ele se moveu para chupar seu clitóris e lambeu sua boceta, tratando de acalmá-la sem perder esse toque de excitação que planejava usar para ir ainda mais longe. — Deus, foi tão bom. — Havia uma nota de surpresa em sua voz.

Ele começou a rir feliz de tê-la satisfeito. Ele regulou um breve pensamento aos amantes que ela teve que falharam, mas decidiu que os perdedores não valiam mais que isso. Depois de tudo, era a perda deles e muito mais seu ganho. — Não se preocupe gatinha, a noite é jovem. Será muito, muito melhor.

— Muito melhor que isto, e terá que estar explicando minha morte por orgasmo ao médico forense do estado.

A risada sem fôlego em sua voz o esquentou. Premiou-a com outra longa e lenta lambida.

— Oh! Oh... me... Leo, o que está fazendo?

— A comendo, querida— sussurrou contra sua carne úmida, inflamada. Não pôde evitar. Era a boceta mais doce que viu. Mordiscou o clitóris e ela o recompensou com um gemido sem fôlego.

— Oh. De acordo.

Leo reteve outra gargalhada. Nunca teve uma amante que fizesse querer rir na cama antes. Descobriu que gostava disso nela. Começou a passar sua língua por seu clitóris, lambendo-a como um gato a um recipiente de creme. Colocou dois dedos e começou a empurrar languidamente dentro e fora. Suas coxas estremeceram. Olhando-a por cima de sua roupa de cetim a viu brincando com seus mamilos, fazendo seus bicos ficarem duros uma vez mais. Seu pau se converteu em uma rocha dura atrás das calças de couro ajustadas com a vista dela desfrutando de seu corpo.

Se ele não a fodia logo, explodiria.

Ela gemia e ofegava de desejo, com seu corpo arqueando sobre o veludo cor Borgonha do sofá, com seus formosos seios acariciando em suas mãos. Ela começou a subir na onda para outro orgasmo, com sua expressão esquisitamente dolorosa. — Por favor, por favor, por favor, — murmurou ela sem fôlego.

— Diga meu nome— Sussurrou lambendo sua boceta.

— Leo.

— Uma vez mais. — Tomou seu clitóris entre seus lábios e cantarolou, usando a adequada quantidade de sua magia para enviar vibrações aumentando incontrolavelmente através dela.



— Leo! —Ela deu um grito, com seu nome soando através do quarto de hotel, com seu corpo inclinado no sofá, com seus braços voando em cima de sua cabeça, com seus dedos afundando nas almofadas. Uma de suas mãos a agarrou pelo quadril, evitando que os lançasse aos dois do sofá com a força de seu orgasmo.

Ela gemeu, descendo do que pareceu como um inferno de orgasmo. Ele continuou em seu colo, tirando os dedos dela para puxar o zíper de suas calças de couro, tão condenadamente duro que se machucou.

Ela abriu os olhos aturdida e o olhou. Sua língua tocou sua boceta empapada e ela estremeceu em resposta. Seu olhar quente encontrou o dela, sua mão se moveu para baixo, a suas calças. Imaginou baixando o zíper com os dentes de uma vez. Ela tratou de levantar, só que ele a sustentava.

— Fique aí. — Sua ordem era escura e desigual. Levantou e tirou seu pau duro como rocha de suas calças, acariciando brandamente. Ela não pôde afastar os olhos dele. Ele deslizou uma perna por cima dela para meio ajoelhar no sofá sobre seu peito, com um pé no chão, mantendo-o estável. Manteve sua cabeça púrpura em seus lábios, com uma expressão exigente em seu rosto. Ela ficou imóvel, esperando ver o que fazia.

Ruby nunca deu a ninguém uma mamada antes, mas depois de ter dado dois orgasmos alucinantes com sua língua e lábios, pensou que devia uma. Além disso, que tão difícil podia ser? Era inteligente. Leu alguns romances muito úmidos. Conhecía a dinâmica da coisa.

Lembrando algumas coisas que Mandy disse e o resto que leu, lambeu brandamente a cabeça de seu pau, respirando seu almíscar, seu aroma masculino. A gota de líquido na ponta era de uma vez doce e salgada, e ele se estremeceu quando ela o lambeu com delicadeza. Sentiu que seu corpo cobrava vida uma vez mais, com seus mamilos em posição firmes. Ele se agachou e apertou um, enviando um prazer agudo diretamente a sua boceta. Sua outra mão se moveu a seu cabelo para sustentar bem sua cabeça. Ela abriu os lábios e ele deslizou a cabeça de seu pau, o peso quente estranho em sua língua.

Chupou-o, suspirando satisfeita quando pareceu satisfazê-lo. Olhava-o através de seus cílios, podia ver seus olhos grudados a sua boca. Leo começou a mover seu pau entre seus lábios, sustentando sua cabeça com sua mão.

Acariciou o eixo com a língua, ganhando um gemido. Ele fechou os olhos, com seus dedos em seu cabelo cada vez mais firme em torno da parte detrás de sua cabeça. O calor se aconchegou em seu estômago com seu agarre firme, surpreendendo-a. Ela começou movendo cuidadosamente sua cabeça para trás e para diante, curvando seus quadris para encontrar com sua boca.

— Deuses, neném, isso. Lambe gatinha. Usa sua língua.

Ela obedeceu a sua ordem brandamente, acariciando seu pau com sua língua. Quando ela acariciou suas bochechas e o chupou com força, tirou de sua boca um assobio. — Ainda não, gatinha. Não quero gozar em sua boca.

— Não disse que a noite era jovem? —Sua própria ousadia a surpreendeu.



Ele a olhou fixamente, surpreso e satisfeito. — Sim. Sim, fiz, não? — Ele guiou a cabeça de seu pau de novo entre seus lábios. — Chupa gatinha. Faça-me gozar.

Ele começou a mover com mais força entre seus lábios, seus olhos não deixavam a visão de seu pau entrando e saindo de sua boca. — Isso é tudo, gatinha. Deuses, isso é bom. Vou gozar logo.

Podia saboreá-lo agora, com esse sabor doce salgado mais forte que antes, e se perguntou se ele estava perto. Sua respiração acelerou, seus quadris se curvaram mais rápido contra ela, e com um gemido fez erupção em sua boca, alagando-a com seu gosto. Ela não estava preparada para isso. Fez todo o possível para engolir, mas quase se afogou com algo escapando dela e com sua boca gotejando. Ele gostou da expressão de seu rosto quando gozou. Seguiu olhando para ela, com seu rosto em indefeso êxtase. Seguiu chupando inclusive depois e foi recompensada com um sorriso feliz, satisfeito. Ele tirou a cabeça de seu pau meio ereto e a pegou com sua língua em um beijo que foi de uma vez tenro e possessivo, surpreendendo-a. Não acreditava que ele queria dar um beijo depois de que gozou em sua boca, mas por seu calor supôs que não importava. Acariciou o cabelo enquanto dava o beijo e seus braços se deslizaram ao redor de seu pescoço, com seu coração saltando estranhamente em seu peito. Em certo modo, era ainda mais íntimo que o sexo que fizeram. Levantou-a do sofá e a balançou em seus braços como se não pesasse nada. — É hora de despir, gatinha.

Girou sobre seus calcanhares e a levou ao dormitório.

Uma vez dentro do quarto de cor borgonha e creme deixou-a no chão. Tirou o espartilho vermelho, saboreando cada pedaço da pele exposta, beijando-a e mordiscando pontos aparentemente ao azar até que ela esteve disposta a rogar porque lambesse seus mamilos. Ele caiu de joelhos frente a ela e abriu o zíper da minissaia vermelha de couro. Deslizou por suas pernas até o chão, incluindo sua tanga vermelha. Ela saiu da saia, agora vestida só com as meias até a coxa. Seus dedos deslizaram sobre o nylon com suave doçura, tocando cada centímetro de suas sedosas pernas, até que deslizou à união de suas coxas. Com um grunhido selvagem afundou o rosto em sua boceta, lambendo seu clitóris freneticamente.

Com um grito de surpresa, ela gozou. Suas mãos se fecharam firmemente nos globos de seu traseiro, sustentando-a em seu lugar, deixando que o montasse. Quando terminou, ele se levantou e puxou ela a seus braços, beijando-a sem piedade. Seus dois sabores se combinaram em sua língua, fazendo-a quase morrer pela necessidade. Ela se separou do beijo. — Foda-me, Leo.

Leo olhou seus olhos selvagens e gemeu. Saiu de seus braços e caiu de joelhos com um olhar faminto. Ela passou as calças pelas pernas e deu um suave beijo em seu pau. Com suas mãos suaves conduzindo a loucura com um toque ligeiro em seu traseiro, em suas bolas, inclusive na parte detrás de seus joelhos. Seu pau saltou com atenção, desejoso de mais. Desabotoou as botas, virtualmente jogando-as. Ele terminou de tirar as calças, morrendo por ver o que sua gatinha faria depois.

Ela tomou seu pau em suas mãos e começou a bombeá-lo. Ela moveu para cima e para baixo o eixo, puxando em uma carreira ascendente de modo que suas bolas ricocheteassem para trás e



para frente. Ela lambeu a cabeça púrpura, chupando-o até que uma gota de líquido pré-seminal brotou da ponta.

— Merda— disse entre dentes, tratando desesperadamente de não gozar de novo em sua pequena boca gulosa surpreso pelo forte desejo dela esta vez, sobre tudo tendo em conta os orgasmos explosivos que já teve. Ele se agachou para cair a seus pés. Ela foi voluntariamente, rindo quando ele a levantou e a jogou sobre a cama com um grunhido gutural. Leo começou a subir por seu corpo, parando só o suficiente para sugar seus mamilos até que ela esteve molhada e se retorcia debaixo dele. Miados de prazer saíam de seus lábios vermelhos e inchados por seus beijos, com sua expressão em parte de prazer, em parte dolorida. Mordiscou as pedras duras de seus mamilos com os dentes, quase gozando nesse momento quando sua cabeça se arqueou para trás, deixando descoberta a longa linha de seu pescoço. A medida foi intrinsecamente submissa, mostrando sua confiança nele. Sentia como um homem das cavernas reclamando sua mulher. Ele caiu em cima dela, empurrando suas pernas com os joelhos separando-as e se sentou entre elas. — Tenho que fode-la agora— murmurou com os olhos abertos, aturdidos e em choque. Inclinou-se a ela em um beijo selvagem que sustentou o fôlego dos dois.

— Leo— Ela ofegava quando soltou seus lábios, com sua expressão meio aturdida de temor, meio louca de desejo. Nunca viu nada mais atraente em toda sua vida. Tinha as mãos em seus quadris, puxando para ela. Suas unhas estavam afundadas nele, marcando sua carne.

Tomou as duas coxas em suas mãos e se enterrou em sua boceta apertada. Com um grito afogado, gutural empurrou dentro dela, enchendo-a, com suas bolas aterrissando contra seu traseiro.

Minha.

Nunca em toda sua longa vida, havia sentido algo tão incrível como a boceta úmida que agora o rodeava. Observando suas reações, deu conta quando seu corpo relaxou no seu e esperou. Era quase como se fosse uma virgem, mas uma virgem não poderia ter dado tal êxtase. Ele respirou profundamente, com a expansão de seus sentidos ao máximo. Não, não cheirava ao sangue de uma virgem, com nenhum indício em sua mente que esta era sua primeira vez. Talvez passasse algum tempo para ela. Pulsava em seu interior, tratando desesperadamente de conter enquanto ela se ajustava a seu tamanho.

Infernos, passou um tempo para ele também, com todos esses rumores contra ele. Desde que havia visto certo traseiro perfeito inclinado sobre um escritório, para ser exatos.

Quando por fim abriu os olhos e olhou, sorriu, tratando de tranquiliza-la, enquanto seu corpo clamava para que começasse a empurrar agora. Quando ela umedeceu os lábios quase se perdeu.

— Está bem, agora? —Podia ouvir a súplica em sua voz. Se não desse um “o.k.” logo, ficaria a choramingar e sua gentileza sairia pela janela.

Ela assentiu. Com um baixo e reverente obrigada, e ele começou a empurrar dentro e fora de seu corpo quente e úmido.

Ruby parecia como se tivesse sido empalada com um tronco de árvore. Ele era muito, muito



maior que Bobby *Pau Magro*, agora compreendia que o apelido foi muito preciso...

Ela começou a mover seus quadris ao ritmo de suas estocadas, com o movimento acariciando seu clitóris contra a base de seu pau. As sensações enviavam foguetes através de seu corpo que realmente gostava, assim começou a acelerar. Quando ele se queixou, ela o olhou.

Sua cabeça estava arremessada para trás, com os olhos fechados, com seu rosto com uma careta de paixão. Ele se moveu dentro e fora cuidadosamente, porque tinha medo de fazer mal. Tinha que se conter.

Ao diabo com isso. Esta era a primeira vez que tinha relações sexuais em sete longos anos, e era com Leo Dunne. De nenhuma forma ia deixar que agisse com calma com ela!

Ela alcançou suas mãos, deslizando ao longo dos músculos lisos de seu peito. Ela simplesmente não podia conseguir o suficiente. Ele se metia dentro e fora de seu corpo com facilidade. A sensação dele movendo-se por cima dela com uma graça primitiva a fez querer tocá-lo, provar cada polegada, enquanto se retorcia em suas mãos. Quando chegou a seu estômago puxou e empurrou mais sobre ela, o que a fez ofegar de prazer.

Ela chegou atrás e agarrou os globos firmes de seu traseiro, vendo seu pau transportar dentro e fora de seu corpo com atenção. O espetáculo era fascinante, algo que nunca pensou que veria nem sequer em seus sonhos mais loucos. Puxou, tratando de conseguir mais dele em seu interior. — Lento gatinha. Está muito apertada. Quanto tempo?

— Sete anos— murmurou ela puxando suas nádegas.

Ela gemeu quando ele se parou. — Sete anos?

— Leo— Ela odiava queixar, mas maldição, algumas situações o requeriam. Esta era sem dúvida uma delas.

Ela suspirou de alívio quando ele começou a mover de novo, empurrando-se dentro e fora mais forte agora, como se o fato que não conseguisse nada em sete anos fora excitante para ele. Com um suspiro de satisfação ela o sentiu assentar totalmente dentro pela primeira vez. Fechou os olhos, saboreando a sensação de seu pau grosso e duro dentro dela movendo com velocidade crescente.

Leo ouviu sussurros em sua cabeça ao ritmo de suas estocadas: *minha!*

Não havia se sentido tão bem desde... Infernos! Nada havia sido tão bom.

Podia sentir sua magia enrolar ao redor deles, um brilho, uma cortina reluzente e não podia fazer nada a respeito. Não havia forma de que pudesse controlar seus poderes.

Sua magia perfumava o ar com baunilha e pêssego, o que a fez sorrir. Sua expressão suave quase acabou com ele, tão doce e sexy, um sorriso que ele se prometeu então, que nenhum outro homem voltaria a ver. Esse olhar particular era dele.

Começou a puxar seu corpo, cada vez mais rápido, empurrando a si mesmo dentro e fora dela cada vez com mais urgência. As luzes que os rodeavam começaram a brilhar mais e mais, com seu clímax cada vez mais perto. Deu conta da forma em que se movia e gemia debaixo dele que estava a ponto de explodir. Tinha que assegurar de que isso ocorresse primeiro. Precisava que sua primeira vez juntos fosse perfeita para ela.



Não poderia aguentar muito mais. Seus olhos estavam até fortemente fechados, seus dentes mordiscavam seu lábio enquanto ela se forçava em seu contrário. Com o cenho franzido, com o lábio curvado, e sabia que ela estava quase ali. Chegou entre eles e puxou seu clitóris com a esperança de empurrá-la mais para a borda final.

Ela gozou gritando, jogando sobre ele, puxando-o por volta dela com tanta força que quando gozou todo seu corpo pulsou com a luz e o quarto a seu redor se iluminou como em quatro de julho. Podia sentir palpitando dentro dela, com seu prazer quase cegando, ele gozou e banhou seu ventre, com sua luz banhando sua pele, reclamando, marcando-a como dele.

Ele desabou contra ela, meio morto pelo melhor sexo que teve em sua vida, e se perguntou quão rápido poderia falar de sua união.

Ruby flutuava de um lugar tão alto que não pode respirar. Havia um peso pesado, quente cobrindo. Podia sentir que alguém respirava com dificuldade junto a seu ouvido. Ela abriu os olhos.

Leo estava cobrindo, seus braços apertando-a com força, como se tivesse medo que ela se levantasse e corresse da cama. Suas coxas estavam embalando, seu pau, agora suave, começava a deslizar de seu corpo.

Talvez ela realmente deixasse de respirar. Poderia ter jurado que viu um clarão, luz piscando rodeando-os. Um claro sinal da falta de oxigênio.

Ela riu.

Leo se agitava contra ela, curvando seus lábios, fazendo cócegas em um lado de seu pescoço. Levantou para olhá-la. — Importaria me incluir na brincadeira?

— Acredito que me privei de oxigênio.

Ele inclinou a cabeça, com uma pergunta em seu olhar.

— De fato, vi luzes pequenas faz um minuto, como as vê quando está subindo a montanha e o ar é realmente escasso.

Ele franziu o cenho, preocupado. — Experimentou realmente isso?

Ela riu de novo. — No Discovery Chanel.

Ele deu a volta para seu lado com um suspiro, juntando-a com seu corpo inerte, satisfeito com o seu. Beijou-a na testa com ternura, e ela estremeceu assustada.

— Eu não sei você, mas estou esgotado. Vamos dormir Ruby.

— Oh, mas...

— Nada de mas, gatinha. — Ele levantou a cabeça e a olhou, com uma mistura de ternura e de ordem em seu rosto. — Vai dormir.

Ela lambeu os lábios. De repente, as coisas pareciam um pouco mais intensas do que planejou. — Não estava pensando em passar a noite.

— Eu não estava pensando em fazer amor esta noite, tampouco. — De repente, sério disse: — Fica comigo. — cortou sua respiração ao ver sua expressão. — Não me deixe antes de amanhã. — antes que pudesse responder, inclinou e a beijou com uma ternura que a deixou sem fôlego. —



Por favor.

Só vacilou um instante. Com um suspiro suave se aconchegou contra ele, escondendo o rosto em seu peito. Fechou os olhos, quis que seu corpo dormisse. Não passou muito tempo para que a combinação de vinho, do calor e do incrível sexo brandamente a acalmasse para dormir.

Não viu o alívio que cruzou o rosto ou a ternura enquanto a olhava dormir em seus braços.
— Minha.

Jaden Blackthorn passeava pelo corredor, sem olhar nem à esquerda nem à direita. Foi chamado ali, e não gostava nem um pouquinho.

Pegar o híbrido não foi fácil, mas soube que não seria. Era forte, e esse poder único fez as coisas um pouco delicadas em um dado momento, mas ele se retirou do trabalho.

Agora, Deranged Darling queria algo mais dele. Infernos, nesse ponto estava considerando pagar seu alojamento e comida desde que virtualmente vivia na mansão. O único que fazia suportável era que o traseiro elegante da Rodeo Drive estava preso no leste do Bumblefuck, Nebraska.

Ele desejava desesperadamente que a casa Malmayne fosse um rancho. Adoraria vê-la com merda de vaca em todo seu Prada.

Chegou à porta no final da sala e a abriu. Não se deixou impressionar pelo simples rico da madeira de cerejeira, dos veludos e das sedas. Nada disso significava um caralho, além de demonstrar que podiam dar-se o luxo de pagá-lo. Esta casa pertencia lorde Cullen Malmayne e era tão fria como o dono. A casa que Jaden compartilhava com Duncan era muito mais quente.

Por outro lado, um iceberg de gelo seria mais quente que esse lugar. Não podia esperar para sair de lá e voltar para casa.

Malmayne, o ancião, estava falando com sua filha, tratando uma vez mais de conseguir que seu louco traseiro encontrasse a razão. Jaden reteve seu suspiro e esperou.

— Shane está aqui e poderia cumprir o contrato, Kaitlynn.

— Não quero Shane. Quero Leo — fez uma careta com uma voz rouca, feminina.

Se não fosse por que a voz pertencia a uma das mulheres mais mimadas que Jaden encontrou, enviaria tremores de luxúria por suas costas. Em seu lugar, estremeceu e se voltou para olhar à loira alta e elegante. Seu cabelo dourado branco estava em um simples giro francês ao estilo Grace Kelly. Passou uma sombra de cor rosa pálido, como complemento de sua pele branca, com o material sedoso aferrando a suas subestimadas curvas. Os sapatos de salto alto que combinavam, estavam amarrados a seus delicados pés, fazendo insistência na grande longitude de suas pernas. Seus olhos cinza olhavam a seu pai com uma expressão triste, com sua boca deliciosa inclinada para baixo nas bordas.

Jaden escondeu outro estremeção. Essa boca tinha dentes mais afiados que os seus, e isso já era dizer algo.

Malmayne o idoso suspirou. — Vou ver se podemos negociar com Leo, minha querida, mas ele rechaçou todas as outros insinuações. Talvez, se Leo negar, deva reconsiderar Shane.



Jaden atento para eles, esperando em silêncio e com a quietude que só os de sua espécie podiam obter. Escutou esse argumento antes, e sabia que Cullen Malmayne voltaria a perder. Abriu seus sentidos aos arredores, escutando os batimentos do coração de todos os que o rodeavam, contando até que encontrou inclusive dois, escondidos dos guardas de Malmayne. Jaden ocultou seu conhecimento dos vigilantes, mantendo seu rosto de aborrecimento.

— Sr. Blackthorn. Obrigado por vir.

Jaden piscou e voltou seu escuro olhar, mais penetrante para a loira. — Srta. Malmayne.

Esteve a ponto de permitir que seu sorriso escapasse a sua careta de desgosto. — Gostaria de sentar, senhor Blackthorn?

— Não, obrigado, Srta. Malmayne. Prefiro ficar de pé.

Houve um momento de confusão em seu rosto antes que ela piscasse e desse seu falso, doce sorriso. — Sr. Blackthorn, tenho outro trabalho para você.

Jaden assentiu. — Como pensei, do contrário não teria chamado. — Ele sorriu o que permitiu que seus dentes piscassem para ela.

Viu como endireitava as costas com indignação antes de continuar. Sua expressão era doce como a sacarina. Merda. E agora o que? A última vez parecia que queria que sequestrasse alguém. Entregou uma folha de papel. — Quero que faça o pedido de resgate à família Dunne.

O sorriso de Jaden se desvaneceu com uma careta que rapidamente limpou de seu rosto. Tomou o papel à contra gosto. A fama da organização era grande, mas ele já estava começando a se arrepender de receber ordens da cadela com a testa alta. Merda, se Duncan estivesse em casa...

Mas Duncan não estava em casa, e Cullen o velho sábio, não podia negar nada a sua filha. Roupa, automóveis, joias. Pessoas.

E tinha coragem para chamá-lo vampiro. Fazia que uma sanguessuga honesta tremesse de medo.

Com um suspiro Jaden se voltou para encontrar um telefone.

— Não ligue daqui, idiota! Encontra alguma linha telefônica anônima.

Jaden se voltou, com os olhos brilhantes de cor vermelha com irritação. — O que acha de ir à loja Wal-Mart e utilizar o telefone público ali, carinha doce? Tem um cartão de chamadas que possa usar?

— Não me chame assim! — Jaden amava essa nota áspera de irritação em sua voz. Tomava essa voz suave, doce e a convertia em uma plataforma de brilho verbal. — Faz o que digo ou direi a Jeremy West qual é seu ponto débil. Não tem uma árvore de fresno em sua propriedade?

Jaden empalideceu. — É uma puta. — Se Jeremy encontrava sua debilidade, Jaden estava perdido. E até que pudesse encontrar a forma de fechar a boca permanentemente tinha que fazer o que dissesse. Se Duncan respondesse suas malditas mensagens.

— Sei. — Ela olhou para baixo suas unhas perfeitas, com esse sorriso doce em seu rosto, e Jaden teve que manter pela força suas mãos em si mesmo. — Seria uma vergonha se Jeremy descobrisse como pode destruir por completo, não?



Com um grunhido, ele deslizou fora do quarto e fechou a porta no rosto mimado.

Odeio essa cadela. Olhou o número no papel e se dirigiu para seu quarto particular, voltando névoa através do seguro. Pegou seu telefone e fez a ligação que ele recebeu a ordem de fazer, todo o tempo desejando que Duncan voltasse logo.

Havia um trem de mercadorias que circulava fora de seu quarto. Era estranho, já que seu apartamento não estava em nenhum lugar perto das vias do trem. Ruby gemeu e puxou um travesseiro sobre sua cabeça.

Ou tentou fazer, de todos os modos. Algo mais estava no travesseiro. — Saia, Cliona — murmurou, batendo com sua mão no gato.

Houve um bufo, seguido por um — How...! — de uma voz masculina profunda.

Os olhos de Ruby se abriram de repente. Olhando e sustentando seu nariz estava Leo. — Ummm. — Os acontecimentos da noite anterior se precipitaram através de sua cabeça, com o que o calor subiu a suas bochechas. — Bom dia.

— Bom dia. — Se não tivesse visto o princípio da felicidade paquerando ao redor de sua boca estaria mortificada. Como é só estava horrivelmente envergonhada.

— Machuquei você? — Ela estirou uma mão e acariciou a ponta do nariz.

Tomou a mão e beijou a palma, com calor, humor e ternura brilhando em seus olhos à luz da manhã. Inclusive pareciam de uma cor diferente, surpreendentemente claro e luminoso. — Estou bem, gatinha— Com um gemido deu a volta e se estirou, com um lance de seu corpo inteiro jogando seus braços sobre sua cabeça, com seu peito incrível inclinando acima da cama. Ela apostava que se olhava sob as cobertas veria os dedos de seus pés dobrando. E a chamava sua gatinha. Nesse momento, lembrava um gato selvagem e elegante, todo músculos e tendões e homem.

— Que tal uma ducha antes de tomar o café da manhã?

Ela piscou, olhando-o. Ele saiu da cama, com seu corpo magnífico à luz da manhã. Que obviamente não era de uma cor dourada bronzeado, tampouco. Não havia nenhuma só linha de bronzeado nele. Ela sabia, viu. Muito de perto.

— É óbvio, há outras coisas que podemos fazer antes do café da manhã.

Ele a surpreendeu olhando seu traseiro apertado e firme. Seu grunhido sexy enviou corridas de calor através de seu sistema. Ah, sim. Ela poderia ir por mais disso.

Seu estômago, entretanto, tinha outros planos. Grunhiu em voz alta. — Ou não— ele riu chegando até ela. Tomou sua mão e a tirou da cama. — Vamos tomar café da manhã, e tomar uma ducha, então.

Antes que pudessem chegar ao banheiro escutou a canção de The X-Files procedente das calças de couro de Leo.

Leo pegou sua calça e tirou seu telefone celular. — Olá papai, o que houve?

Ruby conteve um sorriso. *The X-Files? Não seria o que eu escolheria para meu pai.*

A expressão do rosto de Leo pouco a pouco mudou de gostoso a surpreso. Seu sorriso se



desvaneceu, sua preocupação por sua nova amante passou por cima de todos os bons sentimentos que despertou nela. — Quando? — Ele a olhou e estendeu a mão. Ela pegou e deu uma puxada pela forma em que seus dedos se curvaram apertando ao redor dela. — Estou a caminho — sussurrou fechando o telefone. Apertou em seu punho, sem deixar de olhá-la inexpressivamente.

— Leo? O que acontece?

Ele piscou e respirou fundo. Parecia... Devastado. — É Shane.

Ela vestiu um dos robe de cortesia, com a faixa ao redor de sua cintura. Olhou-o fixamente, sabendo que esse era o final de sua manhã idílica. — Seu irmão?

Ele ficou ali, construindo em seu rosto uma raiva ardente, e soube que algo terrível aconteceu. — Foi sequestrado.

Ruby olhou pelo vidro do avião, uma vez mais e se perguntou como demônios se deixou convencer para isso.

Ele a tinha olhado fixamente durante um momento, nu, vulnerável, e sofrendo, e não pode evitar. Ela foi a ele, permitindo segurar-se a ela, com seu corpo grande tremendo de raiva e de dor.

Essa vulnerabilidade não durou muito. Logo se encontrou ao telefone, fazendo acertos para o voo, pedindo o café da manhã para os dois, enquanto fazia o necessário para ir para sua família.

Rapidamente ela tomou banho, enquanto ele caminhava, sabendo que teria a necessidade de sair o mais breve possível e que precisava tomar banho antes de ir. Vestiu com a saia vermelha e com o espartilho, sentindo-se ainda mais incomoda que se sentiu na festa.

Ele tomou a ducha mais rápida que jamais viu alguém tomar em sua vida, depois vestiu as calças de couro negro e as botas que usou a noite anterior, menos os chifres. Esteve falando no telefone durante todo o café da manhã, com o rosto duro, com uma expressão dura e fria. Ocupou-se de delegar algumas de suas responsabilidades do escritório, deixando que seu pessoal soubesse que estaria ausente. Era óbvio que não tinha nenhuma intenção de voltar até que seu irmão fosse encontrado. Uma pequena parte dela estava em duelo por isso, mas a maior parte estava de acordo com ele.

Ao momento em que terminou deveria estar morto de fome. Seu estômago estava grunhindo com tanta força que se surpreendeu de que seu pessoal não pudesse escutar através do receptor. Pegou o telefone para chamar um táxi para levá-la para casa, porque não queria sobrecarregá-lo com nada em um momento tão ruim. — Alô? Preciso um táxi em...

Surpreendeu quando sentiu que o receptor era tirado das mãos. — Não importa, a senhora não precisará do carro — Desligou o telefone e ficou olhando-a, desafiando-a a dizer algo.

Ela lambeu os lábios e, por apenas um segundo, viu que seus olhos se esquentavam. — Leo, não é necessário que se preocupe por mim neste momento. — Pôs sua mão sobre seu braço, olhando-o com preocupação. — Tem que preocupar-se por sua família. Posso ir para casa.

— Fiz acertos para que uma limusine venha e nos pegue. Pararemos na minha casa primeiro,



vou organizar tudo, e logo nos dirigiremos à sua. Nosso avião sai em quatro horas.

Sua boca abriu, mas não saiu nada. Ele elevou a mão e a empurrou fechando a mandíbula com um dedo, com uma expressão cheia de determinação implacável. — Leo. O que quer dizer com “nosso avião”? — Estava orgulhosa do fato de que sua voz não tremesse.

— Vai comigo para Nebraska.

— Vou para minha casa, mudarei de roupa e a levarei. Você vai a Nebraska.

— Não brigue comigo nisto, Ruby. — Sua voz igual seu rosto, dura e sem concessões.

— Não pode chegar e me levar para Nebraska, Leo! Um: é um crime federal sequestrar a alguém, porque disse que não. Dois: não importa, porque disse que não. Além disso, o que acontece a Cliona? — Suas mãos foram a seus quadris, tocando com a ponta do pé o tapete grosso e suave. Algo assim como queria sapatear em sua cabeça grossa e suave.

— Tomando cuidado. Mandy esteve de acordo em cuidá-la.

A mandíbula de Ruby voltou a cair, esta vez com ira. — O quê?

— Suas malas devem estar organizadas no momento em que chegemos ali. Megan foi muito útil.

— Não tinha nenhum direito!

Reorganizou sua vida sem sequer consultá-la. *Bom, ao menos não tenho que chamar a meu chefe e dizer que não irei amanhã.*

Ele não pretendia entendê-la. — Tinha todo o direito.

— Leo — protestou, só para ser calada quando pôs seus dedos na boca.

Sua mandíbula se apertou, com a dor escapando através da determinação de seu rosto. — Necessito você comigo. Não me pergunte mais que isso. Não posso explicar isso ainda. Só que... Necessito que confie em mim. Por favor. Necessito de você.

O forte e arrogante Leo Dunne pediu seu apoio. Assim ali estava, voando a caminho para Nebraska, de todos os lugares. Ao lado de Leo e ajudando a atravessar isso.

Sou uma idiota. Uma idiota em um avião.

Sua cabeça estava no encosto e fechou os olhos, mas ela sabia pela forma em que seus dedos se seguravam ao redor de sua mão que estava longe de dormir. Seu polegar de vez em quando a acariciava. Não podia dizer se estava tratando de acalmá-la ou a si mesmo. Podia sentir a tensão de seu corpo que estava longe da calma, e se perguntou por que era que ele a queria com ele tanto. Suspirou profundamente, apertou a mão e se voltou para a janela, esperando que pudesse ser o que ele precisava.

Leo acariciou a mão de Ruby e tratou desesperadamente de manter a calma apesar do medo que fazia um buraco no estômago.

Ele não podia acreditar que ela aceitou vir, mas estava eternamente agradecido de não ter tido que forçar a situação. Caso fosse necessário, teria utilizado sua magia para levá-la a bordo desse avião, e malditas fossem as consequências.

Ao diabo com o escritório. Ao diabo com o protocolo. Precisava dela com ele. Teria que explicar tudo uma vez que se encontrassem na fazenda.



De nenhuma forma a deixaria fora de sua vista. Graças a ele e a tê-la reclamado, estava em perigo e nem sequer sabia.

Seu irmão poderia ser a vítima, mas tinha a sensação de que ele era o resgate.

Capítulo Quatro

Ruby estava uma vez mais, olhando por uma janela, mas dessa vez era a janela da Lincoln Navigator que tinha recolhido Leo no aeroporto. — Seus pais tiveram notícias dos sequestradores?

Leo a olhou, logo voltou sua atenção à estrada. — Não, ainda não. Além da chamada telefônica inicial para fazer saber que foi sequestrado, não souberam mais nada.

— Sabem por que o levaram?

— Poderia ter uma série de razões. Em primeiro lugar, sabem que é meu irmão, e que pagaria o que fosse para trazê-lo de volta. — Suas mãos apertaram o volante. — Também poderia ter algo que ver com a família de minha mãe. Há quem ainda não aceite seu casamento.

Ela o olhou assombrada. — Está de brincadeira... Depois de todos estes anos?

Seu sorriso era amargo. — Digamos que eles têm boa memória.

Ela assobiou e não se surpreendeu quando ele voltou sua atenção de novo a sua forma de dirigir. Ficou em silêncio durante todo o caminho para fazenda, de vez em quando suas mãos apertavam o volante. Pela expressão de seu rosto teria apostado tudo que estava imaginando os sequestradores de seu irmão.

Ela ficou em silêncio o resto da viagem, com o tempo ficou adormecida com a cabeça contra a janela.

Era de noite quando Leo finalmente parou na fazenda de seu pai. Todas as luzes estavam acesas na antiga casa vitoriana, mas isso não o surpreendeu. Quando disse a sua família que levaria a alguém com ele, soube que estariam mais que curiosos. Nunca levou uma mulher a sua casa com ele antes. E inclusive se o fizesse, nunca levaria a sua casa uma mulher comum com ele nas atuais circunstâncias.

Colocou a caminhonete e parou frente à casa de seus pais, não se surpreendeu de que não houvesse outros carros que os que pertencentes à família imediata. Desligou o motor e se voltou no seu assento para olhar Ruby.

Ela estava começando a despertar, olhando a seu redor, para ela, um ambiente desconhecido. Viu reagir a casa, com seus olhos amplos em toda a vista da casa vitoriana. — Já chegamos. — Sua voz era rouca pelo cansaço. Voltou para ele, olhando-o tão cansado. — Tudo está bem, Leo. Vão encontrá-lo.

Seu consolo esquentou o lugar frio que se estabeleceu em torno da boca de seu estômago. Quando pôs uma mão contra sua bochecha, ele soube que se já não tivesse apaixonado por ela, teria que ter perdido seu coração nesse momento. Ele voltou o rosto na palma de sua mão e a



beijou, aceitando a comodidade que oferecia. — Obrigado.

Ela não perguntou por que estava dando obrigado. Só esperou no carro enquanto ele se aproximava para ajudá-la a sair com um sorriso sonolento que foi direto a seu coração.

— Leo.

Ele se voltou para encontrar seu pai de pé no alpendre, olhando para ele com as mãos nos quadris, com a brilhante luz do alpendre em seu cabelo escuro meia-noite. Os olhos azuis da cor de um céu do verão franziram o cenho para ele. — Entre. Faz frio aqui fora.

Esse acento irlandês, seguro e estável, passou através dele, acalmando-o igual o que fez quando era criança.

Seu pai se voltou para Ruby, sorrindo com uma quente e triste boas vindas. — Bem-vinda a minha casa.

A sua casa? Pensei que os pais de Leo continuavam possuindo o imóvel? Ruby viu que o homem, que parecia não ser mais que uns poucos anos mais velho que Leo, descia os degraus do alpendre. Seu longo passo, determinado recordou vividamente a forma em que Leo se movia. O homem se aproximou deles, e Leo passou o braço pelos ombros e a abraçou perto do calor de seu grande corpo.

Ela parou em seco quando o homem tomou sua mão ao redor do braço de Leo. — Bem-vindo a casa, filho. — Sua voz tinha o acento da Irlanda nele, cheio de calor que perdeu brevemente a primeira vez que apareceu no alpendre.

Leo se voltou para o outro homem, e de repente os dois se abraçaram. — Desejaria que a volta para casa fosse a melhores circunstâncias, papai.

Espera aí. Papai?

Esse homem de cabelo escuro, caminhando sensualmente era o pai de Leo?

— Papai, eu gostaria que conhecesse Ruby Halloway. Ruby, este é Sean Dunne.

O homem levantou sua mão a seus lábios e beijou os nódulos. — Bem-vinda Senhorita Halloway. Eu gostaria de tê-la conhecido em melhores circunstâncias.

— Obrigada, senhor Dunne. Sinto muito por seu filho.

O pai de Leo assentiu, com sua expressão escurecendo. — Obrigado. — Voltou-se para Leo, com as sombras desaparecendo. — Leva sua mulher para dentro e apresente-a de forma adequada a sua mãe. Ela está esperando por você. — O homem tomou as chaves de Leo e se dirigiu a cabine da caminhonete. Voltou e piscou um olho, abriu o porta-malas e começou a retirar suas malas.

— Vamos, Ruby. Vamos apresentá-la a minha mãe.

Ruby não podia arrastar seus olhos do galã Irlandês apesar de que Leo estava devorando-a pelos degraus do alpendre. — Wow!

Ela nem sequer sabia que sussurrou seu pensamento em voz alta até que Leo parou e franziu o cenho para ela. Sorrindo fracamente, ela deu um passo adiante, preparada para que abrisse a porta de entrada.

A porta se abriu antes que pudesse tocá-la. Frente a ela estava à mulher mais incrivelmente



bonita que viu. Não era muito mais alta que Ruby. O cabelo da mulher caía até sua cintura, em uma cortina reta, brilhante de cor vermelha dourada. Olhos verdes da cor de esmeraldas ligeiramente inclinados apareciam por debaixo dos mais longos e mais exuberantes cílios que Ruby já viu. Levantou o queixo com delicadeza, com seu nariz fino e aristocrático, com seus lábios cheios e rosados. Ela olhou fixamente a Leo, com os lábios trementes.

De repente, Ruby não se sentiu tão bem. A mulher estava olhando Leo com um amor tão profundo que Ruby foi tirada do mapa. Se ele tinha a esta mulher esperando a que voltasse para casa, por que havia trazido Ruby?

— Bem-vindo a casa, Leo. — A mulher deu um passo a seus acolhedores braços, com lágrimas caindo por seu delicioso rosto.

— Olá, mamãe.

Ruby afrouxou suas mãos, dando conta nesse momento de que tinha os dentes apertados.

É óbvio. Mamãe. Se papai for um deus sexual, e a mamãe uma modelo de capa. Pergunto-me como Shane e Moira serão? Ruby nunca se sentiu tão antiquada em sua vida. Estava enrugada dos pés a cabeça, com seu cabelo revoltado, com os olhos pesados pela fadiga, com a maquiagem há muito tempo desaparecida. Sua confiança em si mesmo recebeu um golpe severo. Ela deu um passo atrás, sem querer se misturar na reunião de Leo com sua mãe.

Não chegou muito longe. Uma mão dura caiu sobre seu braço, puxando para frente. Leo pôs seu braço ao redor do outro ombro de sua mãe. — Mamãe, eu gostaria que conhecesse Ruby Halloway. Ruby, esta é minha mãe, Aileen Dunne.

— Prazer em conhecê-la, Ruby. Sinta-se bem-vinda em minha casa. — O suave acento da mulher tinha uma pista de Grã-Bretanha nele, trocado ligeiramente pelo ronrono pura de voz irlandesa de seu marido.

— Obrigada, senhora Dunne. — Ruby estendeu a mão em sinal de saudação.

A senhora Dunne rapidamente se apoderou dela, puxando Ruby para casa atrás dela. — Agora, me chame Aileen, por favor. E esse meu filho lembrou-se de trazer tudo o que necessita, ou arrastou-a fora da casa tão rapidamente que sua cabeça deu voltas?

— Ummm, a opção número dois.

Aileen dirigiu um olhar escuro por cima do ombro, e foi então quando Ruby finalmente acreditou que a impressionante mulher que estava diante dela na realidade era a mãe de Leo. Ninguém mais que uma mãe podia olhar um homem assim, com parte de exasperação, parte de amor.

— Foi um pouco uma situação de emergência, mamãe. — Ruby se voltou para ver Leo empurrando sua mão por seu cabelo, fazendo uma ligeira careta. — Assegurei de que sua gata fosse atendida, não?

Aileen suspirou, com um som que só uma mãe poderia fazer, e os colocou a ambos em sua casa. Ruby mordeu o lábio com uma risada nervosa, sabendo que a risada não seria bem-vinda nesse momento.

Leo olhou Ruby obter sua primeira olhada de sua casa familiar. A cor creme das paredes e os



móveis escuros de madeira sólida não eram de seu gosto, mas seus pais adoravam ver o velho estilo que conseguiram alcançar. Misturaram algo americano cedo com um número de peças que trouxeram da Irlanda para dar uma aparência que era exclusivamente dela. Facas emolduradas da Irlanda se misturavam com retratos de família que foram tomadas pelos mortais. Os tecidos de cor verde escura dos móveis se misturavam com os amarelos suaves, alegres que sua mãe espalhou pela sala em forma de almofadas e flores. O único estranho era um vaso de ametista que Leo comprou para sua mãe de aniversário há dois anos, sentado em um lugar de honra no suporte da chaminé. Leo sentiu uma pontada pequena quando o viu. Tinha que fazer o esforço em ir para casa mais frequentemente. Não se precaveu do muito que sentia saudades a sua família até que os viu.

Ruby, via, absorvia tudo, com seus olhos indo de um objeto a outro, enquanto sua mãe os levava a cozinha.

Moira estava ocupada mexendo uma panela de guisado, com seu cabelo loiro avermelhado caindo em uma longa trança por suas costas. Seus olhos azuis profundo em um pálido rosto saltaram aos seus, tão cheios de alívio e arrogância que estava assombrado.

Sua irmã pequena cresceu um pouco enquanto ele se foi.

Ele sorriu, cheio de amor com a vista da linda mulher que chegou a ser nos últimos anos. — Olá, Moira.

— Leo— Ela o olhou de cima abaixo, com os olhos cheios de malícia. — Certamente engordou. Um montão.

Leo fez uma careta. Podia sentir começando a avermelhar. — Moira esta é Ruby Halloway. Ruby...

Moira se adiantou com um sorriso fácil, com suas mãos estendidas. — Moira Dunne, sua... — assinalou com um dedo abruptamente Leo, — irmã menor — Sacudiu a cabeça, com o lábio dobrado, divertido. — Como Leo terminou com você? Não é absolutamente o tipo de tola que em geral...

Antes que pudesse terminar a frase Leo fez uma chave na cabeça, com uma mão firmemente entrelaçada sobre seus lábios, com seu rosto vermelho como beterraba, Ruby pensou vergonha. — Não acredite em tudo o que sai de sua boca, de acordo? —Disparou a sua irmã um olhar de advertência. O último que precisava era que Moira dissesse a Ruby quem, e com o que esteve, antes que ele tivesse a oportunidade de fazer.

Rubi levantou uma sobrancelha, consciente da tensão subjacente a cada movimento que os Dunnes estavam fazendo. Se Moira decidia tratá-la como uma tola, Ruby não se interporia no caminho. Deu conta de que Aileen, longe de estar brava, tomou com calma o lugar de sua filha na cozinha, mexendo a panela com serenidade.

Ela deixou irmão e irmã lutando livres com amabilidade e se aproximou de Aileen. — Há algo que possa fazer para ajudar? —Ainda parecia incômoda, mas os Dunnes estavam bastante relaxados tendo em conta as circunstâncias. Estavam tratando como se a tivessem conhecido na antiguidade. Quase como uma da família.



Aileen sorriu. De perto, as linhas débeis de tensão ao redor de seus olhos eram mais visíveis. Perguntou se haveria algo que pudesse fazer para tomar parte da carga da mulher de mais idade. Sean entrou na cozinha e sussurrou algo ao ouvido de Leo e Leo assentiu em resposta, com expressão contente. Sean se moveu logo a sua esposa, colocando um pequeno beijo na lateral de seu pescoço antes de puxar os pratos dos armários.

— É amável de sua parte, Ruby, mas não. — Aileen levantou sua voz só um pouco e a luta livre perto da mesa da cozinha chegou a um abrupto final. — Moira e eu temos as coisas sob controle.

— Vou mostrar a Ruby nosso quarto, então, mamãe. Acredito que poderemos tomar uma ducha antes de comer. — Leo deu um passo para frente, com o cabelo deliciosamente revoltado, com meia camisa fora da calça. Ruby teve que aplacar a onda totalmente inapropriada de luxúria que se apoderou dela. *Por Deus, menina, se controle! Sua mãe está de pé aí mesmo!*

Acaba de dizer nosso dormitório? Olhou a Aileen, perguntando como a mulher se sentiria a respeito.

— O jantar é em uma hora, Leo. — Sua mãe nem sequer levantou o olhar da panela que movia.

Ele tomou a mão de Ruby e começou a dirigir-se para fora da cozinha. — Estaremos preparados.

— Leo?

— Humm?

— Onde está o dormitório de seus pais?

— Duas portas mais abaixo da nossa.

— Oh, claro que não.

Ela devorou contra sua mão e ele se parou com o cenho franzido. — Qual é o problema, gatinha?

— Leo, não podemos dormir junto a seus pais diretamente pelo corredor! — Seu sussurro horrorizado foi mais um assobio. Ele abriu a porta de seu dormitório.

Seu dormitório. O eixo de alegria e satisfação que o atravessou com o pensamento fez que sorrisse, exceto por uma coisa. Leo esperava uma reclamação de sua gatinha quando percebeu que seus pais os colocaram no mesmo quarto. Ele não estava decepcionado, por desgraça. Acabava de saber que ela ia ser difícil sobre isto. Ele a levou ao quarto do segundo andar onde seu pai tinha posto as malas. — Está bem Ruby. Se meus pais tivessem um problema com isso, papai colocaria as malas em quartos separados.

Ruby prendeu seus saltos no chão. Teve que arrastá-la o resto do caminho a seu quarto. Teria que elevá-la e jogá-la sobre seu ombro se tivesse devotado alguma resistência séria. Teve um dia bastante duro sem necessidade de acrescentar uma briga com ela na combinação.

Começou a desfazer sua mala, ignorando o fato que não se moveu de onde a deixou. — Desempacota querida, temos suficiente tempo para uma ducha rápida antes do jantar se for rápida.



Ela se agitou com o cenho franzido em seu rosto. Abriu a boca para dizer algo, mas mordeu o lábio e afastou o olhar do lugar.

Ele parou, com uma camisa pendurando em seus dedos. Parecia... Estranha. Como se tivesse engolindo algo amargo. — O que acontece, gatinha?

Ela encolheu os ombros, com um pequeno sorriso afugentando seu cenho. — Nada. — E começou a desfazer as malas.

Leo esteve rodeado de mulheres o suficiente para saber que nada no geral significava algo. E nada dito dessa forma em particular no geral era tudo.

Pôs a camisa na cama e se aproximou dela, envolvendo seus braços a seu redor. Aspirou seu aroma doce e seu pau endureceu imediatamente. — Quando uma mulher diz nada da forma que acaba de dizer, começo a me preocupar. Diz gatinha.

Ela encolheu os ombros, obviamente envergonhada. — Não é nada, de verdade.

— Agora estou começando a me assustar. — Dobrando, acariciou o pescoço com seu cabelo, deleitando com o tato sedoso de sua pele. Sentiu-a estremecer quando acariciou o lóbulo da orelha com a língua e os dentes. De repente, passou muito tempo desde que esteve em seu interior. — Vamos, gatinha. Conte-me.

— É uma estupidez.

Passou a língua do lóbulo da orelha dando forma, percorrendo tudo até a parte superior de seu ombro. — Mm-hmm. — Perdeu totalmente a pista da conversa, seu único objetivo agora era tirar sua roupa e pô-la nos joelhos. Ou na cama. Ou em qualquer lugar, sempre e quando estivessem totalmente nus.

— É só que... Pensará que sou uma chorona.

Perigo! Alerta vermelho! Alerta vermelho!

Ela levantou seus braços. — Acaba de escutar uma sirene?

Ele parou bruscamente, jogando seus poderes a seu redor como uma capa. — Um não, o que soou?

Ela franziu o cenho para ele, confundida. — Como o sinal vermelho de alerta do *Star Trek*. —

— Oh. Uh, talvez Moira esteja vendo a televisão.

Ela relaxou, e ele conteve um suspiro de alívio. — Oh. Isso faz sentido. Suponho.

— Agora. Qual é o problema? — De nenhuma forma as palavras “estúpida” ou “chorona” iriam passar por seus lábios. Tinha um sentido de autopreservação, depois de tudo. Ele tratou de conseguir que se relaxasse para acariciar suas costas com doçura.

Infernos. — Fala gatinha já o mastigou o suficiente. O que é?

Ela respirou profundamente e preparou. — É só que... bom, quero dizer, que seus pais estão no corredor. Não vão, já sabe, nos ouvir? — Isso era o último de um sussurro furioso, com seu rosto vermelho como uma beterraba. Ela o olhou fixamente. Ele a olhou fixamente. *Como exatamente teria de responder a isso?*

Ela revirou os olhos antes que pudesse chegar a uma resposta. — Não importa. Deus... sinto-me como uma idiota por sequer perguntar.



— Oh, não, vamos solucionar isso neste momento. — Ele se forçou a aproximar da cama e se sentou, puxando-a para baixo sobre seus joelhos. Envolveu seus braços de forma segura ao redor de sua cintura. — Importaria repetir a pergunta?

Deu um murro, o suficiente para ganhar um grunhido. — Leo! O que acontece se nos escutam?

— Em primeiro lugar, não tenho doze anos.

Ela murmurou algo em voz baixa, mas decidiu deixá-lo passar.

— Em segundo lugar, você não tem doze anos.

Ela olhou para ele através de sua franja rebelde.

— Gatinha, se incomodasse, papai nos teria colocado em quartos separados. Escutou um eco aqui? Ai. — Leo esfregou o ponto sensível que se estava desenvolvendo rapidamente em seu peito. Tinha que encontrar um melhor uso para suas mãos. — Qual é o problema aqui? O que veio comigo, que está aqui para mim, e nos puseram no mesmo quarto porque sabe que é minha? Quer dormir no quarto de minha irmã? Porque se faz, vou entrar ali, e a despirei com plateia.

Ela suspirou. — Leo.

— Preciso de você comigo, Ruby. — Ele olhou nos olhos, tratando desesperadamente de transmitir um olhar do que ainda não podia expressar com palavras. Era muito cedo, muitas coisas estavam acontecendo, e havia coisas que ainda não disse. Coisas que ele sabia que tinha que dizer, mas que queria falar com seus pais primeiro. — Por favor.

Uma vez mais, foi o *“por favor”*, que ganhou o dia para ele. Isso e o fato de que na realidade argumentou sobre como mantê-la com ele. — De acordo — Ela abraçou-se a ele e ele a abraçou, acariciando seu cabelo. A parte dela que estava começando a apaixonar-se a sério se alegrou de que não tivesse insistido em sair do quarto apesar do inconveniente de ter direto a seus pais cruzando o corredor. — Mas ainda não estou segura a respeito de todo o ruído.

— Ruído? — Seus ombros tremeram sob suas mãos. Soava como se estivesse tratando de não rir.

Sua cabeça se inclinou para um lado e ela se mordeu o lábio. Uma ideia ocorreu, provocada pelo pensamento de ambos os limpou e conseguiu um pouco de Leo. Só esperava que estivesse disposta a isso. Foi um dia muito comprido e estava começando a soprar o vento, mas estava cansada de lutar contra algo que tanto desejava. — Não quer tomar uma ducha? — Ela o viu pela extremidade do olho. — Podemos tomar uma ducha juntos. Com toda a água correndo, não se poderá ouvir nada.

Suas unhas raspavam ao longo de sua nuca, desfrutando do tremor que se movia através dele. Ele se inclinou, com uma expressão ardente. Ela não conteve seu tremor próprio quando ele começou a morder sua orelha, com o lóbulo entre seus dentes e fazendo coisas que fez desejar que o jantar não estivesse em menos de uma hora.

— Um. Parece delicioso... — Sua voz era um grunhido. Sua mordida emigrou a seu pescoço e preguiçosamente para o sul. No momento em que chegou à união sensível de seu pescoço e ombro ela estava preparada para fundir-se em um atoleiro de saliva. Quando ele se aproximou e



começou a beliscar seu mamilo através de sua camisa ela se fundiu em um atoleiro de saliva.

Com um gemido se separou o tempo suficiente para dar um puxão a sua camisa sobre sua cabeça. Inclinou sobre ela, puxando perto por um beijo.

— Leo Dunne! Se não ouvir correr a água em cinco minutos saberá do que sou capaz!

Ruby olhou a Leo. Seus olhos estavam muito abertos e brilhantes, com risada contida. — Agora sei por que escapou de casa. — Ele se inclinou e deu um beijo rápido nos lábios com um sorriso. — Sim, mamãe — gritou o suficientemente forte para que Ruby fizesse uma careta de dor.

— Devo fazer que lavou atrás das orelhas? —riu Ruby. Não se sentiu assim desde que era adolescente. — E em outros lugares? —Sua expressão de cachorrinho esperançado, cara que escondeu em sua camisa, vencido pela risada.

Ele a levantou com facilidade e a levou a ducha. — vamos economizar água, de acordo?

— Mmm-hmm.

Leo saiu sigilosamente do quarto. Esteve muito cansado para fazer amor antes de adormecer. Sua gatinha estava totalmente esgotada. Começou uma pequena e sedosa coisa de cores que jurava que era uma camisola e ele jurou que era um sonho erótico feito realidade. Colocou-a na cama e desmaiou pouco depois do jantar, aconchegada ao redor dele como a gata que a chamava. A ginástica da ducha que gostariam de desfrutar foi interrompida pela praga de uma irmã batendo na porta e gritando por tudo o que valia a pena que o jantar estava preparado e que seria melhor que movesse seu traseiro pelas escadas antes que sua mãe chegasse há um instante por ele. Tudo bem. Duvidava que durasse o suficiente para comer se tivessem feito amor.

Acabava de assegurar que prestaria melhor atenção a partir de agora. Não gostava que sua gatinha estivesse toda confundida pelas razões erradas.

Ele não entendeu por que Ruby se envergonhou de sua irmã quando finalmente se dirigiu para baixo, até que ele a ouviu murmurar em voz baixa que seu traseiro estava muito bem, muito obrigado. Ele esteve a ponto de voltar a rir.

O jantar foi uma mistura única de tensão e curiosidade. Não se fez menção de Shane ou de seu sequestro na mesa. Em seu lugar todo mundo se centrou em Ruby. Faziam todo o possível para que se sentisse bem-vinda, mas não pode negar a suave inquisição que seus pais a fizeram passar. Entretanto, sua gatinha foi dura. Respondeu a cada pergunta com dignidade e com um ligeiro toque de humor, o que ganhou a ambos os pais. Ele não teve que ver a piscada de aprovação de seu pai ou o sorriso de sua mãe para saber que ambos gostaram muitíssimo dela.

Moira, entretanto, parecia reservar sua opinião. Oh, gostava de Ruby, e isso era tudo. Entretanto, nesse estranho tipo de irmã conseguiu dar a entender que não estava segura de que Ruby era o suficientemente boa para ele. Perguntou se ele seria um espinho tão grande no traseiro quando ela levasse em casa seu companheiro para apresentar um dia, e estremeceu. A ideia de deixar que um homem tocasse sua irmã pequena fazia querer bater em algo.

Sua família o esperava na cozinha, com sua mamãe tomando uma xícara de café e seu pai conversando tranquilamente com Moira. Todos o olharam quando entrou, e de repente soube



como seu pai, e até certo ponto Shane, sentaram durante essas reuniões familiares. Cada um o estava olhando como se de alguma forma pudesse fazer que tudo estivesse bem. Ele se sentou, aceitando o café que sua mãe entregou com um sorriso.

— Ruby está bem instalada então?

As notas de poesias líricas do idioma de sua mãe caíam sobre ele, algo relaxante em seu espírito que não percebeu foi machucado. — Sim, mamãe. Está dormindo pacificamente. — O idioma, sem usar, portanto tempo, veio com facilidade, o que o surpreendeu.

— Está seguro de que ela é essa, então? — A pergunta de Moira, embora não inesperado, ainda o alterava.

— Sim, estou seguro. Tudo nela chama a meus sentidos de uma maneira que nenhuma outra mulher o obteve.

A confiança em sua voz fez que Moira se sentasse, assentindo pensativamente. — Sabe sobre nós?

— Quer dizer se sabe que quando não somos uma miragem nos brotam orelhas bicudas e falamos no Sidhe¹? Não, não disse... tendo em conta que finalmente a meti em minha cama ontem à noite, somente.

Moira inconscientemente acariciou delicadamente o ponto cônico de uma orelha. — Quando vai dizer? Antes ou depois da cerimônia?

— Moira. Suficiente. — A voz de Sean era preocupada. — Ruby é humana. Leo terá que mostrar isso.

— Mostre *O Senhor dos Anéis*, isso poderia ajudar. — Moira sorriu, com essa desfaçatez que nunca deixava de preocupar. Inclinou. — pergunte se acha Legolas atrativo.

— Não posso esperar para que ache seu companheiro, Moira. Espero que seja humano. — Leo bateu na cabeça com uma luva de cozinha, por isso riu. — Talvez ele pense que Legolas é atrativo.

Mostrou os dentes contra seu grunhido sorrindo. Aileen tomou a luva de cozinha antes que Moira pudesse revidar. — Basta. Leo nos diga se precisar de ajuda para explicar as coisas a ela.

Quer dizer, que tinha que explicar logo, antes de retornar a Washington DC.

— Sim, mamãe.

Sean ficou de pé, e todos os olhos se voltaram para ele. O pai de Leo era um dos homens mais tranquilos que ele conhecia, até que um dos seus estava em perigo. Leo havia sentido a tremenda ira que Sean escondeu no momento em que pôs um pé na terra de seu pai. Porque nunca, nunca era sábio incomodar um *sprite*² em sua terra.

— Tenho antenas com todos os meus primos neste país e na Irlanda, para estar seguros— disse Sean. Plantou seus pés de lado, com os polegares metidos nos passantes de seu jeans, com seu rosto severo. Parecia como um guerreiro preparando a sua tropa para a batalha. — Os espíritos das terras aliadas conosco me manterão a par do que esteja acontecendo. Se ele estiver

¹ Sidhe - Sua origem é celta e significa Faerie ou Fada. Há outras palavras similares que significa "Lugar de fadas". Veja também <http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADdhe>.



em qualquer lugar perto de um deles, me farão saber.

— Contatei com alguns dos Sidhe que ainda falam comigo, e me asseguraram que não escutaram nenhuma menção do Shane. — O rosto de Aileen era tranquilo e sereno. Tinha as mãos com os nódulos brancos ao redor de sua faixa. Respirou profundamente, com a mandíbula determinada, com os olhos duros, e Leo de repente, inexplicavelmente teve medo. — Há alguém que me deve um favor...

— Não, Aileen.

O ferro da voz de seu pai o surpreendeu. — Quem? Seus pais compartilharam um olhar longo, ilegível. — Quem deve um favor, mamãe? Se puder encontrar ao Shane, devemos chamá-lo.

— Esse favor pode chegar a um preço que não estamos dispostos a pagar, Leo.

Leo se voltou para seu pai, mas o severo olhar de Sean nunca saiu de Aileen.

— Ele me deve isso, Sean.

— E voltará isso a seu favor.

— Pode encontrar meu bebê, Sean Patrick! Vamos encontrar meu bebê! — Aileen finalmente se quebrou, com as lágrimas correndo por suas bochechas em silêncio. Os olhos de Sean se fecharam à vista de sua companheira com medo e dor. A impotência que era óbvio que sentia por enfrentar a dor de sua companheira era algo que esperava que Leo nunca sofresse com Ruby. Já era bastante ruim que seu irmão tivesse desaparecido. Se fosse seu filho, o filho de sua companheira amada? Não sabia se estaria em melhor forma do que sua mãe estava nesse momento.

Leo soprou um suspiro e mudou seu olhar a Moira. De quem demônios estava sua mãe falando?

— Você o chamou? — A voz de Sean era cansada.

— Sim.

Sean assentiu em resposta ao sussurro de sua esposa. — Que assim seja então.

— De quem estão falando?

A repentina rajada de vento anunciou a chegada de um voltado de energia em meio da cozinha Dunne. Fora desse tornado saiu um homem alto e magro com o cabelo até a cintura de cor vermelha e olhos azuis rindo, com um rosto que teria feito chorar o Anjo Miguel. O tornado estava vestido com uma cor azul escura que combinava com sua camisa, e com seus olhos e calças ajustadas de couro que mostrava uma acumulação magra. Pulseiras largas de couro terminavam o visual.

Cada músculo no corpo de Leo ficou tenso ao ver aquele jovem magro.

— Robin Goodfellow, por meus pecados — disse a figura, fazendo uma extravagante reverência. Ele levantou a vista de seu arco, inclinou a cabeça a Sean, e soltou uma gargalhada.

— Merda. Merda. Robin Goodfellow, o maldito, deve um favor à mamãe? — Leo passeava de acima e abaixo no jardim, limpando o cansado do rosto.

² *Sprite - Refere-se a algo sobrenatural ou mágico.*



— Ah, mas não estou fodendo neste momento, querido amigo, embora desejasse estar.

Leo se voltou e engoliu. Robin Goodfellow estava sentado no capô de seu navegador, com as pernas cruzadas ao estilo índio, com um olhar lascivo em traços de menino. — Já vê, quando recebi a chamada de sua absolutamente encantadora mãe, estava até o quadril de profundidade em uma piscina com um par das gêmeas Náyade. Asas e Alak, não acredito que as belas damas esperem minha volta. — Com um exagerado suspiro, Robin acariciou seu cabelo vermelho e comprido para trás com um varrido efeminado de sua mão. Leo notou que os pregos da bancada estavam pintados de negro. — Agora, se tivesse uma peça esperando em minha cama por mim da forma em que você a tem, não acredito que estaria aqui me preocupando com alguém como eu.

— Fique afastado de Ruby. — Leo nem sequer reconheceu o grunhido que brotou de sua garganta.

Os brilhantes olhos azuis brilhavam completamente verdes (creia) antes que seus castanhos cílios baixassem, ocultando. Ele deu um sorriso de suficiência. — Já unido moço?

— Ainda não — Leo se obrigou a dizer com os dentes apertados. Nunca esteve tão aterrorizado em sua vida. Estava louco. Virtualmente desafiou ao Hob!

Brilhantes olhos azuis se levantaram e o estudaram, com todo o humor, com todos os pretextos, e Leo percebeu de que estava vendo o verdadeiro Hob, à navalha do Oberón, pela primeira vez.

— Bom, não é uma vergonha, já que é a razão pela que Shane tenha sido levado.

— Maldição. Pelo contrato de casamento?

O Hob assentiu. — Pelo contrato de casamento.

Leo começou a amaldiçoar, com uma mistura do Fae e Inglês. — Pensei que o velho contrato era nulo, devido a papai, mamãe, e a sua união. Por que estão tratando de fazer valer agora?

— Pelo poder, Leo. Por que uma família como os Malmaynes fazem isto?

Leo olhou Robin, tratando desesperadamente de ver além da diversão profana de seus profundos olhos azuis. — Está seguro de que os Malmaynes o têm?

— Sim. Quando rechaçou o encontro com sua filha mais velha, começaram a planejar a maneira de fazer que mudasse de opinião. Pelo que pude ouvir, seu objetivo inicial era Moira. — Os punhos de Leo se apertaram em suas mãos. — Quando não puderam chegar a ela, Shane foi seu objetivo mais próximo. Você estava muito bem custodiado também no mundo dos humanos para que pudessem contatar diretamente. — Leo se separou do diabo ruivo sentado em sua caminhonete e ficou olhando pela janela. — O plano era forçar sua mão. Sua Ruby vai complicar as coisas.

— Esses contratos são considerados nulos de pleno direito com a chegada de um vínculo verdadeiro.

A expressão Robin se voltou gelada. — Quando o poder está comprometido, às vezes essas coisas podem ser difíceis... E afinal foi a família de Aileen quem redigiu o contrato original... — O Hob encolheu os ombros. Leo caminhou consciente dos olhos do Hob atrás dele.

— Kaitlynn está envolvida?



— A garota Malmayne preferiria.

— Isso não é o que te perguntei.

O diabo sorriu. — Não. Não está.

Leo escutava os grilos e tratou de afrouxar suas mãos. — Vão atrás de Ruby?

Uma sobrancelha de cor vermelha se levantou com seus pensamentos. — É possível. Até que se complete a união dos dois, será vulnerável. Aos Sidhe como aos Malmaynes não importa que sua união seja verdadeira, só que se interponha no caminho de suas ambições. — Robin encolheu os ombros. — Sem ânimo de ofender, mas se sua mãe seguisse seu próprio contrato, em lugar de se apaixonar por um duende, nada teria acontecido.

— E Shane, Moira e eu não existiríamos, e minha mãe teria sido miserável.

— Assim, lutar pelo amor vale a pena, então?

Leo olhou a Robin. — Se minha mãe sente por meu pai a metade do que eu sinto por Ruby, então sim. É mais que valer a pena.

O flash desconcertante de verde apareceu nos olhos de Robin de novo, e por um momento Leo congelou em seu lugar. Por um segundo cego soube exatamente como parecia o Hob.

Insuportável, inexprimível, sem fim, invejoso. Sozinho.

Então os olhos se fecharam uma vez mais com a caída dos cílios castanhos e Leo foi liberado. — Então lute. — Uma rajada de vento voou, esfumando as bordas do Hob, que o levou soprando como uma escultura de areia. — Quando os Malmaynes chegarem, lute.

Capítulo Cinco

— Alguma notícia sobre seu irmão?

Ruby, meio adormecida, sussurrou essas palavras enquanto ele se arrastava à cama. Leo fez uma careta. Esperava não despertá-la. Sua gatinha se esgotou e precisava dormir. — Sim. Direi a respeito pela manhã.

— É de amanhã. — Parecia mais alerta, maldição. Estava tão cansado. — Sabem quem tem seu irmão?

Leo respirou profundamente, com os acontecimentos da noite anterior uma vez mais empurrando a vanguarda de sua mente. Podia sentir seus músculos tensos e estava fazendo tudo o que podia para relaxar. — Sim. Sabemos quem o tem.

Ela se sentou bruscamente, sustentando o lençol com recato sobre seus seios. — Isso é maravilhoso! A polícia sabe? Está bem? Está a caminho de casa?

Leo puxou-a para seus braços, com seu bocejo tão forte que sentiu que sua mandíbula se quebraria. — Calma gatinha. Não é tão fácil.

Ela resistiu à força de seu braço e franziu o cenho para ele. — Que não é tão fácil?

Leo suspirou, e se perguntou como explicar as complexidades do sistema judicial dos Seelie.



— Shane foi sequestrado por uma família rival...

Ela o olhou fixamente, e revirou os olhos com incompreensão. — Como?

Ele suspirou, esfregando o rosto com gesto cansado. — Posso dormir primeiro, por favor? Prometo que explicarei tudo depois de ter dormido. — Permitiu que seu cansaço se mostrasse através do encanto que normalmente mantinha acima, satisfeito quando ela franziu o cenho e riscou os círculos escuros sob seus olhos. — Por favor?

Seu cenho se aprofundou. — Está escondendo algo, não?

O fato de que já o pudesse ler tão facilmente era alentador e preocupante. — Prometo que explicarei tudo, inclusive as coisas que não estou seguro de que vai entender ou acreditar. Mas eu gostaria de dormir primeiro, de acordo?

Ela soprou. — Bem. Bom. Mas ele está bem, verdade? Quer dizer, sua família tem pelo menos a garantia de que está bem?

— Sim, Shane está bem.

Ela assentiu obviamente reticente a mudar de assunto. Sua gatinha curiosa. Parecia deslizar de novo sob os lençóis, com sua ridícula camisola cor creme de seda deslizando por seu corpo. Ele abriu os braços. Quando ela se acomodou junto a ele, ele suspirou de alívio, afundando o rosto na fragrância de seu cabelo.

Ficou adormecido em minutos, com sua mente e corpo com o excesso de trabalho, finalmente ganhando dele.

Ruby despertou sozinha, mas não esqueceu a conversa que tiveram no meio da noite. Levantou e se vestiu rapidamente. Começou a descer as escadas, disposta a escutar as notícias de Leo.

Podia ouvir os sons da família Dunne falando, com suas vozes subindo e descendo nessa estranha linguagem que parecia gaélico. Ruby entrou na cozinha, com a voz de Aileen elevando por cima de outros, cheia de indignação e de autoridade. — Moira Eileen Dunne! — A voz de Aileen fez que sua filha parasse. Moira bateu em Leo, deu-lhe um murro no nariz reto e ele caiu sobre seu traseiro. A linda garota se lançou para irmão para a segunda rodada.

Ele era um obstáculo a seus pés quando Moira grunhiu, com um som quase humano. — Shane se foi, e isso foi tudo sua culpa!

Leo estremeceu, com o rosto ferido. Voltou bruscamente sobre seus calcanhares e saiu da cozinha.

Aileen suspirou e se esfregou a testa.

— Leo? — Moira fez um movimento para sair pela porta, com uma expressão tão afetada como a de seu irmão. Sua mãe a agarrou pelo braço e começou a falar com ela tranquilamente, castigando-a.

Ruby ignorou às outras duas mulheres e seguiu a Leo. Encontrou-o no alpendre dianteiro, segurando o corrimão com os nódulos brancos e olhando ao céu com olhos atormentados. Não sabia o que fazer nem o que dizer. Não sabia nada de sua família ou da forma em que funcionava. Assim fez o único que pôde pensar. Aproximou por atrás dele, jogou os braços ao redor de sua



cintura, e manteve sua vida nisso.

Esteve tenso em seus braços durante os primeiros momentos, quase rechaçando a comodidade de seu tato. Finalmente, voltou e a aproximou, com seu rosto enterrado em seu cabelo, com seus braços ao redor dela com tanta força que doeu. Queria matar Moira. Ela nunca quis matar a alguém antes, mas se tivesse Moira Dunne só nesse momento, Leo teria uma irmã menos. Ela o abraçou, acariciou o cabelo, e decidiu que ia chegar ao fundo do que causou que Moira ferisse o homem em seus braços tanto, que o sacudisse.

Quando Moira saiu no alpendre, olhou a ambos envergonhada e arrependida. Entretanto, Ruby não podia perdô-la.

Ruby negou um pouco, tratando de conseguir que a outra mulher se fosse. Não acreditava que Leo gostasse que sua irmã o visse tão vulnerável. Com uma ligeira inclinação de cabeça, a garota voltou a entrar, e Ruby voltou a tratar de acalmar o homem pouco a pouco.

Jaden olhou através do vidro de sentido único, ao homem do outro lado. Shane Joloun Dunne estava estendido sobre suas costas, com seus olhos de cor azul escuro grudados ao teto, com um aspecto de concentração total em seu rosto. Estava completamente nu, não era que Jaden estivesse procurando.

Bom, sim, fez. O homem tinha um inferno de físico. — Por que demônios está nu?— Jaden perguntou, voltando para o idoso Malmayne. — Se não for para meu prazer visual.

Cullen Malmayne o olhou sem compreender. — Em caso de que ele tente escapar, é óbvio.

Jaden assentiu, e logo sacudiu a cabeça. — Que tipo de filmes de espões esteve vendo?

O bufo de Cullen foi música para os ouvidos de Jaden. — Shane estará muito envergonhado para correr pelas ruas assim, que os deuses nos ajudem Omaha, completamente nu.

Jaden piscou, com seus olhos escuros brilhando com diversão. Se houvesse um atrás dessa parede de vidro, apostaria seu traseiro que Omaha estaria correndo em couros se tinha que fazer. Mas pelo que viu, quando chegasse o momento Shane não teria esse problema.

— Alguma ideia do que está fazendo? A voz de Cullen soou medianamente curioso, quando um homem que perguntava o que seu cão estava fazendo e por que.

Fazendo roupa, Jaden pensou. Estava bastante seguro de que o híbrido tinha alguns segredos ao redor de sua cela, não os diria a Jaden. Jaden sacudiu a cabeça, dando volta uma vez mais olhando Shane e com a esperança como o inferno de que o homem estivesse preparado logo. Odiava trabalhar para o Velho Malmayne e com Deranged Darling.

— Sabe algo de Dunne? — Jaden esperou a resposta que sabia ia vir.

— Não.

Ele assentiu não realmente surpreso, quando a porta se abriu atrás deles.

— Leo ligou?

Jaden estremeceu para ouvir o som da voz sacarina de Kaitlynn, com seus olhos sem deixar o vidro bidirecional. Que era um ponto de vista muito melhor, de todos os modos.

— Não, querida, não fez. Deve comunicar-se conosco logo. — Jaden continuava vendo



Cullen e Kaitlynn pela extremidade de seu olho. Cullen se dirigiu para sua filha, com sua voz suave e aprazível. Cadela louca, pensou, observando um ligeiro movimento na mão de Shane. Um brilho de seda de cor azul escura apareceu em sua mão e foi empurrado com rapidez sob o colchão. Os olhos dos híbridos estavam fechados com cansaço, com sua tarefa completa. No momento.

Jaden sorriu, com cuidado para ocultar seus dentes. Era só questão de tempo antes que ambos os planos e do híbrido pudessem entrar em ação.

— Quer dizer do que se trata tudo isto?

A pergunta tranquila, não o surpreendeu. A aceitação tranquila fez. Pensou que merecia algumas respostas, começando com quem e o que, e por que a precisava com ele.

Estavam sentados no celeiro, no palheiro, olhando para o céu. Não quis voltar para a casa no momento, não quis fazer frente às acusações de Moira ou à compreensão de sua mãe. Assim levou a sua gatinha da fazenda até o palheiro, seu lugar favorito, e se sentou sobre a grama.

Sentiu seu olhar paciente sobre ele, mas não tinha ideia de como explicar tudo o que estava passando sem revelar os segredos da família. Não sabia se estava preparada para isso. Infelizmente, não tinha opção no assunto.

— Só diz Leo.

Essa débil indireta de impaciência tirou um sorriso reticente dele. Ele se acomodou com um suspiro, com seus olhos fixos no céu às portas do estábulo. Era um dia bonito, com o céu brilhante e azul, no que havia poucas nuvens só somando à situação geral. As terras Dunne eram muito férteis, a magia de seu pai se encarregava disso. Podia vê-lo à distância, trabalhando em suas terras, falando com algumas das outras pessoas que ajudavam com a grande quantidade de superfície da propriedade de Sean.

Leo não estava acostumado a alardear seu pai, mas o homem tinha talento igual para fazer dinheiro que para cultivar milho e batatas. Seus pais escolheram viver na casa que em um lugar mais elaborado, mantendo um sob perfil e desfrutando da vantagem de que seus vizinhos se sentissem livres com eles.

— Leo. Está estagnado.

Ele suspirou. — Não estou estagnado, gatinha. Estou tratando de encontrar a forma de explicar o inexplicável.

Ele a olhou e sentiu que seu coração se enrolava mais. A paciente simpatia estava ali, o calor e a confiança que podia ver, quase tiraram o ânimo. Decidiu então, que responderia qualquer pergunta com sinceridade, até se a afastava dele.

Não é que permitiria chegar muito longe. — Onde quer que comece?

— Por que não chamou à polícia?

Leo assentiu, com os olhos uma vez mais no horizonte. Nem sequer a via, muito ocupado tratando de ordenar seus pensamentos. Era hora de confessar. — Por duas razões. Uma, porque não há nenhuma maldita coisa que a polícia pudesse fazer para nos ajudar, e dois, está proibido que participassem de assuntos como este.



Ela o olhou perplexa. — Eu... não entendo.

Ela baixou o olhar a suas mãos unidas, sentindo tremer um pouco na dela, e soube que estava trabalhando com sua coragem para dizer algo que estava bastante seguro que não queria escutar. — Leo? — Ela podia ouvir a incerteza em sua própria voz e se estremeceu. — O que está acontecendo? — Um horrível pensamento a bateu, e ela soltou sem pensar. — Shane foi sequestrado, verdade?

Leo fez uma careta, com uma expressão triste. Ele a olhou, e algo em sua expressão disse que se tratava de algo mais que o sequestro de seu irmão. — Sim, Shane foi sequestrado, e Moira tem razão. A culpa é minha. Parcialmente.

— Por que, por causa de seu dinheiro? Pensavam que pagaria um enorme resgate ou algo assim?

Leo soprou uma gargalhada. — Eu gostaria. Seria muito menos complicado se fosse assim simples.

— Me diga por que, Leo.

A maneira forçada em que ele soprou o fôlego fez saber que seria mau. Muito mau. — Tem que ver com um contrato de casamento.

— Um o quê? — Confundida, Ruby o olhou fixamente.

— Com o contrato de casamento. Um casamento de conveniência que foi criado pelo pai de minha mãe, Joloun Armand, e um homem chamado Cullen Malmayne. Ambas as partes acreditaram que se beneficiariam de um casamento de poder entre o filho de Cullen e minha mãe, mas meu avô foi o que se aproximou dos Malmaynes. Que é em parte o porquê tudo isto é tão fodido.

— O nome de seu avô, parece francês, mas sua mãe é irlandesa. Não?

— Metade Irlandesa. Moira é o nome de nossa avó, e minha mamãe foi criada na Irlanda com ela.

Ruby pensou isso, absorveu e deixou ir. Não tinha nenhuma importância real. — Está bem, assim que seu avô e este homem Malmayne escreveram um contrato, jurando casar seus filhos um com o outro. Tenho entendido que Aileen não esteve tão emocionada com a ideia?

— Oh, a princípio não teve nenhuma objeção real. Não era tão incomum, e pelo que entendo Duncan Malmayne era um homem bastante atrativo, rico e poderoso. Mas mamãe se encontrou com papai, e isso foi virtualmente o final disso.

— Portanto, o que, os Malmaynes demandaram por descumprimento de contrato?

Leo suspirou. — Aqui é onde a coisa se complica. Mamãe e papai compartilham um vínculo único, algo que deveria ter anulado o contrato, mas parece que havia uma cláusula de escapamento no redigido por meu avô. No caso de que qualquer um dos Duncan ou que minha mãe fosse incapaz de cumprir com os termos, iria à seguinte geração de ambas as famílias. Em outras palavras, um de seus filhos teria que casar por conveniência.

— E querem que Shane cumpra com essa cláusula do contrato?

Leo a olhou, e Ruby sentiu seu coração sofrer. — Não. Eles me querem.



Não pode ser! Ruby estremeceu com a força de sua negação. — Por que você?

Leo abriu a boca, mas não saiu nada a princípio. — Não estou muito seguro de como explicar isto. — Esfregou sua mão sobre a parte posterior de seu pescoço com nervosismo. A outra mão pegou a dela e apertou calorosamente, seu polegar movendo com traços suaves sobre a parte detrás de seus dedos.

— Abre a boca e diz as palavras. Vamos, Leo, não pode ser tão ruim.

— Há algo que precisa saber primeiro. — Seus olhos estavam grudados em suas mãos unidas.

— Bem, o que é?

— Nunca, nunca, faria nada para machucá-la. Significa mais para mim mais do que pode compreender ainda. E se dependesse de mim você e os Malmaynes nunca se cruzariam. — Tomou ambas as mãos e a pôs em meio dele, sua expressão mais séria que qualquer outra que visse em seu rosto ainda. Ela quase podia sentir sua vontade, fazendo acreditar nele. — Entende o que estou dizendo?

Ela sacudiu a cabeça. Estava começando a ter medo. — Leo, o que está acontecendo?

Ele respirou fundo, e seu mundo explodiu com luz. Ela se viu obrigada a fechar os olhos contra o brilho que cegava. Quando voltou a abri-los, surpreendeu ficando sem palavras.

Os fardos de feno e o equipamento agrícola desapareceram. Em seu lugar se encontrou dentro de uma enorme barraca de safira, com as bordas e “janelas” detalhadas em delicados arabescos de ouro árabe. O chão estava completamente coberto de brilhantes travesseiros de seda de todas as cores imagináveis. Uma mesa pequena de ouro se estabeleceu contra uma parede. Continha uma jarra de vinho e um prato de tâmaras confeitadas. Abajures de óleo perfumado penduravam dos três paus que sustentava a barraca de campanha, enviando o delicioso aroma de baunilha ao ar.

Com os olhos abertos voltou a olhar o que estava atrás dela. Foi só então quando percebeu de que podia sentir a suave carícia da seda contra sua pele nua. Ela olhou para baixo.

— Merda! — A escassa fantasia de harém, que constava apenas de dois lenços de cor vermelha sobre seus seios, uma saia longa, simples e vermelha, sustentava em sua cintura por um cinto de ouro, e não deixavam absolutamente nada à imaginação.

— Hmm, eu gosto desse vermelho, gatinha.

Ela o olhou com os olhos abertos como pratos, para a parte dianteira da barraca. Ali, em todo seu esplendor meio nu, vestido de branco, estava Leo. Sua calça branca se unia nos tornozelos e a cintura com laços de ouro, seu peito e pés estavam nus. Braceletes de ouro rodeavam ambos os braços. Sua expressão tinha uma faísca de diversão misturada com uma boa dose de luxúria.

Entrou na barraca, movendo com a graça de uma pantera. Qualquer outro homem que Ruby conhecia escorregaria e cairia sobre o travesseiro de seda. Leo se deslizou sobre elas, com seus pés deixando um rastro. Seus mamilos se endureceram com antecipação a sua expressão depredadora. Seu olhar vagou sobre seu corpo com posse inconfundível.



Ruby engoliu e mordeu o lábio. — Leo?

— Não tenha medo, gatinha. Lembra que nunca, nunca lhe faria mal.

— O que está acontecendo?

— Confia em mim.

— *Toto, tenho a sensação de que não estamos mais em Nebraska*— sussurrou Ruby.

Leo parou. Seus lábios tremeram. — Está a ponto de ser raptada por um senhor Seelie Sidhe e está recitando O mago de Oz? Acredito que posso me sentir insultado.

Ruby piscou, com seu senso de humor desenfreado, uma vez mais ameaçando colocando-a em problemas. — Em primeiro lugar, um Sealy é um colchão...

— Estas convidada a mentir sobre mim em qualquer momento.

— Em segundo lugar, pronuncia Shthee.

— Shtheee. Pronuncia-se Shthee.

— Uh droga. Senhor? Isso acredito. Infernos é o rei absoluto da merda.

Leo suspirou e beliscou a ponte do nariz. — De alguma forma, isto não vai tão bem como eu esperava.

Ruby quase podia sentir a lâmpada acendendo sobre sua cabeça. Ela se sentou com cuidado. — Senhor Seelie Sidhe.

Leo a olhou com receio e assentiu.

— É um elfo?

Leo franziu o cenho. — Um Sidhe.

— Como Legolas?

— Ruby!

— Oh! Galadriel! Pode brilhar, também?

Leo se deixou cair sobre o travesseiro ao lado dela, com seu fôlego soprando em uma risada exasperada. — Não, Frodo, eu não posso.

— Hei! —Ela aspirou. — Pelo menos posso chegar a ser Arwen. Infernos fico com Éowyn. — Agitou uma mão regiamente. — Você pode ser Gimli.

Ela se dissolveu em risadas indefesas. Leo deu a volta e a puxou debaixo dele, com uma sobrelanceira com arrogância levantando. — Ruby, realmente sou um senhor Seelie Sidhe.

Ela ria muito duro para responder. Ele suspirou, e jogou o cabelo sobre suas orelhas, permitindo que seus pontos cônicos se mostrassem com delicadeza. — Ruby, não tenho o encanto em mim agora. Olhe-me. Realmente me olhe.

Teve que esperar até que sua risada parou, e isso tomou um pouco de tempo. Tinha uma pontada um pouco histérica que inclusive podia ouvir. Uma vez que fez, realmente deu um bom olhar, fixamente.

As diferenças eram sutis. Suas orelhas estavam ligeiramente cônicas em pontos delicados. Seus olhos tinham um brilho de outro mundo o que os fazia brilhar intensamente à luz do abajur. Sua pele brilhava com brilhos dourados, com o efeito focando erótico. A mudança mais exótica, entretanto, eram suas pupilas. As pupilas humanas eram redondas. Suas pupilas eram ovais. Não



era uma grande mudança, e facilmente se disfarçava, mas, obviamente, não era humano.

Ruby acariciou a orelha com uma mão. As pontas de seus dedos brandamente roçaram os pontos cônicos. Ele estremeceu, fechando seus olhos com uma dor deliciosa.

— Sabe quanto tempo passou desde que alguém me fez isso?

Ela sorriu, sentindo incrivelmente sexy de repente. — É uma zona erógena?

— Oh, e muito. — Abriu seus olhos, com um sorriso sensual curvando seus lábios. Ele ficou olhando seus seios apenas cobertos, com um sorriso quente e sensual. — O que parece minha fantasia? — Ela levantou uma sobrancelha cinicamente, amando-o quando começou a rir. — Ao menos está usando a roupa. Eu tivesse preferido que estivesse nua.

— Quase estou!

— Sim. Mas a palavra chave é: quase...

— Porco.

— Seria Senhor Porco muito obrigado.

— Como faz isto? — Ruby descansava sua mão em seu ombro, acariciando-o para ver se os brilhos dourados caíam em sua mão. Não fizeram.

— Chama encanto. O que vê ao seu redor não está na realidade aqui. Está... Tudo em nossas cabeças. Uma fantasia compartilhada se quiser.

— Uma ilusão?

— Não de tudo. Se alguém tirasse uma foto de nós neste momento, apareceríamos os dois ainda no palheiro. Para você, entretanto, tudo é real. Poderia levar fora, subir em meu cavalo e cavalgar pelo deserto com você, e tudo pareceria muito real.

— E esta é sua fantasia? Ser xeque de uma huri³?

Ele sacudiu o polegar através de um de seus tensos mamilos. — Pode me culpar?

Ela o olhou com esse senso de humor posto em marcha de novo.

— Homem, deve ter tido um incrível fantasia quando foi adolescente.

Ele piscou, movendo por cima dela. — O que? Parecia como se estivesse afogando por algo. O mais provável é que fosse por sua própria risada.

— Imagine isto— agitou sua mão ao redor dela, abrangendo a barraca, —, mas com uma coelhinha da Playboy nua em minha casa.

— Um não funciona exatamente assim, e prefiro a imagem que ver nua.

— Ah, sim? Como funciona?

— Realmente não posso elaborar uma fantasia e projetá-la em minha própria mente. Para mim, seria um sonho, igual para qualquer outra pessoa. — Sorriu, com a expressão de seu rosto voltando lenta e má. Seu polegar acariciou seu lábio inferior. O toque leve a deixou desejando mais. — Posso desenhar uma fantasia própria e projetá-la em nossos sentidos. Na vista, o gosto, o tato, todos respondendo à magia como se tudo estivesse realmente ali. O...

Ruby não estava segura de por que gostava do brilho especulativo de seus olhos.

— O que?

³ Mulher de grande beleza em um haren.



— O...

As luzes começaram a girar juntas em um caleidoscópio de cor, dando voltas a seu redor enquanto a barraca, e tudo desapareceu. Ela fechou os olhos contra o ataque repentino a seus sentidos, enquanto tudo, vista, olfato, gosto, inclusive se voltavam extremamente sensíveis.

Quando a voragem de sensações se acalmou, Ruby abriu os olhos. Piscou e ficou sem fôlego. Estava olhando suas mais profundas, mais escuras fantasias sexuais, que ela não admitiria nem sequer em seu leito de morte. — O que há no mundo?

Ela estava de pé na esquina da rua perto da antiga loja de comestíveis, onde cresceu. O tráfego era inexistente, frequentemente na tarde e noite do domingo. O anúncio no quadro negro dos subúrbios de Dooley Bar e Grill mostrava o especial do domingo. Ruby se sentiu relaxada, com a fantasia tomando seu corpo e mente. Estava de pé sob a luz da Lua, totalmente segura, completamente segura, sabendo que ele chegaria de um momento a outro para pegá-la e levar.

Usava calças ajustadas de couro, tão apertadas que quase podia ver a fenda de sua boceta. Seu top negro sem mangas de couro deixava seu torso nu e a maior parte de seu decote. Seu umbigo estava transpassado com uma pedra de cor azul elétrica. Calçava botas de salto alto de couro. Estava vestida para chutar traseiros. Sabia que, se tirasse a roupa, não teria nenhuma roupa íntima para impedir o que ele queria fazer com ela. Usava o cabelo preso em um rabo em cascata à deriva por um ombro. Em seu pescoço usava um colar de diamantes. Algo sobre seu pescoço parecia estranho, diferente de sua fantasia habitual, mas não se moveu de debaixo da luz para comprovar a janela da loja de comestíveis. Se fizesse, perderia o amparo e segurança da luz para sempre. Sabia, sem ter que olhar a vitrine, que sua maquiagem estava cheia de fumaça, com seus lábios vermelhos. Suas unhas estavam pintadas de cor carmesim iguais, e se tirasse um dos sapatos de ridículo salto alto, as unhas de seus pés seriam iguais.

Ela olhou por cima do ombro e piscou.

Atrás dela estava cada homem pelo que se sentiu desprezada, entre eles Bobby *Pau Magro*. Todos e cada um deles a olhavam com uma expressão de desejo.

Mas ela não pertencia a eles. Pertencia só a ele.

Um som estranho atravessou a escuridão da noite. Ela se voltou e olhou para baixo na estrada. Podia ver a ruptura do farol brilhante através da névoa úmida e sentiu que mariposas começavam a dançar em seu estômago. A sensação era tão intensa que levou as mãos a seu estômago. A moto chegou ronronando até parar completamente na calçada frente a ela.

O homem na moto era de matar. Rico couro cobria uma figura magra e musculosa que fazia água na boca em reação. Ele passou a perna da moto, puxando da pele tensa sobre os globos firmes de seu traseiro. Elevou a mão e tirou o casaco e o pôs no assento. Parecia fluir para a luz. Parou frente a ela, inclinou e deu um beijo rápido, duro e a balançou sobre seus saltos.

Quando Leo se retirou, seu olhar foi diretamente ao colar de diamantes em sua garganta. Com um sorriso de satisfação e posse, tomou a mão e começou a conduzi-la à moto.

— Nem sequer ache que vou compartilhá-la com nenhuma destas ficções, gatinha. É toda minha.



Ela piscou e sacudiu alguns dos efeitos do encanto que teceu a seu redor. Essa parte da fantasia, não cruzou nem sequer por sua mente. Escolher e escolher entre os pretendentes ofegando a suas costas, deixando a todos com o pó de seu salto enquanto viajava na noite com seu amante de fantasia, já não tinha nenhum atrativo.

Parecia que Leo não queria correr nenhum risco, entretanto. Parecia decidir passar diretamente à parte da diversão dessa noite.

Com a temeridade dessa fantasia em particular, tendendo a suscitar nela, perguntou: — Como sabe que estou preparada para deixá-los atrás e ter só você? — É óbvio, estava preparada para cavalgar, mas quem dizia que não podia jogar um pouco? Leo parou e se voltou. Enganchou um dedo no colar de diamantes e a atraiu para ele em um movimento que proclamava posse. — É minha gatinha. Leva meu colar. Ou não se deu conta?

Seus dedos voaram a seu colar, localizando o desenho no frente. Abrindo o fecho, tirou o colar e voltou a olhá-lo.

Era diferente do colar que pelo geral imaginava. Quatro linhas de diamantes ainda subiam pelo colar. A diferença? No centro do colar, chips de rubi estavam rodeados de esmeraldas, e das letras *LD*. Fazia um colar com suas iniciais.

Tomando brandamente o colar de suas mãos, Leo se moveu para colocá-lo ao redor de sua garganta. Uma sobrancelha negra se elevou com desafio quando começou a retroceder um passo. — Eu não faria isso, gatinha. — Ele se aproximou dela, fazendo-a se sentir menor, rodeando-a com sua força e calor, com uma ameaça sutil de sexualidade descarada. — Sabe que está destinada a ir comigo. Pertence a mim.

Quando ele chegou ao fecho do colar ao redor de sua garganta uma vez mais ela ficou quieta, olhando suas mãos. Um brilho dourado chamou sua atenção. Quando ele baixou as mãos, pegou a esquerda, girando para poder ver o anel que brilhava ali em seu dedo.

O anel de ouro estava em seu dedo anelar, onde um anel de casamento estaria. O ônix negro era ligeiramente ovalado, como as pupilas de Leo. Gravado no rosto do ônix estavam as iniciais *RH*. Sem palavras, disse que pertencia a ela tanto como pertencia ele. Perguntando-se, ela olhou para baixo ao anel, tocada além da crença. Em um gesto que era puro instinto, ela levou sua mão aos lábios e beijou o anel.

Seus olhos se acenderam brilhantemente, com seu resplendor verde intensificando. Se ela não soubesse antes que ele não era humano sem dúvida saberia agora. Perdeu o controle de seu encanto pessoal. Podia ver os pontos de suas orelhas de duende através dos fios de seu cabelo. A capa dourada de sua pele brilhava sob a luz do poste. Com um som áspero, incapaz de expressar inclinou para capturar seus lábios em um beijo ardente que a reclamava tão a fundo como seu corpo fez a duas noites.

Ela sentiu uma de suas mãos enredar em seu cabelo e tomar a parte de atrás de sua cabeça. Sua outra mão se moveu a seu quadril. Ela se sentiu conduzida para trás do poste, às sombras, e resistiu brevemente.

— É seguro, gatinha. Estou aqui. Nada pode te fazer mal.



Ela se sentiu relaxada com suas palavras quase sussurradas, até que sentiu os tijolos do edifício contra suas costas nuas. Leo a mordeu no lado do pescoço, com sua boca trabalhando na sucção de seu pescoço, marcando-a como dele para que todo mundo o pudesse ver. Soltou as amarras de sua camiseta sem mangas, puxando dos fios para baixo, deixando descobertos seus seios ao ar fresco da noite.

Ela o olhou com olhos aturdidos por cima do ombro ao produto de sua imaginação, os poucos homens cuja atenção havia tão desesperadamente ansiado em um momento ou outro, e que se foram sem nada que lamentar. Para ela, agora, só Leo. Os homens imaginários vendo-os não importava, só as mãos de Leo importava. Ele começou a puxar com avidez e acariciar seus mamilos até torná-los duros como diamantes, com sua palmas sopesando seus seios, ao comando das respostas de seu corpo.

Ofegando, Ruby decidiu que dois poderiam jogar esse jogo. Alcançou com uma mão e começou a esfregar sua ereção através de suas calças. Baixou o zíper com frenesi, quando ele inclinou a cabeça para baixo, sugando seus mamilos como se fosse um homem faminto e ela um cardápio de cinco pratos.

— Deus, Leo, não pare. — Ofegava com desespero, quis sentir o calor sedoso em suas mãos. Tirou sua ereção de suas calças e o acariciou de cima abaixo enquanto ele a mamava.

— Se não deixar de fazer isso, isto se acabará antes de iniciar— grunhiu. Ele mudou a seu outro seio e tomou o mamilo entre seus dentes. Mordiscou com um sorriso contra ela quando ela ficou sem fôlego pelo prazer. Em resposta ela moveu sua mão mais rápido em seu pau palpitante. Puxou o zíper, puxando freneticamente de suas calças. — Deus, gatinha, está me matando.

— Bem. — Ruby se moveu um pouco enquanto baixava as calças, com um suspiro de prazer quando acariciou e mimou sua boceta molhada. Virtualmente beliscou o clitóris, quase sufocando seus gritos com um beijo que quase a devorou.

Com um juramento de silêncio Leo traçou sua boca. Tirou a mão de seu pau, puxando e empurrando até que a colocou frente à parede, abrindo as mãos, com seu traseiro jogado para trás e esperando por ele. — Excita saber que seus homens estão nos olhando, gatinha? — acariciou o traseiro, sustentando-a em seu lugar dentro da jaula de seu corpo. Apoiou nela, acariciando com sua ereção a fenda de suas nádegas com um ritmo hipnótico.

— O quê? Quem? Deus, Leo, pode foder já? Estou morrendo aqui!

Leo riu baixo com o tom áspero de sua voz. Em um movimento rápido ele mesmo se embainhou no calor apertado e úmido de seu corpo, roubando o fôlego agradando com outro beijo bruto. Ela parecia mais tensa desta forma, incapaz de separar as pernas por causa de suas calças nos joelhos. Sua boceta se apertava a seu pau, segurando a ela, recusava-se a deixá-lo ir.

Leo terminou o beijo e olhou para baixo enquanto empurrava seu pau dentro e fora de seu corpo, vendo sua longitude brilhando, com cada movimento causando que a mulher debaixo dele gemesse e ofegasse de prazer. Quando ela tratou de mover o traseiro em uma tentativa para que ele conseguisse chegar mais profundo ele a rebolou, provocando que seu mundo ondulasse sedutoramente.



Seu grito ao agulhão da palma de sua mão a fez dar um gemido quando deu o que queria, começando a entrar nela enquanto a empurrava contra a parede. Com uma mão em seu quadril a atraiu para si, de ida e volta, forçando-o a ir mais à frente. A outra mão se afundou entre suas pernas e começou a acariciara seu clitóris entre dois dedos.

— Oh! Oh Deus, Leo, isso é tão bom.

— Sim, sim. Pode gozar para mim, neném?

Ela o fez com um grito afogado, inclusive antes que o tivesse pedido. Ela mordeu os lábios para não gritar, algo que Leo não gostou. Queria ouvi-la gritar, mas já era muito tarde. Leo sentiu o clímax extrair através dela e, com um grito de surpresa, sentiu-se gozar em seu interior. Bateu nela enquanto os últimos ecos de ondulação de seu orgasmo estabeleciam o seu próprio.

Leo estremeceu contra ela. Brilhos dourados derivaram a seu redor e se estabeleceram em sua pele como luzes de fadas. Dentro e fora, ele a rodeava, cheio de seus sentidos até que não existiu nada mais que ele. Ele desabou contra ela, empurrando-a quase perto dos tijolos, com os dois sem ar. Ela apoiou a bochecha no tijolo, com o rosto volta para ele. Um sorriso de satisfação sulcava seu rosto.

Sua respiração fazia cócegas na orelha, enquanto ele sussurrava contra ela — Minha.

Com um suspiro, ela fechou os olhos. — Sua — Ele sentiu seu fôlego obstruir antes de enterrar o rosto em seu pescoço com um suspiro de satisfação.

Capítulo Seis

Quando Ruby abriu os olhos, estavam de retorno no palheiro. Ela sobre seu estômago, com suas calças nos joelhos. Leo estava sobre ela como um homem morto, ofegando ligeiramente, com o nariz ainda enterrado ao lado de seu pescoço como se respirasse sua essência. Com uma risada, ela soprou e sussurrou: — Não juntou tudo agora que a ilusão terminou?

— Não— sussurrou contra seu pescoço.

Ela estremeceu diante da sensação de intimidade. — Tudo o que posso dizer é que foi um inferno de foda mental.

— Dá um novo significado à palavra, não? —A satisfação rica de sua voz a fez sorrir. Podia sentir seu sorriso preguiçoso contra o lado de seu pescoço. Uma de suas mãos se levantou para seus dedos se enredarem juntos enquanto ele se deslizava para um lado. Ele a embalava em seus braços e ela se acomodou contra ele, contente de ser sustentada.

Ficaram juntos, como por um tempo, recebendo o fôlego do outro e desfrutando da sensação de um com o outro, até que os pensamentos e os sentimentos começaram a correr por sua cabeça. — Leo?

— Sim?

— Quantos anos tem?



Ele suspirou, tirando seu pau brando de seu corpo e volteando de barriga para cima. — Está segura de que deseja que dê uma resposta a isso?

Ela o olhou, com seu encanto baixando, com o ouro polvilhado na pele ainda mais exótico no palheiro mundano no que estavam agora. — Sim, quero saber.

— Tenho noventa e três anos.

Ela piscou. — Wow. Está bem para sua idade. — Quando ele suspirou com cansaço deu um beijo suave na bochecha, tratando de tranquiliza-lo. — Sei. Os elfos são imortais, não é? A menos que alguém os mate?

— Uma longa vida em lugar de imortal e estaria mais perto.

Todas as impossibilidades de uma relação com Leo começaram a levantar suas horríveis cabeças. — Isso significa que quando eu esteja velha e enrugada...

— Isso não acontecerá.

A nota da completa certeza em sua voz a confundiu. — Humm, me dê uns quarenta anos e acontecerá.

Ele negou. — Essa é a outra coisa que tenho que te explicar. — Ele se sentou e começou a ficar de pé e começou a subir as calças. — escutou as histórias do homem a cavalo com uma moça Sidhe indo para o Underhill, só para voltar 300 anos mais tarde e viver todos esses anos em um dia?

— Um sim. Acredito que muitas pessoas ouviram falar dessa história.

Ele subiu o zíper de suas calças, e logo a olhou. — É verdade. — encolheu os ombros com seu completo choque. — Bom, a parte do Underhill não é certa. A parte de não envelhecer sim, é.

— E a parte de envelhecer trezentos anos em um dia?

Ele tomou uma respiração profunda. — Também é verdade.

— Leo...

Ele não pôde deixar responder com um medo repentino em sua voz. Levantou uma mão. — Por favor, me deixe explicar. — Com infinito cuidado, ele pôs suas calças jeans de novo sobre seus quadris, batendo suas mãos quando ela foi a seu fechamento. Estava em seu direito, em ter o privilégio de cuidar de sua companheira. — Quando as pessoas encontram sua companheira Sidhe, unem-se a ela. Há três passos para essa união, a primeira é reclamá-la.

— O que é reclamá-la?

Ele a olhou, logo olhou de volta ao chão. — Lembra-se da luz dourada que nos rodeou quando gozamos?

Ele a ouviu aspirar fôlego. — Essa foi à reclamação?

Ele a olhou nos olhos e assentiu, contendo a respiração todo o tempo. Essa era a parte que o assustava até o inferno. Ela podia rechaçá-lo por completo nesse ponto, negar o emparelhamento e afastar-se dele. Não se surpreenderia se fizesse. No grande esquema das coisas, realmente se conheciam há três dias. Apesar de que na realidade não poderia ir muito longe, já que o ritual foi até a metade de caminho.

Viu absorver as consequências. — Escolhe sua companheira, ou é uma espécie de destino ou



algo assim?

Ele se surpreendeu. Pensou que teria mais pergunta a respeito da reclamação. — Os deuses escolhem nosso companheiro para nós antes que sequer tenhamos nascido. Se tivermos muita sorte, encontramos com ele ou com ela na vida atual, se não, esperamos, e rezamos para poder encontrar na vida seguinte.

— Portanto, não há escolha?

Não gostava da forma lenta, contida em que ela disse isso. — Do momento em que a vi, nenhuma outra mulher seria para mim. Depois da outra noite, sabe quanto tempo passou desde que fiz sexo?

— Não.

— Um ano.

Ela piscou assombrada. — Um ano?

— E para você sete. — Seu sorriso era desigual, sabia, mas isso era muito importante para tratar como uma brincadeira.

— Mas... Sua reputação... As loiras que acompanhavam a todos os lugares...

— Saí de vez em quando, mas na realidade não... Fiz clique... Com ninguém. Não podia entender por que, a princípio.

— Uniu-se a minha companhia faz cinco anos.

Ele assentiu, olhando as rodas de sua mulher girando em sua cabeça.

— Mas não nos conhecemos a não ser até faz três dias.

Sua expressão se voltou suave. — Baunilha e pêssego.

— Como?

— Seu aroma. É a baunilha e pêssego. Podia cheirá-lo a onde quer que fosse à empresa. Tomou um tempo localizar o departamento de contabilidade, e quando finalmente fiz tinha o anúncio de diretor geral, e você ficava desaparecendo. — Ela mordeu o lábio, sentindo-se culpada. — Sim, pensei que era intencional. — Suspirou. — Podia ver de vez em quando sua parte atrás, e ao mesmo tempo devo dizer que era uma poderosa boa vista, embora prefira a parte da frente. — Passou uma mão pela bochecha, encantado quando ela se ruborizou. — eu adoro ver seus olhos.

Os formosos olhos dela obscureceram, enquanto o rubor ainda manchava suas bochechas.

— Quando... — ela limpou a garganta, — ... quando deu conta de que era sua?

Leo resistiu à tentação de sorrir em sinal de triunfo. Ela o aceitou, se fez conscientemente ou não. — Quando você gostou?

— O quê?

— Recorda o beijo na pista de baile da festa do Halloween?

— Quando tratou de lambar meus dedos com sua boca?

Ele começou a rir. — Alguém disse que tem uma forma interessante de dizer as palavras?

— Mm-hmm. Foi então?

— Sim. Sabia que era a única para mim. — Não pude evitar. Acariciou o cabelo em sua bochecha, desfrutando da sensação de deslizar através de seus dedos. Tudo fascinava.



— Esta coisa dos laços afetivos. Qual é o próximo passo?

Ele devolveu o olhar a seu rosto. — O seguinte passo é a cerimônia real. Nela prometerei ser seu, e compartilharei meu poder com você. Ao fazê-lo, concedo algo de minha força de vida, o que alongará a sua. Viverá sempre e quando eu faça, na realidade. É uma das verdadeiras obras de magia que os Sidhe realmente possuem, além de nosso encanto humano. Todos os Fae têm um humano ao que se parecem. É um presente dos deuses para que nos proteja no mundo humano.

— E toda a coisa das mil e uma noites no Cavalo Branco não era magia?

Ele negou. — Não como outros Fae podem fazê-la, como meu pai.

— Sean não é um Sidhe?

Ele suspirou e tomou sua mão, simplesmente para tocar. Começou a acariciar seus dedos distraidamente. — Não, não, e essa é a raiz de muitos dos problemas no lado Joloun. Seu sangue não é o suficientemente azul para que a família de mamãe o aceite plenamente.

— Que tipo do Fae é então?

Ele a olhou e soube qual seria sua reação. — É um duende.

Por um momento ela não reagiu. Então seus lábios tremeram. — Eu não faria se estivesse em seu lugar.

Ouviu a advertência suave de sua voz, mas optou por ignorá-la. — Assim na realidade sempre estão atrás de seus Amuletos da Sorte? — Seus olhos estavam começando a focar aquosos, enquanto tratava de reprimir sua risada.

— Ruby, eu gostaria de parar agora. — Podia sentir Sean começar a mover para o celeiro. Quando um duende queria, podia mover com velocidade sobrenatural em sua própria terra.

— Posso ver as ferraduras púrpuras? — Ela mordeu os lábios, com sua risada começando a escapar.

Seu pai estava no interior do palheiro agora, apoiado contra a porta, com um tornozelo cruzado sobre o outro para que coincidissem com seus braços cruzados sobre o peito. Estava olhando o palheiro, com uma expressão divertida. Leo suspirou.

— Então, estará a lua azul este mês?

As sobrancelhas de Sean se levantaram e Leo preparou. — Não, mas tenho entendido que vocês dois estiveram fazendo suspirar meus cavalos a um momento. Imputaria de vir aqui e me fazer essas perguntas agora?

Ruby saltou, com o rosto cheio de uma mistura de culpabilidade e diversão.

— Papai, não estamos unidos ainda, entretanto, assim não faça nada... permanente, de acordo?

Ruby se inclinou para um lado e sorriu a Sean. — Assim, realmente o que acontece se fecho meus olhos duende?

Leo se assombrou, horrorizado — Merda! Que quase se perdeu enquanto Sean dava um sorriso perversamente letal. — Querida, se for realmente afortunada, o duende mostrará que sabe exatamente onde está a panela de ouro.

Leo engoliu. Sabia que seu pai estava dedicado a sua mãe. Também sabia que seu pai na



realidade não faria movimentos com Ruby. Quando seu pai piscou o olho, fechou a boca.

Leo às vezes precisava um pequeno aviso de que, de fato, era um duende, também.

Sean separou-se do batente da porta. — Agora, se os dois acabaram de brincar no palheiro, Aileen tem a comida pronta. — Sean passeou assobiando para a casa, e o coração de Leo saiu de sua garganta.

— É uma mulher valente, muito valente, e se alguma vez me assusta assim de novo te prenderei em uma torre pelo resto de sua vida.

Ruby devolveu o olhar. Algo em seu rosto deve ter dito a quantidade exata que o assustou, porque agora, depois dos fatos, ela se via consternada. — O quê?

Leo tomou um constante, acalmado fôlego. Ela tinha que aprender, e tinha que aprender rápido. Não podia deixar que saísse ferida por sua ignorância. — Os duendes são espíritos da terra. Esta é a terra de meu pai. Se ele realmente quisesse, poderia ouvir um sussurro a uma milha de distância, causar um terremoto, abrir um poço do tamanho de uma moeda de dez centavos que fosse malditamente perto do centro da terra, ou o que seja. Ele sabe tudo o que acontece em sua terra, a menos que se faça um pouco deliberado para bloqueá-lo. No momento em que iniciou com suas brincadeiras ele soube e se dirigiu para cá. — Grunhiu Leo. — E é muito afortunada de que gosta de você.

— Oh.

— Não há nada o que dizer, não comemos Amuletos da Sorte quando éramos crianças.

— Pobre bebê privado. — A brincadeira foi quase distraída, como se ela já tivesse puxado sua advertência. — Almoço, e depois terminamos esta conversa?

Seu estômago grunhiu.

Ela riu com voz tremente e o puxou a seus pés. — Vamos grande homem, vamos comer.

Jaden fechou a gaveta com um grunhido. A maldita cadela o tinha deixado sozinho nesse dia, e se ele não se inteirava de como descobriu sua debilidade, ela já iria retornar e gritar.

Jaden andou pelo quarto, sabendo que tinha aproximadamente uma hora antes que o querido Deranged retornasse de sua grande festa em sociedade. Ela pulou no jato do papai para uma pequena escapada a Califórnia ontem, e Jaden por uma vez não poderia estar mais feliz.

Jaden esperava que fosse atropelada por um ônibus. Não iria matá-la, mas maldito se não o faria sentir melhor.

Ela era tão meticulosa e ordenada, que tinha que ter a informação escrita em algum lugar. Mas não estava em seu escritório, nem em seu quarto, ou na caixa forte oculta atrás do Renoir, e vá se não era um das coisas mais bregas que já tinha visto. Falando de clichês.

Onde o teria escondido? Se pudesse pôr suas mãos no nome da pessoa que o apagou...

Não Duncan. Não depois de tudo o que passaram juntos. Duncan levou um vampiro novato assustado, que foi expulso por seu Mestre, e ajudou a encontrar seus pés e presas em um mundo onde os vampiros eram o degrau mais baixo da escala social.

Ah...claro, se fosse um vampiro da Corte Negra que estavam bastante alto na cadeia



alimentar. É óbvio que se tivesse ficado na Corte Negra depois de ter sido convertido, quase seguro seria um psicótico com chapéu no traseiro. A Corte Branca por outro lado, olhava para baixo os vampiros como inferiores, merda de cão até que demonstravam, além de toda sombra de dúvida, que podiam superar a corrupção da Rainha Escura. Jaden sustentou uma risada cínica. Como se houvesse opção de estar “poluído”. Para a Corte Branca, demonstrar que estava andando pelo geral significava estar morto. Um vampiro morto era o melhor vampiro, por isso à Rainha Glorianna se referia. Era por isso que a maioria dos vampiros deixavam a Corte Negra comprometiam sua lealdade a Oberón e a Corte Cinza. Os vampiros eram tratados como qualquer outro Fae. Se fodia a Corte, também se fodia. Se não, vivia uma vida feliz e produtiva. Era algo que Jaden podia entender respirar ainda. Enviou a mais de um vampiro jovem ao palácio da montanha de Oberón.

Quando se conheceram, Duncan descobriu mais à frente o fato de que Jaden ainda não se comprometeu com Oberón. Duncan viu Jaden, e gostou dele. Tomou-o, o fez sua mão direita. Infernos havia fodido seu sangue unindo-se a ele, inclusive se era só a mais simples união que um vampiro podia lançar.

Estar unido com um senhor Sidhe da Corte Branca era quase desconhecido para um de sua espécie. Duncan se foi então.

E se não fosse por que na família Deranged Darling era a família de Duncan, ela já teria morrido.

Jaden saiu do escritório, fechando a porta atrás dele e voltando para fechá-la rapidamente. Ela nunca saberia que esteve ali. Tinha muito que aprender da habilidade de procurar sem deixar rastro. Dirigiu-se a seu escritório, situado ao lado do de Duncan, e se deixou cair em sua cadeira. Pôs os pés sobre a mesa, inclinou a cabeça para trás, e tratou de chegar a um plano que o liberasse de Kaitlynn sem perder à única pessoa sobre a face da terra pela qual Jaden morreria.

Ruby passou o almoço absorvendo o que Leo disse no palheiro. A parte que não estava tratando de entender tudo o que viu era o olhar de comoção e pavor no rosto de Moira durante toda a refeição. Ela continuava lançando olhares entre Ruby e seu pai, e Sean sabia exatamente o que sua filha estava fazendo. Permaneceu com o rosto sereno, mas quando Moira não estava olhando piscava a Ruby.

Depois da refeição, Ruby se voltou para a Aileen. — Há algo que precise saber sobre o emparelhamento Sidhe que Leo não queira que eu saiba?

— Hei!

Ruby ignorou o grito indignado de Leo e centrou toda sua atenção em Aileen.

Aileen ficou olhando, pensativa. — O que disse até agora?

Ruby recordou tudo o que Leo disse, deixando de lado o sexo muito quente que praticaram, mas pelo pequeno sorriso do rosto de Aileen teve a sensação de que Sean tinha colocado a par desse pequeno feito.

— Então sabe como se faz a reclamação, começando com a degustação e terminando em...



hmmm... Acredito que entende essa parte muito bem. — Aileen sorriu serenamente a seu filho, que ficou vermelho brilhante. — O voto é realmente muito simples.

Aileen tomou as mãos de Sean entre as suas. — Prometo que de agora em diante não caminhará sozinho. Minha força será sua segurança, meu coração será seu refúgio, e meus braços seu lar. Vou servir de todas as formas que requeira. Comprometo a você minha vida e minha morte, cada um por igual estará cuidado. O seu será o nome de meu sussurro ao acabar cada dia e seus olhos aos que sorrirei cada manhã. Dou tudo o que é meu para dar. Meu coração e minha alma ofereço. Você é meu Escolhido, você é meu Companheiro, e estará obrigado a mim por toda a eternidade.

Sean beijou o dorso da mão da Aileen, o amor que sentia por sua pequena mulher era muito evidente. — Prometo que de agora em diante não caminharei sozinho. Minha força será sua segurança, meu coração seu refúgio, e meus braços seu lar. Vou servir de todas as formas que requeira. Comprometo com você minha vida e minha morte, cada uma por igual estará a seu cuidado. O seu será o nome que sussurrarei ao acabar de cada dia e seus olhos os que sorrirei cada manhã. Dou tudo o que é meu para dar. Meu coração e minha alma ofereço. Você é minha Escolhida, você é minha Companheira, e estará obrigada a mim por toda a eternidade.

Ruby suspirou. — Isso é lindo.

Aileen se voltou para ela, com seu rosto ainda brilhando pelo amor a seu marido. — Esse é o voto. Há um pouco mais que isso, um fluxo de magia que é quando duas pessoas trocam a tira de votos. Isso se chama união.

— Mas sou humana, não possuo nenhuma magia.

— Oh, sim faz, gatinha. — Ruby se voltou para encontrar Leo vendo-a, com sua tranquila posse uma vez mais em evidência. — Todos os seres humanos têm magia, simplesmente não sabem como encontrá-la.

— Não sei se entendi. — Ruby olhou a outro rosto de Leo, sabendo de sua confusão mostrada pela preocupação em seu rosto. Não se incomodou em colocar seu encantamento de volta.

— Confia em mim, gatinha. De acordo? Sem falar o Voto não há forma de demonstrar a união, e já que meus pais já estão unidos não podem mostrar como se vê.

Ela suspirou. — confiei em você na festa, assim suponho que pode seguir adiante sobre isso em particular.

Leo levantou a mão e deu um beijo suave na parte detrás de seus dedos. — A única parte possivelmente espantosa para você seria a reclamação, é o suficientemente forte para ter visíveis resultados.

— Como a reclamação?

Leo deu a seus pais uma olhada rápida. — Não de tudo. Se o voto se faz durante um período de tensão é possível que o espetáculo seja um pouco mais espetacular que isso.

— Oh. — Ruby pensava que o espetáculo de luz da reclamação era espetacular. O que poderia vir foguetes? — Qual é a terceira parte do emparelhamento?



— Temos a reclamação, o voto, e a união.

Sua cabeça começava a girar. Passaram pela reclamação e pelo voto, mas... — O que é a união de novo?

— Essa é a parte onde meu poder se mistura com o teu, nos unindo pela eternidade.

— Oh. — A eternidade é um tempo muito longo, Leo.

— Não. Não é. A eternidade é procurar a sua alma gêmea e nunca encontrá-la.

Leo utilizou sua mão para levantá-la. — Vamos para nosso quarto.

Leo fechou a porta e se voltou para sua relutante companheira. — Está bem, gatinha, agora saberá.

— Está seguro de que sou sua?

Leo assentiu afastando os olhos de seu rosto. Seu rosto estava em sombras, com suas sobrancelhas reunidas em um gesto pensativo. Ela lambeu os lábios e respirou rápido. — Como isso afeta o sequestro de Shane?

— Se os Malmaynes se saírem com a sua, nossa união seria a favor de minha aliança de casamento, algo que não estou disposto a arriscar.

— Como pode uma união deixar de lado? Eu pensava que era permanente.

— Nossa união não está completa. Podem dizer que enquanto não me una, posso cumprir o contrato até que Kaitlynn concebesse, e logo voltar para você. É óbvio, o lado Sidhe engendra sendo que o mais provável é que seria ao redor de setenta anos.

— Setenta... — Sua voz assombrada baixou a um assobio. — E ainda seria... — Ela agitou a mão em sua direção. Só podia supor o que queria dizer.

— Jovem? Sim, muito.

Seu — mmm— o deixou pensativo. — Mas, se não aceitarem Shane ou Moira como substitutos... — Ela soprou um suspiro e começou a caminhar, ficando nervosa. — Quero dizer, por que tem que ser você?

— Devido a minha magia Sidhe, é quase pura. Moira é quase pura duende e Shane... bom, ainda não estamos muito seguros de como classificar Shane, além de selvagem.

Ruby inclinou a cabeça, mais confundida que alguma vez. — Selvagem?

— O Sidhe e o sangue de duende em Shane estão quase uniformemente misturados. Tem o poder de ambos, com algo extra genético que parece ter feito à mistura.

— O que poderia ser?

Leo encolheu os ombros. — Se Shane o exercer, usando a seu duende e seus poderes Sidhe em conjunto, pode fazer realidade a fantasia.

— Quer dizer que realmente poderia fazer que a barraca de campanha aparecesse?

— O harém da loja de campanha? Sim, até a roupa que usava.

— Wow, — ela respirou, intrigada pelas possibilidades.

— Ele o utiliza sobre tudo em seu trabalho. É um artista.

Seus olhos se alongaram com admiração. — Espera. Seu irmão é Shane Joloun? — Quando ele assentiu ela voltou a assobiar.



Leo se moveu a puxando contra ele. Suas mãos tomaram seu traseiro, amassando-o sem pressa. — Nem sequer pense nisso, Ruby. Saberá que tem um companheiro muito ciumento.

Ela o olhou com seus olhos brilhantes. — Não quer a roupa de hurí? Quero suas calças de harém, Oh xeique!

Leo se agachou e a beijou, duro e rápido.

— Como ele faz?

Seus lábios não deixaram os seus antes que a pergunta saísse. — Não estamos seguros, mas acreditamos que é a parte dos espíritos da terra. A barraca se faria de seda, como os travesseiros, ambos nascidos da terra. Acrescenta que ele poderia ler a fantasia em sua cabeça, e bingo! Um harém instantâneo em uma barraca de campanha. — Leo continuava amassando seu traseiro, amando a sensação de seus globos firmes em suas mãos. — Mas não pode fazer muito frequentemente. Cansa muito rapidamente, por isso geralmente o utiliza para a autodefesa, em seu trabalho ou para o sexo.

— Para o sexo? Quer dizer, que faz que realidade suas fantasias e...

Leo começou a rir. — Não! Não podemos fazer a vida, Ruby! Não somos deuses, depois de tudo.

— Então, o que...?

— Camisinhas.

Ruby se limitou a olhá-lo por um momento, vendo desgostada e divertida. — Seu irmão tem o poder da criação ilimitada em suas mãos, e o usa para fazer camisinhas. O que, não sabe onde está a farmácia? —As bochechas de Leo subiram e riu, sabendo que parecia culpado como o inferno. Seus olhos se estreitaram. — Convenceu de fazer uma, não?

— Vá! É isso um carro o que ouço parando? Pergunto quem poderia ser? —Leo sorriu falsamente e foi à janela. Qualquer sentido de diversão se dissolveu dois segundos mais tarde. — Merda. Isto é inesperado.

— O quê?

Leo deu a volta. — Os Malmaynes estão aqui.

Ruby ficou ao lado de Leo e observou os Malmaynes sair da limusine. O primeiro a sair era um senhor maior atraente, com o cabelo loiro branco ligeiramente salpicado de prata. Seus olhos eram de uma cor azul escura fria e arrogante. Olhou a seu entorno com o ar de alguém que cheirava algo ruim. Seu corpo era magro e alto, em sua cara roupa cinza de grife.

A visão que saiu da limusine atrás dele fez que Ruby desejasse arrastar de novo para casa. Parecia muito familiar. Quando viu a jovem com Leo sendo escoltada pela cidade era a perfeição em cor rosa. Seu cabelo dourado era branco e seus olhos cinza brilhavam com uma beleza sobrenatural que Ruby nunca poderia igualar. Seu vestido, de cetim cor rosa pálido, fazia alarde de sua divisão sem ser vulgar. A prega terminava por cima de seu joelho mostrando só uma pista de sua perna direita. Sua pálida bolsa complementava seu traje. Seu cabelo, preso em um giro estupendo, deixava escapar mechas suficientes em um estilo elegantemente sexy. Era uma



delicada orquídea rechonchuda que Ruby sabia era comum e conhecida como dente de leão. Só podia ser Kaitlynn Malmayne, a mulher que queria casar com Leo.

Leo colocou Ruby debaixo de seu braço protetoramente enquanto os Malmaynes olhavam os Dunne. A expressão fria de Kaitlynn Malmayne se tornou dolorosa surpresa ao ver o próximo que Leo sustentava Ruby a seu lado. Rapidamente ocultou sua dor atrás de seu desprezo, mas Ruby o viu, e perguntou.

— Leo, vocês alguma vez...? — Ruby sussurrou tão silenciosamente como foi possível.

— Não.

— Bem.

A rápida risada de Leo foi oculta rapidamente com uma tosse.

Viu que Malmayne se dirigia a Aileen, ignorando por completo Sean. — Aileen, é bom vê-la inclusive nestas circunstâncias.

Aileen ignorou a mão que o homem estendeu. — As circunstâncias são completamente resultado de suas decisões, Cullen. Devolva-me meu filho.

Cullen Malmayne zombou. — Encantado como sempre, querida. — Uma vez mais, ignorou por completo Sean, Cullen se moveu a Leo. — Leo. Alegro-me de vê-lo.

Leo assentiu com a cabeça friamente. — Oxalá pudesse dizer o mesmo Cullen. Agora me devolva meu irmão.

O desprezo de Cullen se esquentou, com seus olhos curvando para Ruby. — E quem é esta jovem? Uma amiga sua?

O sorriso de Leo foi presumido. — É minha companheira.

O quente sorriso de Cullen caiu a um olhar gélido. Estudou Ruby com frieza, com desprezo não dissimulado. Atrás dele, Kaitlynn ficou sem fôlego. — A união está incompleta. — Cheirou e se voltou de novo para Leo. — Cumpre com acordo Joloun e eu me encarregarei de que seu irmão seja devolvido são e salvo.

— Não.

Cullen suspirou e sacudiu a cabeça. — Não vejo que haja outra opção, Leo. Sem sua colaboração o acordo ficará automaticamente anulado e sem efeito, e a família Joloun sofrerá. É seu desejo ver sua mãe sofrer, ou a sua irmã? E Shane, Leo? Quer vê-lo sofrer mais?

A expressão de Leo se voltou em um sorriso de tubarão que fez que um calafrio passasse pelas costas de Ruby. — Em primeiro lugar, não acredito que haja um limite de tempo no contrato, ou não Malmayne? — Quando Cullen não respondeu além de um levantamento de sobrancelhas, Leo continuou. — Em segundo lugar, limita a dizer que os companheiros serão descendentes de você ou de Duncan, ou de minha mãe ou de seus descendentes. Já que tanto meu irmão como minha irmã são descendentes de minha mãe, talvez fosse interessante se aproximar de um deles para cumprir com seu contrato? Temo que eu não esteja disponível.

Cullen negou quase com tristeza, com o olhar frio com firmeza sobre Leo. — Inaceitável. O sangue de sua irmã e irmão está muito poluído para ser de utilidade para mim. O seu pelo contrário, é quase puro.



O sorriso de Leo se voltou mais nítido, mais pelo insulto a sua família. — O seu é, por outra parte, pura merda líquida.

Ruby escutou o toque de um vago acento irlandês na voz de Leo.

Cullen suspirou.

Todo os pesadelos mais vergonhosos de Ruby saíram dos cantos de sua mente e começaram a atacá-la. Suas inseguranças a rodearam em um caleidoscópio de dor e de angústia que a enviou diretamente a cair de joelhos com um gemido.

— *Ruby é uma horrível fodida!* — Zombou a voz de Bobby Pau Magro em seus ouvidos enquanto dizia a todos seus amigos a seu redor. — *Homem, se isso for o que faz uma virgem, fico com as cadelas que sabem o que é uma mamada.* — Mas esta vez, não foi capaz de defender.

— *É tão gorda que só se balança nesse vestido. Olha como o meneia, vê agitar...* — A risada das lideres de torcida a rodeou. Cantavam essa canção que odiava, rindo de Ruby. Demorou anos para chegar ao tamanho que tinha agora, mas nada disso importava, já que tudo se precipitava de novo, com as emoções tão fortes como estiveram no momento em que aconteceu.

— *Já sabe, seria muito mais atrativa se somente perdesse quatro quilos, querida. Agora, se seguir esta dieta que tenho para você...* — A voz de sua mãe se afastou, com a de seu pai tomando seu lugar. — *Menina, se comer esse bolo pesará mais que um elefante!* — A risada de todos seus primos, tios e tias se misturavam com as risadas das lideres de torcida. O pior era que seus pais não se davam conta de que fizeram tanto mal. Pensaram que a estavam ajudando.

— *Não sei o que faz pensar que pode chegar à universidade. Não é como se tivesse cérebro em sua cabeça* — A voz da prima Trila a fez tremer. Seu cérebro foi seu único ativo durante toda a escola. — *Claro que com seios como os seus, quem necessita cérebro?*

Não é real, não é real, não é real. Ela cantou o mantra em sua cabeça, sem que fizesse muito bem. Esse pesadelo que os Malmayne induziam continuou assim até que Ruby pensou que ia começar a gritar de verdade.

E então a viu, a luz ao final do corredor da escola secundária. Uma figura ficou ali, vagamente familiar, forte e confiante. Estendeu uma mão para ela, fazendo gestos. Tudo o que tinha que fazer era ter a coragem de ir a ele. Mas, como podia caminhar com todos os olhos fixos nela?

Além disso, era um deus jovem, tão bonito que fez que seu coração doesse só de olhá-lo. Não podia estar aí para ela.

Mas de alguma forma sabia que era ele. Olhos brilhantes a puxavam. Seu cabelo negro pendurava até os ombros, mais comprido do que pensava deveria estar, mas ainda não podia recordar por que estava tão familiarizada com ele. Usava calças de couro negro que abraçavam suas pernas de uma forma que deveria estar proibida. Sua camiseta negra se prendia com amor a cada músculo, parecendo quase grafite. Usava um anel de ouro na mão que estendia, com algum tipo de pedra escura no centro.

Essa pedra enviou um brilho de lembrança através dela. Ela sabia que as iniciais RH foram esculpidas no rosto da pedra. Suas iniciais.



Ele era dela.

Sem pensar nisso, sentiu o colar que deveria rodear seu pescoço. Com um sorriso de satisfação o sentiu, o alívio que estava ali, sua marca quase entristecedora. As vozes de brincadeira, às vezes dolorosamente afetivas, todas se desvaneceram até que ela só podia escutar sua voz.

— Vem a mim, gatinha. — Quando ela vacilou ele grunhiu, — Sabe que está destinada a cavalgar comigo. Pertence a mim.

Ruby olhou para baixo, e não se surpreendeu ao ver sua camiseta sem mangas de couro e as calças de couro. Sorriu ao ambiente quente e sexy, já não tendo consciência de nada mais que dele. Leo. Ela fez seu caminho pelo corredor, mostrando sua própria pele na medida de sua capacidade, mas não era para os que causaram tanto dor.

Era todo era para ele.

Logo deslizou sua mão na sua e entrou na luz do sol. Ela piscou aturdida ao dar conta de que estava de volta na fazenda Dunne.

Ela conteve o fôlego enquanto sua mão era tirada violentamente da Leo, com seu corpo afastando dele. — Não acredito humana. — Cullen Malmayne a levou atrás dele, longe de Leo, ignorando por completo sua luta.

Parecia, os senhores Sidhe são realmente fortes, pensou puxando mais de sua mão. Não importava como duro a devorasse nem sequer igualava Cullen. Apenas se moveu sequer, só deu um passo para frente, com sua luta não registrando nele.

Ouviu um ruído estranho de rugido atrás dela. O chão sob seus pés começou a tremer. Voltando o agarre por Cullen em um laço, viu Leo em toda sua glória, furioso.

Fios multicoloridos de luz estavam montados ao redor de seu corpo em uma estranha e erótica, dança letal. Ruby suspeitava que se alguém tentava tocar a Leo nesse momento morreria de uma forma espantosa. Olhou Cullen Malmayne, e sua aparência humana foi. Seus olhos brilhavam com mais fúria, com seu cabelo ao ar com uma brisa inexistente. Leo parecia furioso ao vê-la nas mãos de Malmayne.

— Ruby é minha companheira e ninguém a afastará de mim!

Ruby ficou sem fôlego para ouvir o poder da voz de Leo. A terra resistia entre ela e Cullen, obrigando Cullen a liberar seu braço enquanto lutava por manter o equilíbrio.

Leo começou a caminhar para ela, com sua luz rodeando-a, empurrando Cullen e os outros fora com uma tela possessiva e protetora que a deslumbrou. Ela retrocedeu, com seus olhos muito abertos enquanto ele continuava caminhando com ela, com seu olhar brilhando sem deixar nunca seu rosto.

— Prometo que de agora em diante não caminhará sozinha.

— Não, Leo! — A voz de Cullen cortou através do vento, surpreendentemente clara.

— Kaitlynn...

— Minha força será sua segurança, meu coração seu refúgio, e meus braços seu lar. — Leo ignorou o patriarca Malmayne, com seus olhos só para sua companheira, com o toque de acento



irlandês dizendo exatamente o bravo que estava. — Vou servir em todas as formas que requeira. Comprometo você minha vida e minha morte, cada um por igual estarão a seu cuidado. — Ruby podia sentir seu poder envolvendo-se ao redor dela, deixando-a sem fôlego. A quente carícia era como a luz do sol em um dia do verão. Ela chegou à mão que tomava sua bochecha, com seu poder envolvendo a seu redor como uma manta familiar, reconfortante. Foi então quando percebeu de que não faria mal. — Seu é o nome que sussurrarei ao terminar cada dia e seus olhos os que olharei cada manhã.

— Basta, Leo! Ruby olhou para ver quem gritou e viu Kaitlynn, com seus grandes olhos cinza cheios de lágrimas. — Você está prometido a mim!

Leo ignorou a outra mulher, com seu olhar sem deixar nunca o rosto de Ruby. — Dou tudo o que é meu. Meu coração e minha alma ofereço. — Ele levantou sua outra mão para tomar seu rosto entre elas. — Você é minha Escolhida. — Kaitlynn gritou, com o som de completo desespero. — Você é minha Companheira, e está obrigada a mim por toda a eternidade.

As bandas de luz que rodeavam a Leo se tornaram para trás, e logo se cravaram no corpo de Ruby em uma corrida tão vertiginosa que ela se sentiu débil. Podia sentir a união de suas almas enquanto a magia de Leo enchia cada célula de seu corpo. A pressa do poder estremeceu cada parte dela, empurrando a um dos orgasmos mais intensos de sua vida. Ela estremeceu em seus braços, sem fôlego para gritar. Quando ele a beijou simplesmente acrescentou outra dimensão ao prazer e à dor correndo por seu ser. A escuridão se apoderou dela em uma maré ondulante, puxando-a para baixo. A magia pouco a pouco deixou seu corpo, e com ela, a consciência.

Leo a agarrou antes que caísse muito longe, recolhendo sua forma inerte em seus braços com um gesto preocupado. — Mamãe!

— De ela filho. — Sean estirou os braços e Leo entregou sua companheira verdadeira, sabendo que seu pai morreria antes de permitir que sua nora sofresse algum dano. Viu seu pai levar Ruby para casa, ignorando os Malmaynes até que a porta se fechou atrás deles.

Com os restos da potência de sua união açoitando em seu redor ele se voltou para os Malmaynes. Seu suave sorriso de satisfação foi frio enquanto ele e Cullen se enfrentavam um ao outro. — O ritual está completo, e é verdadeiro. Nem sequer mesmo Oberón poderia ignorá-lo.

Observou Cullen respirar profundamente, agitado. Uma união tão poderosa era impossível que o outro senhor Sidhe a negasse. — Assim parece— Cullen se voltou para Kaitlynn, que não se moveu desde sua fracassada tentativa de pôr fim à vinculação de Leo. — Minha querida, talvez devesse reconsiderar Shane.

Seus olhos azuis úmidos se voltaram para seu pai. — Quero. Leo.

Cullen suspirou. — Kaitlynn, temo que já não seja possível.

— Mas desejo a Leo.

Leo franziu o cenho diante do silencioso desespero de sua voz. Apesar de não conhecer bem Kaitlynn, conhecia algo. Acaso tinha mais sentimentos por ele do que dizia? Se for assim, tinha compaixão. Seu corpo, coração e alma se encontravam na casa de seus pais sendo atendida por eles.



— Leo não está disponível, obviamente. — Cullen passou a mão por seu braço, tratando de acalmar a sua filha. — Shane é atrativo.

Ela puxou seu braço longe dele. — Shane é um fenômeno. Não desejo Shane. Quero Leo.

Leo fechou a mandíbula ao escutar que seu irmão era etiquetado como um inseto estranho. — Então, talvez sejam bastante amáveis de nos enviá-lo de volta. — Ainda podia ouvir o acento em sua voz deliberadamente rústico, grosso que rivalizava com de seu pai.

Kaitlynn o olhou, com expressão de inflexivo cálculo ardiso. — Há situações nas que uma união com um companheiro verdadeiro e um casamento por aliança podem ser reorganizados. Talvez devesse considerar isso.

— Não.

Kaitlynn se sobressaltou diante da firmeza da dureza de seu tom. — Por que não? Resolveria o problema do contrato de casamento e daria a ambos o que queremos.

— Eu já estou unido, Kaitlynn. Inclusive se não quisesse, meu corpo está unido ao de Ruby. Não poderia fazer.

— A menos que ela desejasse.

Leo a olhou fixamente, perguntando-se que demônios estava passando por sua mente agora. Ruby não estaria disposta a compartilhá-lo, embora ele estivesse disposto a permitir.

— Pensa nisto, Leo. Poderia nos ter as duas legalmente, e cumprir com os termos do acordo. Ruby e eu poderíamos cumprir todas as fantasias que tem. E não precisaria muita persuasão, humana como é. Tudo o que se precisa é um pouco de magia— Kaitlynn tratou de pôr uma mão sobre seu braço, sem dúvida para seduzi-lo. Com suficiente da energia do enlace ainda rodeando-o, entretanto, sua mão não se aproximou a menos de uma polegada antes que a retirasse com um grito de dor. — Maldição do inferno! — Parecia zangada pelas manchas vermelhas na ponta dos dedos enquanto se inclinava sobre sua mão. Leo encolheu os ombros. — Você disse. Minha companheira não gosta de compartilhar. — Leo deu um passo atrás, pondo distância entre ele e a mulher fervendo diante dele. — E eu tampouco.

— Vamos ver isso. — Cullen foi totalmente esquecido, Leo olhou à mulher que se aproximava rapidamente ao dar conta quem era seu verdadeiro adversário. Endireitou, com um sorriso lento, sonolenta cruzando seu rosto. — Talvez possa mudar de opinião.

— Não acredito. — O olhar de Leo se manteve estável. Ele olhou sem problemas a saia de seu vestido, seu porte, uma vez mais em seu lugar.

— Vamos ver. — Ela se voltou para Cullen, com os olhos uma vez mais serenos.

— Pai?

Cullen se dirigiu para sua filha e chamou à limusine. — Leo. É uma pena que não acrescente a nossa lista de família.

— Perdão se me encontro agradecido pelo indulto.

O sorriso amargo de Cullen foi sua única resposta. Os Malmaynes se afastaram da fazenda, deixando-o com um novo problema. Como ia explicar o que aconteceu a Ruby? Unir foi seu instinto, a visão de Cullen arrastando longe Ruby, fazendo mal, foi mais do que podia suportar.



Voltou para a casa, à vista de sua mãe na porta o fez parar em seco.

— Maldição— Leo suspirou ao dar conta de que não prometeram devolver Shane.
Não terminou.

Capítulo Sete

Jaden Blackthorn estava tendo uma das melhores noites de sua vida. Observou o monitor de segurança, a ponto de cacarejar com regozijo. Isto era melhor que os episódios de Buffy. Melhor que sexo!

Descarta isso. Ainda a humilhação de Kaitlynn não é...

Não importa. Isso é melhor que o sexo.

Shane Joloun estava tomando um descanso, e com bastante êxito, também. A razão de por que era tão bem-sucedido era que os dois guardas que se supunha que deveriam controlar a cela de Shane, não estavam fazendo.

Shane conseguiu conjurar uma barra de ferro e não teve medo de usá-la. O ferro frio em uma casa Sidhe poderia ser uma verdadeira cadela. Curiosamente, o híbrido não parecia ver afetado por isso absolutamente. Estava vestido de seda azul escuro que Jaden o viu convocar. Com sapatos de couro em seus pés não fez um som. O híbrido se moveu como um fantasma pelos corredores da Casa Malmayne, batendo em qualquer pessoa que cometesse o engano de ficar em seu caminho.

Fez uma careta de simpatia falsa enquanto Shane friamente lidava com a tranca e outro guarda, convertendo ao pobre e a seu cérebro de barro em purê puro.

Cullen e Kaitlynn iriam estar tão bravos quando chegassem a sua casa. E Jaden não teve que fazer nada que não fosse estar em silêncio. E assegurar que houvesse luz em todo o bloco. Oh, e pegar aos estúpidos guardas de segurança da sala de controle com uma barra de ferro depois de ter batido na porta. Foi divertido, isso, o ferro frio na realidade não incomodava os vampiros. Algo que os Darling Deranged deveria ter em conta para a próxima vez que o ameaçassem, se houvesse uma próxima vez.

Infernos, no momento em que o gerador de emergência ligasse, Shane estaria a meio caminho de casa.

Jaden guardou seus pensamentos, e seus olhos seguiram grudados à tela e quase cantou com alegria. Vencer os dois guardas e ver a obra do híbrido foi um autêntico prazer. Escutar os gritos de frustração de Kaitlynn seria a cereja do bolo.

Ficaria o tempo suficiente para assegurar-se que Shane descesse o terreno antes de sair da zona de segurança por onde veio. Voltaria de novo para seu quarto despercebido por algum dos guardas sobreviventes. Acomodando em sua cama, finalmente permitiria que a risada que esteve guardando saísse solta.



Logo, com fome, saiu por um bocado para comer. Decidiu por uma loira, encontrando um pedaço pequeno e encantador de traseiro simplesmente passeando, um pouco bêbada, para fora de um bar. Ele a seguiu pela rua, preparado para puxá-la a um beco escuro...

A faca em seu pescoço não o assustou. A voz, entretanto, fez. — Olá, Jaden.

Ele engoliu aterrorizado, enquanto o homem magro o puxava ao beco. Sabia que não podia lutar. — Hob.

Mordeu um grito quando deu um golpe duro enviando-o a terra. Tentáculos de... Algo quebraram o pavimento de concreto para envolver ao redor de seu corpo, atravessando sua pele e prendendo em seu lugar através de seus braços, pernas e abdômen. A dor era insuportável. Imobilizado no chão, mas não fez nenhum som. Hob o afogou.

Olhou para cima através das lágrimas banhando seus olhos para ver Hob sorridente para ele. — Onde está Shane Joloun Dunne?— perguntou Hob a Jaden com a pergunta no mesmo tom de voz de alguém que perguntaria onde estava o banheiro.

— Fugiu.

Dedos magros, negras unhas com pontas se apoderaram de seu queixo. — Não minta Jaden. Não a mim. Eu não gosto quando as pessoas fazem isso.

— Fugiu!

Uma garra negra magra começou a tocar sua bochecha. — Sério?

Ele soluçava enquanto os tentáculos de seu corpo pulsavam, vertendo seu veneno em seu sistema, com a dor aumentando até níveis quase insuportáveis.

— Perguntarei isso de novo. Onde está Shane Dunne?

— FUGIU!

O Hob negou fechando os olhos. — Oh, Jaden. E foi um dos melhores. — Ele se sentou antes de abrir seus olhos para revelar o inferno.

Para o momento em que os gritos se acalmaram a gemidos, o Hob tinha todas as respostas que precisava.

Robin ficou olhando o vampiro suarento e ensanguentado no chão. Na realidade não sentia o mínimo remorso pelo que fez ao homem, mas tinha que estar seguro de que Jaden estava dizendo a verdade.

Não mentiu, e agora Robin devia. E o Hob sempre pagava suas dívidas.

Começou por eliminar todas as lembranças de Jaden do ponto em que o pegou. Não havia necessidade de que se lembrasse do que fez. Feridas se curariam por si só. Dando o tempo suficiente, o veneno passaria, as fraturas se arrumariam, os cortes e os hematomas desapareciam depois de uma boa refeição. Mas o tempo não era algo que Jaden tivesse nesse momento. Se Kaitlynn punha suas mãos sobre ele nessa condição, o vampiro não teria nenhuma possibilidade. E seria culpa de Robin.

Com um suspiro Hob cortou o pulso e o manteve jorrando, na boca do vampiro. — Dívida paga.

Considerou suficiente quando o corpo de Jaden começou a brilhar. Ele estava em um



redemoinho de pó e vento antes que Jaden inclusive tivesse a oportunidade de recuperar a consciência.

Leo olhou Ruby dormir tão placidamente em sua cama. Estava aconchegada a seu lado, com sua respiração profunda e regular.

Ele engoliu. Não podia se livrar do terror. — Já passaram dois dias. Ela não despertou. Nenhuma só vez.

Sua mãe apoiou sua mão em seu ombro. — dê tempo, Leo. Foi uma união muito poderosa.

— E se foi muito para ela? O que acontece se não acorda? —Ele passou seus dedos pelo cabelo de Ruby, desejando que ela despertasse.

— Ela vai despertar.

Ele se sentou na borda da cama, incapaz de sair do lado de sua companheira nem por um momento. — Algum ser humano sobreviveu a um vínculo tão forte?

No momento em que sua mãe fez silêncio seu medo se afundou. — Seu corpo está mudando, Leo. Suas energias estão se alinhando com as suas. Compartilhará sua vida útil. Dormir um pouco é normal.

— Por tanto tempo? —Olhou sua mãe, rogando que o tranquilizasse.

Aileen desviou o olhar, com seus olhos fechando com dor.

Leo fechou os seus e orou.

Ela vai estar bem. Tem que estar. Senhor deixe estar bem.

Ruby suspirou. Puxou a colcha, franzindo o cenho quando se topou com Leo que impedia de mover muito longe.

Leo se levantou, vendo com alegria como Ruby se aconchegava sob o edredom. Ela levantou o queixo e se acomodou para baixo.

Ele permitiu que sua mãe o tirasse do quarto. — Despertará em umas poucas horas, Leo. — Sorriu para ele, com algumas das preocupações dos últimos dias deixando seu rosto. — E logo, desperta-a corretamente.

Ele se inclinou e beijou a bochecha de sua mãe. — Farei. Obrigado, mamãe.

Ela assentiu e o deixou para ir para sua esposa.

O aroma de café recém preparado flutuava a seu lado com a brisa da manhã.

— Se não despertar, vou tomar seu café.

A ameaça do demônio se filtrou em seu cérebro privado de cafeína e ela se queixou. Uma mão se levantou fracamente em direção o maravilhoso aroma que saía.

— Isso é tudo, gatinha, abre seus formosos olhos marrom.

O demônio ria dela. Ruby abriu um olho cansada e fulminou com o olhar cheia de remelas o Maligno. Fechou os olhos e gemeu.

Ela o ouviu soprar. O aroma do café se dirigiu diretamente a seu nariz e se filtrou em seu cérebro. — Cafeeeeeé. Vamos gatinha, pode despertar para tomar um café, verdade?



— Me dê— Ela tropeçou e agarrou a xícara, bebendo todo o conteúdo de um só muito comprido gole, ignorando a picada de calor. Logo, com muita precisão, pôs a xícara ao final da mesa e se derrubou tudo sem abrir os olhos. Colocou o travesseiro sobre a cabeça. — Vai.

Bem. O demônio sem dúvida riria dela. — Se levantar posso conseguir mais café.

Ela tirou a cabeça por debaixo do travesseiro e o olhou um pouco mais. — Promete isso?

— É uma promessa.

Ela suspirou, com seu natural senso de humor despertando. A cafeína movendo através de seu sistema não machucava, tampouco. — Bom, está bem, levanto. — depois de um longo, lânguido estiramento de seu corpo se sentou, passando os dedos por seu despenteado cabelo.

Leo não ria mais. Seu olhar estava cravado em seu corpo, observando seu estiramento com uma expressão de fome. Em um instante ela percebeu que classe de espetáculo estava dando. Também percebeu pela primeira vez que estava completamente nua.

— Oh, não. Não, não, não. Não antes de duas xícaras de café, pelo menos.

— Que tal um beijo de bom dia, então?

— Hmm. Muito bem, já que me trouxe meu café. — Ruby fechou os olhos e franziu os lábios, esperando os seus.

Esperou.

E esperou.

Finalmente, abriu um olho. — O quê?— Disse ela entre seus lábios ainda franzidos.

— Está brincando, verdade?

Ela mordeu o lábio e tratou de parecer inocente. — Não. Pediu um beijo. O que fiz de errado? — Fechou seus cílios e deu seu sorriso inocente mais falso.

— Sim.

Quando ele se lançou ela não esteve preparada. Em menos de um segundo esteve de barriga para cima e rindo como uma louca.

Leo pegou suas duas mãos e as pôs sobre sua cabeça. Sustentou seus pulsos em uma mão grande, segurando-a em seu lugar com seu peso. Deu uma cotovelada a suas pernas e colocou seu corpo entre suas coxas. Com a mão livre tomou a bochecha com ternura. — Agora, vamos ver sobre esse beijo de bom dia, gatinha.

Ela não conseguiu o doce beijo de bom dia que esperava. O que recebeu foi muito mais. Leo passou a mão de sua bochecha a seu cabelo e, com um suave puxão, puxou sua cabeça até que a inclinou o suficiente para satisfazê-lo. Seus olhos se abriram com o gesto dominante. Sua boca se equilibrou sobre ela, seus lábios com toda a força de um conquistador invasor. Quando ela gritou se aproveitou disso, abrindo sua boca ainda mais, saboreando uma posse primitiva que fez que seus mamilos endurecessem com antecipação. Sua língua começou a mover ritmicamente, fodendo sua boca. Ela gemia debaixo, com todos seus pensamentos jogando uma partida, tomados pela ideia de jogar um jogo muito mais satisfatório.

A mão em seu cabelo começou a ir para baixo, chegando a seus seios lentamente, ela pensava que ia gritar. Quando por fim escondeu na palma da mão o peso dela em sua grande mão



ela quase gritou.

— Mmmm, isso é o que eu chamo um beijo de bom dia. — Sussurrou as palavras em seus lábios. Seu polegar pulsava sobre seu mamilo, brincando com ele para pô-lo ainda mais ereto.

Uma vez mais, seu senso de humor tirava o melhor dela. — Não sei. Esse tipo de beijo foi como um normal pela manhã.

Ele levantou uma sobrancelha com arrogância. — É assim?

— Mm... certo. Vai ter que trabalhar nele para convertê-lo em um beijo de bom dia.

— Ohhh, um desafio. — Sua voz estava cheia de escura fome, e Ruby estremeceu, perguntando que caixa de Pandora acabava de abrir. — Pergunto o que preciso para que seja um grande beijo pela manhã.

Ela se moveu, puxando de suas mãos. Franziu o cenho um pouco quando Leo não a soltou. — O café.

— Não acredito que café seja o que necessite gatinha. — Seu polegar seguiu avançando sobre seu mamilo. Ruby decidiu que era algo bom que não dormisse com roupa íntima, já que estaria empapada agora. Estar sustentada assim por ele parecia surpreendentemente erótico.

Apesar de que não queria dizer ao grande homem Neandertal. *Deus sabe que já me tem o suficientemente presa ao redor, como está.* — Oh, o café é bom. Viria bem um café, Leo. — Ela o olhou com olhos esperançados, inocentes, ao tempo que ria por dentro.

Ruby estremeceu de novo. A promessa quente em seus olhos e um sorriso disseram que não iria a nenhum lugar. — Acredito que sei exatamente o que necessita.

— O que é? — O som de sua voz entrecortada a teria surpreendido em qualquer outro momento. Mas para então, sua mão saiu de seu seio e foi ao longo de seu corpo, enviando pequenos tremores de necessidade a suas costas.

— Acredito que... — seus dedos acariciaram a parte baixa de seu estômago riscando um padrão erótico que fez que seu fôlego obstruísse —... você necessita... — a mão avançou seu caminho para sua boceta nua, acariciando sua parte superior antes de aprofundar na fissura, —... ronronar. — Um dedo se inseriu entre seus lábios úmidos, acariciando seu clitóris tão brandamente que ela suspirou. Sua cabeça se inundou para sua boca, fazendo uma pausa quando lambeu os lábios inchados por seus beijos. Seus olhos se acenderam com a luz de outro mundo. — Ronrona para mim, gatinha, — respirou em sua boca antes de reclamar a mesma.

O ligeiro jogo de seus dedos sobre seu clitóris quase a levou a loucura. Retorcia debaixo dele, puxando seus pulsos, tratando de aproximar dos jogos de seus dedos. Ele se negou a deixá-la ir com cuidado de não fazer um hematoma enquanto a sustentava onde a queria. Olhava-a com olhos incandescentes, com seu encanto longe dele por completo. Ela mordeu o lábio e gemeu debaixo dele, desejosa de mais prazer.

Ruby olhou seus formosos olhos, quase humanos e gemeu. — Leo, por favor.

— Leo, por favor, o quê? — inclinou o suficiente para acariciar seus lábios sobre os dela, uma carícia ligeira de brincadeira que a deixou totalmente insatisfeita.

Ruby se moveu, com suas pernas acariciando as suas. A textura rugosa de suas calças como



um contraponto erótico contra sua pele nua, acetinada. Estremeceu quando seus dedos acariciaram a entrada de sua boceta. Podia sentir que estava ficando inclusive mais úmida, enquanto ele brincava com seu lábio inferior.

Ruby decidiu que os dois poderiam jogar esse jogo. Deixando suas mãos nas dele no momento, ela começou a ondular debaixo dele, a partir de um baile erótico desenhado para fazer deixar escapar um lamento. Ela levantou seus quadris em uma súplica silenciosa para que ele aprofundasse suas carícias. Ela lambeu a concha de sua orelha, vendo a luz em seus olhos obscurecer enquanto o estremecimento de seu corpo o atormentava. Sim, lembrava corretamente. Este é um ponto quente. Ela mordeu sua orelha. O gemido que ele soltou foi música para seus ouvidos.

Leo se moveu um pouco, fechando os olhos a meia haste enquanto se inclinou. — Confia em mim? — Sussurrou ao ouvido.

Algo em seu tom de voz, um desejo escuro que podia ver em seus olhos, fez que fizesse uma pausa enquanto considerava seriamente suas palavras. Ela confiava nele o suficiente para fazer o que suspeitava que fosse fazer?

Ruby olhou os olhos brilhantes de Leo e percebeu que sim, que confiava nele ou nunca o teria seguido até seu quarto de hotel a primeira noite, e muito menos se colocado no avião a Nebraska. — Sim.

O sorriso escuro que cruzou seu rosto a fez duvidar. — Então não se mova.

Seu tom de comando a fez estremeecer. Se for de nervos ou de excitação, não estava segura. — Por que não?

Leo levantou da cama, tirando cada centímetro de seu corpo contra o seu. Com um olhar severo reforçou sua ordem de que não se movesse

Ficou de pé sobre ela, contemplando sua nudez com uma fome que nunca viu antes, inclusive nele. Seu olhar explorava cada centímetro de seu corpo. Tomou até a última gota de sua força de vontade não cobrir com as mãos, de repente tímida diante da posse em seu olhar. Ela manteve seus braços estendidos sobre a cabeça e foi recompensada com um olhar agradado, faminto. — Muito bem, gatinha. — Ele deu a volta, movendo a sua mala. Ouviu um zíper abrindo, mas decidiu ficar onde estava. Tinha a sensação de que Leo estava a ponto de apresentar uma brincadeira de que ouviu falar, mas não estava segura que alguma vez o tentaria mais que em suas fantasias. Parecia que Leo está a ponto de converter sua fantasia em realidade. Ela estremeceu, com a antecipação apertando seus músculos, com seus mamilos duros no ar da manhã.

Ouviu-o procurar na mala. Girando a cabeça, pôde ver que era uma mala menor que a que tinha sua roupa, e que não se incomodou em desempacotar. Perguntou em algum momento o que haveria nela, mas decidiu não fazer perguntas sobre isso. Assumiu que era particular.

Quando ele começou a pôr os objetos sobre a cama, deu conta de que era muito particular.

A primeira coisa que Leo pôs na cama foi um tubo negro. Ela pôde definir como lubrificante, e estremeceu ligeiramente. Não podia dizer se era por medo ou por excitação o que causava seu tremor.



A segunda coisa que Leo pôs na cama foi um brinquedo anal de cor pêssego.

Bom, agora sei para o que era o lubrificante. Poderia ser inexperiente, mas não era tão ingênua. Era menor do que ela pensou que seria, e algo de seu nervosismo se foi.

Até que Leo pôs outro brinquedo anal na cama. Este era negro e muito mais amplo ao redor, e maior. Colocou-o ao lado da de cor pêssego, dando um olhar quente antes de voltar para a mala e pôr de novo uma clara advertência do que pensava fazer com ela.

Oh, rapaz.

O seguinte que tirou foi um pau de cor vermelho brilhante com um acessório estranho na frente. Ruby o olhou, com uma risada nervosa quase escapando.

Um espanador pequeno foi tirado. — Hummm, posso conseguir um traje de faxineira francesa para que combine com isso?

Leo levantou a vista da mala. Não havia diversão em seus olhos. — Shhh. Não permiti falar. Ainda não.

Ruby abriu a boca para discutir, mas a fechou quando Leo a olhou.

Ele assentiu com satisfação e se voltou para a mala.

Uma paleta negra se uniu ao espanador na cama. As sobrancelhas de Ruby subiram de maneira alarmante. Oh, não acredito! Não havia maneira de que o consiga em algum lugar perto de meu traseiro.

Seus lábios se curvaram. — O que te faz pensar que o usaria só em seu traseiro?

Seus olhos se abriram. — De nenhuma forma. Não fale comigo em minha cabeça.

— Estamos unidos, querida. É óbvio que posso entrar nessa linda cabeça.

Algumas algemas com velcro, unidas por uma corrente curta se uniram à paleta e ao espanador. Uma faixa se acomodou junto a eles. Finalmente, Ruby escutou o zíper da mala fechando.

Leo levantou as algemas negras e se moveu para o lado de Ruby na cama. — Sabe o que vou fazer com estas, Ruby?

Ruby observou o rosto de Leo, enquanto suas mãos acariciavam as algemas. Ela sorriu, com seus lábios fechados comprimidos por sua ordem de não falar.

Leo assentiu. — Boa garota, gatinha. Pode falar.

— Vai tratar de atar os pulsos às pernas da cama, verdade?

Leo parecia divertido. — O que quer dizer tratando?

Antes que se desse conta, Leo pôs o primeiro bracelete ao redor do pulso. Olhou com cuidado para assegurar de que não estivessem muito fortes, um gesto assegurou que o Capitão Cavernícola poderia vir brincar, mas ela sabia que Leo ainda estava em alguma parte. — É isto uma espécie de coisa de cortejo sujo dos Sidhe?

Ele atou o outro pulso através dos postes sobre a cama. — A conquista terminou, é tempo de foder— murmurou Leo, pondo a outra alga ao redor de seu pulso. Assegurou de que estivesse cômoda para ela, esperando que ela estivesse bem antes de continuar.

Parou, olhando-a. Deu conta de que amava o que via enquanto seu olhar percorria seu corpo



nu, apanhado. Com um sorriso de pirata chegou a seu corpo e pôs a faixa nos olhos. — mudei de opinião. — Ele colocou brandamente a faixa em seus olhos. — Não quero que ronrone, gatinha.

Com a faixa nos olhos não tinha nem ideia do que ia fazer a seguir. — O que quer que faça Leo?

Ela o sentiu sair da cama. Esforçou para escutar, escutar qualquer sussurro revelador do brim, mas não chegou.

Sua voz, quando chegou, sobressaltou-a. Inclinou sobre ela sem fazer ruído. — Quero que grite.

E com isso, Leo começou sua introdução em um mundo de sensações que ela não sabia que existiam.

A princípio nada aconteceu. Não podia ver nada. A faixa estava apertada, mas não incômoda. Ela percebeu que Leo fez isso muitas vezes antes, ele estava bem com isso. Um pequeno impulso de ciúmes subiu, mas ela o sacudiu. Quem fez isso antes com ele não estava na cama, mas ela estava. Ouviu o rangido do brim e soube que Leo começou a mover pelo quarto. Encontrou dando volta a sua cabeça um pouco para seguir os sons, perguntando o que faria a seguir.

Podia jogar com seus sentidos, sabia, mas de algum jeito também sabia que não o faria. Isso não era parte desse jogo em particular. A faixa era suficiente, no momento, seu coração pulsava com uma espera nervosa. E saber que tudo era real esta vez, que não estava dentro de sua cabeça, fazia a sensação muito mais intensa.

Quando o primeiro sussurro de seu tato suave chegou, ela ficou sem fôlego.

O espanador. Ele o deslizou através de seus mamilos, brincando com ela com pinceladas ligeiras sobre sua pele. Deslizou por seu ventre, brincando em seu umbigo antes de inundá-lo no V de suas coxas. Lenta como o melaço se deslizava de retorno para fazer cócegas a um lado de seu pescoço e ela se arqueou em um convite silencioso.

Sua respiração se aproximou de ser um suspiro ao momento em que o espanador levantou afastando-se dela. Não protestou quando Leo levantou os joelhos e colocou seus pés sobre a cama, com as pernas abertas. Agora estava aberta a seu olhar.

— Não se mova— sua voz soou escura e fumegante em seu ouvido.

O toque do espanador seguiu a sua ordem, à deriva de seu joelho a sua boceta. Fez cócegas ligeiramente em cima de seu dolorido clitóris antes de deslizar por sua outra coxa dançando em seu joelho. A sensação era quase muito. — Leo?

Ele respondeu a sua petição em voz baixa. — Sshh. Estou aqui, gatinha.

Seu peso se estabeleceu na cama a seus pés. O espanador se levantou de seu corpo. Ela esperou o seguinte contato com antecipação sem fôlego, com seus nervos tensos.

Quase podia sentir seu olhar quente deslizando sobre ela. — Tão linda. — Ele começou a acariciar sua boceta e ela se arqueou contra ele, com suas coxas fechando-se, tratando de fechar a porta a seu lugar. — Uma bonita boceta. Mantêm as pernas separadas, gatinha— Ela abriu os joelhos em sua posição, abrindo como uma flor para ele. — Boa garota.



Ele passou um dedo para cima e para debaixo de sua fatia, umedecendo-o em seu rocio. O colchão rugeu o sussurro de suas calças contra os lençóis indicou que se estava subindo dos pés a seu lado. O espanador, uma vez mais começou a dançar brandamente sobre seus mamilos. — Talvez devesse que perfurem estes, gatinha. O que você acha?

O choque a fez retroceder com o pensamento de seus mamilos perfurados. — Não... uh.

Leo começou a rir, rico e escuro, e sacudiu um dedo contra seu mamilo. Um anel de mamilo não existente foi tomado e retorcido, enviando espirais de calor direto a seu clitóris. — Está segura?

— Uh... —Ruby se arqueou pela dor incrivelmente erótica enquanto Leo se agachava e puxava com os dentes, tomando seu mamilo e preocupando com ele. — Não, não, acredito que posso viver sem isso— gemeu ela. Prazer, sim, agulhas não!

Ele lambeu a pequena dor, por isso ela assobiou de prazer. — Pequenos e formosos rubis dançando em sua pele— sussurrou contra ela, com seu quente fôlego sobre sua pele úmida, apertada.

— Fazem isso sem perfurá-los, sabe. — Ela o sentia ainda por cima e na maldita faixa em seus olhos. Não sabia se estava rindo ou não, mas não havia forma de que ninguém no inferno estivesse perto de seus mamilos com uma agulha. — Não. Sério. Vi nesse site da Web...

— Ruby?

— Hmm? —Ela se relaxou. Sua voz estava cheia de triste diversão. O som do zíper baixando foi forte.

— Se cale meu amor.

— Um. Bom. Mas sem agulhas perto de meus mamilos, combinado? Quero dizer, isso mataria por completo meu desejo...

Um zumbido começou ao mesmo tempo em que Leo deslizou seu pau entre seus dentes, balançando-se em sua boca. Ela considerou mordê-lo em sinal de protesto. O zumbido se converteu em uma sensação de vibração contra seu clitóris que a fez arquear para cima com um uivo de surpresa e de prazer.

— Assim, gatinha?— Leo continuou seu ritmo pausado, com seu pau indo e vindo entre seus lábios. Instalou o vibrador entre os lábios de sua boceta, com a sensação quase delicada. — Que tal isto?

Inclinou um pouco e algo suave e redondo se empurrou dentro dela. O pau de cor vermelha devia ser um vibrador.

— Vai sentir as vibrações, inclusive com mais intensidade agora, gatinha— sussurrou enquanto acomodava o vibrador em seu interior. Algo roçou contra seu clitóris enquanto ele começou a fode-la com ele, algo que enviou alegria gritando por sua espinha. — Chamam orelhas de coelho, amor. Como se sente?

Ela gemeu quando as “orelhas” de novo roçaram seu clitóris.

— Agora, não se esqueça de mim, gatinha. — Agarrou à parte de atrás de sua cabeça, com sua boca apanhando-o onde ele queria. Começou a fode-la dentro e fora de sua boca com uma



maior velocidade, com sua mão sustentando o consolador de brinquedo dando estocadas. Seus quadris se arquearam a seu encontro, conduzindo a sua profundidade. Fez saber de seu prazer da única maneira em que podia, gemendo em torno de sua carne dura de ferro e lambendo freneticamente até que ele gemeu.

Com um pop acústico tirou sua boca de sua sucção. Ela sentiu sua boca acariciar a dela ligeiramente antes que começasse a beijar seu corpo, detendo o tempo suficiente para chupar seus sensíveis mamilos. Com um giro de seu pulso baixou até as orelhas do vibrador contra seu clitóris e a enviou a gritar seu primeiro orgasmo.

— Oh, sim, isso é o que eu gosto de escutar. — A voz satisfeita de Leo sustentava uma fome inconfundível nele. A cama começou a sacudir de novo. Ela podia ouvir o ranger do tecido e pensou que por fim tiraria a roupa. Sua hipótese foi comprovada como certa quando sentiu sua pele quente junto à sua, sua mão acariciando sua carne ainda tremente. — Então, você gosta do vibrador, gatinha?

Ela pensou três segundos antes de começar a ronronar profundo em sua garganta.

— Oh, gatinha, está com problemas— disse rindo. Chegou a seu corpo por algo, a cama se afundou seu corpo balançou com seus movimentos. Desejou que tirasse a faixa. — Preparada para sua próxima experiência?

Quando começou a lambe seus mamilos enquanto fazia a pergunta, sua resposta só pôde ser um pequeno gemido.

— Tomarei como um sim— murmurou, empurrando um casulo apertado em sua boca e sugando, reduzindo assim a ponta com a língua até que ela se retorceu na cama.

Ela sentiu que ele inseria o vibrador dentro dela e esperou que as deliciosas sensações acariciassem seu clitóris de novo. Quando essas sensações roçaram seu traseiro em seu lugar, deu um puxão, não de todo segura de que gostava.

— Relaxe para mim gatinha. Se você não gostar, prometo que o deixarei. Só será prazer, amor.

— Você não viu ainda— murmurou, girando contra a estranha sensação puxando através de seu ânus. As vibrações fizeram um eco longínquo em seu clitóris. O pau falso dentro vibrava ao mesmo tempo em que as orelha em seu ânus. Ela se lambeu os lábios, desejando algo, algo, para aliviar o crescimento de dor em seu interior.

— Não, não. Estou guardando para algo, algo especial.

Ela ficou gelada. — Especial? Devo ter medo?

Ele se inclinou e a beijou com doçura. — Não, querida, não há nada que temer. — Escutou a tampa do lubrificante abrindo, com o som forte do plástico no ar. — Só vou ajudar a preparar para poder foder seu traseiro, isso é tudo.

Disse como um fato com a maior naturalidade que ela não o registrou em um primeiro momento. — Humm, Leo?

— Humm? — Sua voz era distraída enquanto tirava o pau falso de sua boceta.

— Nunca hei... Quero dizer, não estou segura...



— Shhh. Eu sim. Confia em mim, gatinha.

Ela confiava nele, ou não estaria atada à cama. Além disso, as vibrações contra seu ânus começavam a ser boas. — Me arrependerei disto, não?

Ela sentiu que ele se inclinava sobre seu corpo, com um escorregadio dedo esfregando lubrificante sobre a dobra de seu traseiro. Deslizou em seu traseiro, com a sensação fazendo-a apertar ao redor dele em estado de alarme. — Dobro que se atreve.

Haaa... infernos!

Ruby deixou escapar um suspiro áspero. — Está bem, me coloque o que seja pelo traseiro!

— Terá que relaxar Ruby.

— Não, na realidade, não farei. — Suspirou completamente brava. Como podia desafiá-la a isso?

— Sim, fará, ou doerá.

Podia sentir a diversão envolta em sua voz enquanto ela fazia seu melhor esforço para fazer um nu. Huff. — Bom, vê? Toda relaxada.

Ela o sentiu suspirar e ele seguiu com o dedo dentro dela. — Não vou fazer mal, Ruby.

— O quê?

— Não confia em mim, ainda não, mas juro que não farei nada que não queira. Assim me diga, gatinha. Deseja isso?

Ela suspirou, com toda sua meio divertida indignação demolida pela gravidade de seu tom. Pararia se ela dizia. — Leo?

— Sim, gatinha?

— Confio em você. — Obrigou seu corpo a relaxar de novo contra o colchão, girando seus olhos cegos a sua voz.

— Tem certeza disso, gatinha? Não parece muito entusiasmada com a possibilidade de ter sexo anal.

Ela estremeceu. — Tenho experiência limitada, lembra Leo? Como posso saber se eu gosto se não me mostrar isso? — Ela quase podia sentir as rodas girando em sua cabeça e encolheu os ombros. — É óbvio, poderia ir a outro lugar para minha educação.

Podia sentir a indignação verter em cima dele, inclusive com os olhos enfaixados. — É uma merda! — Sua boca desceu no peito e a mamou com ferocidade. Seu dedo logo começou a mover dentro e fora de seu corpo, ele passou a outro seio. A mão que não estava muito ocupada aprendendo em seu traseiro se moveu a seu monte descoberto, com o polegar para baixo para começar a imersão massageando em seu clitóris. Muito em breve Ruby encontrou seus quadris movendo-se ao mesmo tempo com suas correntes enquanto sua boca se equilibrava sobre ela em um devorador, vitorioso beijo. Não havia nada doce em sua boca enquanto reclamava a sua. Um segundo dedo se uniu ao primeiro em seu traseiro, estendendo ao sair enquanto a fodia sem piedade dentro e fora.

— É minha— murmurou contra seus lábios, e Ruby começou a dar conta do que suas brincadeiras desataram. — Ninguém mais a tocará. Ninguém mais a terá. Entende?



— Sim, Leo. — Ela se estirou levantando e sacudiu um suave beijo contra sua mandíbula, instintivamente tratando de acalmar à besta que sem querer desatou.

— Ninguém vai tê-la— murmurou com sua voz áspera.

— Eu não deixarei— sussurrou ela, uma vez mais tratando de acalmá-lo até que seu corpo começou a tremer.

— A quem pertence? —A posse de sua voz era escura e emocionante. Um terceiro dedo começou a mover dentro de seu superaquecido corpo. Ela se queimou, mas essa queimação rapidamente se converteu em um prazer escuro que a fez arquear em sua mão.

— A você, pertença a você, Leo!

Seus dedos eram uma tesoura aberta, estendendo-a, preparando para o que queria. Tirou as mãos de seu corpo e ela gritou com a sensação de vazio. Uma vez mais a cama se inundou ao chegar a seu corpo, duro e tenso por cima dela, e ouviu o estalo da tampa de plástico do lubrificante abrindo. Ouviu esmagar o lubrificante sobre algo e esperava em Deus que não fosse seu pau. Não estava segura de estar preparada para isso.

— Não se mova gatinha. — Sentiu que ele começava a empurrar algo muito maior que seus dedos em seu traseiro e conscientemente relaxou seus músculos, permitindo a invasão. O brinquedo anal escorregou com uma facilidade surpreendente, com seu prazer misturando-se com a dor, com a base deslizando-se deixando escapar seus músculos para adaptar-se comodamente a seu interior.

— Está fazendo muito bem, gatinha — sussurrou contra seus lábios enquanto colocava seu corpo sobre o seu. — É tão linda com isso inserido em seu traseiro.

Ela sentiu seu pau na entrada de sua boceta e seus olhos se abriram depois da faixa. Ele se empurrou com um lento, inexorável escorregão. Como demônios ia encaixar esse monstro?

Ela abriu a boca para protestar quando sentiu a cabeça de seu pau deslizar em sua boceta. Ele empurrou dentro dela em um lento escorregão, a barra de ferro acetinada e suave abrindo sua carne, e calou suas palavras com a sensação.

Nunca se sentiu tão cheia em sua vida. Era quase mais do que podia suportar.

E então ele começou a mover.

Começou a fode-la lentamente a princípio, deixando que ela sentisse seu escorregadio membro completamente enquanto se retirava, com um suave impulso quando voltou a entrar em seu corpo. Ela podia senti-lo contra o brinquedo anal, como um bom ajuste que surpreendeu a carne entre sua boceta e traseiro sem rasgá-los.

Quando ele acionou o interruptor do brinquedo anal e o fez começar a vibrar, ela gritou.

Mais e mais rápido ele a fodeu para dentro e para fora de seu corpo. Podia sentir o suor que gotejava para baixo sobre ela. Sussurrou nesse idioma doce melodioso que não entendia. Começou a dar estocadas à medida que as vibrações em seu traseiro se intensificavam, estremecendo dentro e fora de seu corpo com tanta força que podia escutar as bofetadas de carne quando se juntavam.

E adorava cada maldito minuto disso.



O homem de seus sonhos estava fodendo-a no colchão, golpeando seu corpo contra o seu, perdendo o controle estrito que normalmente mantinha sobre si mesmo. Ela deu os quadris para ele, as fazendo coincidir estocada atrás estocada, acariciando seu clitóris contra a base de seu pau até que ela gritou em um orgasmo tão intenso que quase desmaia de puro prazer.

Quando ela ouviu seu grito de clímax momentos mais tarde ainda estava lutando com as sequelas e se perguntava como ia sobreviver a seu seguinte encontro.

Ela bocejou, não dando conta, quando tirou as algemas que a atavam à cama. Aconchegou-se contra ele, com os olhos enfaixados ainda em seu lugar, e sucumbiu a dormir aconchegada em seu peito.

Leo tirou o plugue traseiro com uma pequena careta de dor. Quando ela o ameaçou de ir a outra pessoa para aprender, ele se perdeu, tomando-a como um animal quando merecia muito mais, que tivesse sido muito melhor, em sua noite de núpcias.

Entretanto, pelo sorriso em seu rosto enquanto dormia em seus braços, talvez não fosse um engano total.

Talvez não devesse ter trocado o plugue de pêssigo pelo negro. Poderia ter sido um pouco muito, especialmente para uma novata.

Entretanto, se era assim como sua gatinha fazia amor quando tinha tão pouca experiência, não podia esperar para saber como fariam amor em uma centena de anos. Ou em 200.

Agachou e levantou a colcha, fazendo todo o possível para não incomodá-la mais do que tinha que fazer, e se dispôs a vê-la dormir, com a culpa e a satisfação profunda até o osso com uma estranha mistura em seu sangue. Limparia os brinquedos mais tarde. Abraçar a sua esposa estava claramente no topo de sua lista de tarefas pendentes.

Capítulo Oito

Ruby despertou com a luz solar e uma expressão de cautela no formoso rosto de Leo.

— Bom dia— ela murmurou.

— Tarde, na realidade, — grunhiu ele, com sua expressão irônica. — Tem fome?

— Um. Poderia comer um cavalo. — Ruby estirou estendendo todo o corpo que geralmente moviam seus olhos fora de sua cabeça.

Esta vez, ele desviou o olhar. — Vou procurar sanduíches. — deslizou da cama e vestiu suas calças.

— Leo? O que acontece? — Ruby franziu o cenho.

— Nada.

— Ouça, quando digo nada assim tenho que estar até o terceiro grau. O que devo te dar?

Leo suspirou e se esfregou a ponte do nariz com cansaço. — Sinto muito.



— Por quê? — Ruby não tinha nem ideia de por que sentia culpa, mas estava decidida a averiguar.

— Não quis ser tão duro... com você... antes. Sinto muito.

Ela pensou por um momento vendo-o puxar sua camiseta. Ele se dirigiu à porta do dormitório e ela soube que tinha que dizer algo agora ou calar para sempre. — Nunca disse que parasse.

Fez uma pausa, com uma mão na maçaneta da porta, com as costas tensas ao escutar a nota reflexiva de sua voz.

— Pensa nisso, Leo. Nunca disse que parasse. Disse que faria se dissesse isso, lembra?

Observou como se voltava para ela, com o alívio e o arrependimento misturados igual. — Perdi a cabeça.

— Sei.

— Poderia ter feito mal.

— Não.

Ele franziu o cenho. — O que quer dizer, com não?

— Quero dizer, que nunca me fez mal.

— Não de propósito! Acidentalmente! — Leo empurrou suas mãos através de seu cabelo, puxando um pouco eles. — Perdi o controle, Ruby. Poderia ter feito mal.

Ela sacudiu a cabeça, saindo da cama e caminhando em silêncio para ele. — Não. — Enganchou seus braços ao redor de sua cintura e se inclinou para ele, fazendo sentir sua confiança. O amor que estava começando a sentir por ele a esquentou enquanto se abraçava contra ele, sem importar que estivesse completamente nua.

Seus braços foram ao redor dela, duros e seguros. — Tive um medo à morte quando não despertou até depois da união. Não foi como planejei passar nosso dia de núpcias, Ruby. E logo, quando despertou perdi o controle. Sinto muito, gatinha.

Ruby se esticou com as palavras do “dia de núpcias”. — Leo?

— Hmm? — Ele afundou o rosto em seu cabelo e respirou profundamente, com seu grande corpo relaxando no seu.

— Quando nos casamos?

Ela o sentiu ficar rígido em seus braços, e não no bom sentido. — Expliquei a união, lembra?

— Sim, acredito que sim.

— A reclamação, o voto e a união?

— Lembro-me da reivindicação, Leo. Os detalhes sobre o resto, por favor! Quando se completou a cerimônia, e onde estava?

Ele a olhou com expressão surpreendida. — No pátio dianteiro. Malmayne tratou de te afastar de mim. — Lembranças imprecisas começaram a emergir, de Cullen a puxando dos braços de Leo, chamando-a humana com brincadeira como se estivesse suja. Não se importava que a inofensiva brincadeira tivesse desatado sua besta! — Fiz magia de terra para afastá-lo de você e disse o Voto. — Mais lembranças saíram à superfície, de Leo rodeado de um incrível poder, de



vivos tentáculos de luz que se estendiam por toda parte diante dele enquanto se dirigia a seu lado. — Uma vez que o voto foi falado, a união completou. — Mostrou a imagem em sua mente, de seu arpão de poder ao terminar o voto, fazendo que visse negro. — Nossa verdadeira união está completa agora.

Ela o olhou com sua mente dando voltas a mil por hora. — Não tenho que repetir o voto para que estejamos vinculados? — Disse sem trocadilho.

Seu rosto ficou imóvel. — É diferente com os não Sidhe. — Ela viu a careta de dor mais que seus olhos em seu rosto quando ela levantou as sobrancelhas. — Uma não Sidhe não tem que repetir os votos de novo para que funcione.

Ela inclinou a cabeça, confundida. Na cozinha, seu pai repetiu os votos. — Sean não os repetiu quando Aileen o disse a ele?

Leo tossiu. — Bom, não, na realidade. Não fez. Não a primeira vez, de todos os modos.

Seus olhos se alongaram. — Quer dizer que Sean foi obrigado contra sua vontade? — Não podia imaginá-los tratando de forçar a Sean a fazer algo que não quisesse.

Leo começou a rir. — Agora, essa é outra história. — Leo pôs seu braço sobre seu ombro, conduzindo de novo à cama, e se sentou na borda. Ele moveu a cadeira à cama e se acomodou diretamente frente a ela. — Quando minha mãe foi enviada a Paris para unir-se com Duncan Malmayne pela primeira vez, parece que papai estava ali nos bairros baixos.

— Nos bairros baixos?

— Era o ano mil oitocentos e oitenta, e Paris era o lugar para estar nesse momento. Isso, ou Nova Iorque, foi isso que disseram, e meu pai decidiu fazer a excursão europeia. De todos os modos, mamãe conheceu Duncan e o aceitou pelo contrato de casamento. Então, uma noite na ópera, viu meu pai. Disse algo sobre que seus olhos se encontraram, piscou um olho, e ela se perdeu. Ela foi buscá-lo no dia seguinte.

— Os Malmaynes deveram ter estado furiosos.

— Não sabiam. Mamãe foi escondida, começou a fazer perguntas sobre o irlandês de olhos azuis. Quando o encontrou deu uma bafurada de seu perfume e quase o amarrou no ato.

— Wow. Sério? A que cheira?

Leo sorriu. — Minha mãe sempre diz meu pai cheira a casa.

Ruby suspirou brumosa. — Eu gosto muito seus pais.

— Bem, levou alguns dias e um montão de paqueras, mas mamãe finalmente conseguiu que a beijasse.

— O sabor.

— Assim é. Batata, sendo um Leprechaun, descobriu muito em breve que era Sidhe, mas não tinha ideia se era ou não de alta fila, ou inclusive a que corte pertencia.

Ruby negou. — Corte? Quer dizer como os Luminosos e os Escuros?

Ele pareceu surpreso e contente. — Algo assim. O Malmaynes e os Jolouns eram ambos da Corte branca e deviam sua lealdade a Glorianna.

— Pensei que eram Oberón e Tita...



Seus dedos se apertaram contra seus lábios. — Não dizemos esse nome.

Ela franziu o cenho. — Por que não?

— Diz que se disser o nome da Rainha da Escuridão ela a escutará. É possível que se interessem por você— Ele estremeceu. — Realmente não quer isso.

Isso só o fazia cada vez melhor e melhor. — A Rainha da Escuridão?

— A Rainha da Escuridão rege o Tribunal Negro. É uma história longa, mas basicamente a Rainha Escura estava ciumenta do poder que Oberón tinha. Era o Grande Rei sobre todos os Fae, e dizem que se apaixonou de verdade por sua rainha, até o ponto que se uniu com ela da mesma forma em que eu me enlacei com você. Sua rainha, entretanto, não foi castigada. Diz que vendeu sua alma a alguns seres escuros que concederam certos poderes. Em troca se encarregaria da Corte e pagaria aos seres escuros com poder e sangue. Traiu Oberón, criando os primeiros vampiros, criaturas poluídas criadas a partir dos humanos e das fadas, e começou uma guerra que quase nos destrói. De alguma forma Oberón conseguiu quebrar o vínculo verdadeiro que compartilharam e terminou com a Corte.

— Pensei que uma união não podia ser quebrada.

— Ele é o único de que ouvi falar que obteve a façanha. Ninguém sabe como fez, mas arrumado que Hob deu uma enorme mão. Agora temos a Corte Branca, governada por Glorianna, o Tribunal Negro governado pela ex de Oberón, e o Tribunal Cinza, ou a corte de Oberón. Oberón segue sendo o Rei Supremo e tem influência sobre os outros, mas em sua maior parte trata de não interferir.

Ela decidiu ignorar o fato de que um vínculo verdadeiro podia ser quebrado. Estava estranhamente reticente a pensar nisso. — A que tribunal pertence sua família?

— Os Dunnes pertencem à corte branca, mas minha família não é muito alta. Shane e eu só somos senhores, devido ao sangue Joloun. Papai sempre fala de se converter a Corte Cinza e, finalmente, deixar todo o político entre as famílias atrás, mas nunca o fez.

— O que me lembra. Como foi que sua mãe encontrou seu pai para unir-se com ela?

— Ficou bêbado uma noite e a beijou, e ela soube que ele era o indicado. Mamãe se assegurou de que bebesse um pouco mais de vinho e conseguiu entrar em sua cama, não foi que ele tenha lutado duro.

— Isso parece familiar. — Leo parecia completamente arrependido. — Ela disse o voto, então?

— Na realidade, não. Decidiu apresentar a seu pai primeiro. Nem que dizer que o pai Joloun não gostou, e ameaçou meu pai.

— E logo disse o voto?

— Não. Papai se foi de Paris essa noite. Decidiu que seria melhor que ela estivesse com os Malmaynes que com ele. Recorda que, tanto os Jolouns como os Malmaynes se consideravam fadas de poder. Ir contra eles não era pouco. Acrescenta o fato de que não tinha ideia de que mamãe começou a unir verdadeiramente com ele, e sentiu fazer o que ele pensava era o correto. Mamãe, é óbvio, tinha o coração quebrado e se negava a seguir adiante com o contrato de



casamento. Quando papai Joloun a prendeu em seu quarto e pôs guardas Brownies, papai se inteirou disso.

— Como? Quero dizer, se ele não se encontrava em Paris, como pôde descobrir?

— Os Brownies são espíritos de terra, e um dos guardas era um amigo de meu pai e mandou uma mensagem para ele. Quando se inteirou do que estava acontecendo à mamãe retornou a Paris. No momento em que chegou, disse que já não se parecia com a garota ingênua adolescente que conheceu. Ela na realidade tinha cinza no cabelo. Com a ajuda dos Brownies saíram da mansão Joloun e se afastaram. Quando Duncan Malmayne os alcançou, mamãe estava no processo de unir papai a ela, com suas objeções mais fortes, poderia acrescentar.

— Por que objetava? Amava-a, verdade?

— Por isso. Pensava que não era o suficientemente bom para ela. De todos os modos, Duncan, dando conta de que estavam unidos, desejou o bem, mas o resto dos familiares se indignou. Mamãe e papai não tinham nada contra Duncan pessoalmente, mas o resto da Malmaynes e dos Jolouns deixaram claro que sentiam que mamãe e papai foram além dos limites.

A cabeça de Ruby estava nadando com a informação. — Entretanto, seus pais trocaram os votos.

— É habitual na união de um Sidhe a um não Sidhe que os votos sejam trocados, mas isso é parte da cerimônia formal, não da própria união.

— Oh. Como uma espécie de casamento Sidhe, então?

Leo beijou o dorso de sua mão. — Você gostaria de fazer isso, Ruby? Ter uma cerimônia completa, com seus amigos e família presente, e um vestido comprido e branco? Estou mais que disposto a fazer isso, gatinha, se a fizer feliz.

Ruby fechou a boca quando Leo começou a rir. — É uma proposta?

— Já nos casamos meu amor, mas se deseja a proposta formal, posso fazer isso.

Ruby mordeu o lábio. — Necessito tempo para pensar, Leo. — Alcançou e alisou as linhas de expressão em sua frente. — Não vou fugir. Não prometi que não o deixaria? Só tenho que pensar bem as coisas, digerir tudo o que me contou. Leo pensa. Foi um inferno de semana. —

— Amo você, Ruby.

Ela lutou por conter as lágrimas que se iniciaram. Seu rosto estava totalmente sério, seus olhos eram sinceros e carinhosos apesar da dureza de seu rosto. Não estava segura de que podia falar mais à frente do nó em sua garganta. — Leo...

— Shhh— Ele colocou um dedo sobre seus lábios, com seu sorriso torcendo. — Não tem que dizer, ainda não.

— Se cale de uma puta vez. — Sentia que uma das lágrimas deslizava, mas não importou.

— É um grande tolo. — Levantando, deu meia volta e se acomodou em seu colo, abraçando-o enquanto seus braços foram a seu redor. — Quero que nós dois usemos anéis, ouve?

— Escuto gatinha. — Ela sentiu seu suspiro de alívio, enquanto descansava o queixo na parte superior de sua cabeça.

— E se me engana, cortarei as bolas e as pendurarei.



Sua involuntária contração fez rir. — Devidamente entendido.

— Leo?

— Sim?

— Amo você muito. Como diabos aconteceu tão rápido?

— O que importa como tenha passado rápido? Para mim o único que importa é o que fazemos. — Leo tomou sua mão esquerda na dele e a estirou frente a eles. Brilhos de ouro se uniram em torno de seus dedos com anéis até que duas simples alianças de casamento apareceram. — Que desenho devemos fazer?

Ruby olhou seus brilhantes olhos de outro mundo e se mordeu o lábio, tratando de não rir.
— De ferraduras?

— Oh, infernos. — A cabeça de Leo bateu a parte de atrás da cadeira enquanto faíscas se dissipavam.

— Com um diamante azul?

Ele fechou os olhos em um gemido. — Rubis.

— Bom, acredito que os globos de rubis seriam um muito, mas se isso é o que quer...

Ele a interrompeu com um beijo que apertou os dedos dos pés. — Estava pensando em mim mesmo trabalho de nó celta.

— O que, nem sequer um trevo verde?

A Leo cortou a garganta. — olha nossas mãos— grunhiu.

Olhando para baixo, Ruby abriu a boca. Intrincados nós de anéis de ouro branco salpicados de diamantes brancos adornavam ambos de seus dedos.

— O nó celta simboliza a eternidade, igual ao anel em si.

— O mesmo ocorre com os diamantes. — Ela piscou as lágrimas de seus olhos enquanto olhava os formosos anéis que sua imaginação forjou. — Os diamantes são para sempre.

— Você gosta?

Ruby olhou os brilhantes olhos de Leo e sentiu que seu coração dava voltas. — Oh, sim. Eu gosto. Entretanto, há um anel que eu gostaria que fizesse.

— Qual seria? Seu anel de compromisso?

Ruby negou. — Lê minha fantasia, sua senhoria.

E o rosto de Leo se encheu de ternura, enquanto um segundo anel posava em sua mão. Este era de ouro amarelo, com um ovalóide negro em forma de pedra. As iniciais RH estavam gravadas na superfície da pedra.

Ruby apenas se surpreendeu quando sentiu o peso de seu colar ao redor do pescoço. Seus lábios se tocaram, roçaram com amor.

— Minha.

E por sempre jamais, não estava segura qual dos dois disse primeiro.

Leo e Ruby se arrastaram ao jantar, tanto esgotados como famintos, um esboço das alianças de casamento, do anel e do colar estavam na mão de Leo. Queria falar com seu pai sobre a busca



de um sprite de terra para fazer o trabalho por eles.

O jantar dessa noite foi um prazer e uma dor, com sua família adaptando a seu emparelhamento e acolhendo Ruby com os braços abertos. Sempre presente, entretanto, estava o espírito de Shane desaparecido e mais de uma vez Leo teve que fazer retroceder sua própria felicidade e lutar com a dor e a perda que todos eles estavam ainda experimentando. Moira fez todo o possível para aliviar o ambiente com suas brincadeiras, mas não pôde conseguir mais que um sorriso pela metade de sua mãe, e nenhum absolutamente de seu pai.

— Bom, agora, não nos vejamos com o olhar triste, — disse uma voz de tenor ligeiro na porta. Voltando, Ruby viu um homem estranho de pé no crepúsculo cedo, com seu comprido cabelo vermelho preso atrás com um laço de couro, com seus profundos olhos azuis brilhando com alegria. Estava vestido com calças de veludo negro e uma camisa branca, com botas de couro negras em seus pés. Estava apoiado contra o marco da porta tranquilamente observando à família Dunne terminar seu jantar.

Ruby saudou o recém-chegado. — Olá. É você amigo da família?

Sentiu Leo esticar a seu lado e se perguntou o que fez mal. O homem entrou e estava obviamente em casa. Não era um amigo?

O homem sorriu com doçura. — Sim, sou. E você será a preciosa Ruby, suponho?

Ruby assentiu e observou ao homem ruivo passeando ao redor da mesa. Com seu traje estranho, com seu cabelo comprido e vermelho, teria pensado que era efeminado. Até que se moveu. Não caminhava, rondava, com seus movimentos elegantes e poderosos. Lembrava um gato da selva.

Tomou a mão, colocando um delicado beijo sobre seus nódulos. Deu-se conta de que suas unhas estavam pintadas de negro. — Encantado querida, e felicitações por sua união. — Os alegres olhos azuis se moveram a Leo enquanto o homem tomava a mão. — Minhas mais brilhantes bençãos por sua união, Leo! E felicidades por ter derrotado os Malmaynes!

— Não derrotamos os Malmaynes. Ainda têm Shane. — Os olhos de Leo não deixaram o homem ruivo, e Ruby poderia ter jurado que viu o medo neles.

— Sinto muito, não me apresentaram. Você é...?

— Minhas desculpas, minha querida. Pode me chamar Robin.

— Robin?

— Sim. Robin. Robin Goodfellow, na realidade. — Sua expressão foi de maldade pura, seus olhos azuis brilharam para ela enquanto esperava sua resposta.

Ruby piscou.

— Queridos deuses, não o diga, Ruby.

Ela fez caso omissivo das ordens e sussurrou a Leo enquanto seu lábio começava a tremer. — Um. Vejo que Shakespeare estava errado. O que é um homem maneta, de todos os modos?

Os olhos de Robin se abriram por um momento, com o brilho aprofundando. — Quer saber?

— Se tiver os mesmos resultados que a lipoaspiração, talvez.

Os lábios de Robin tremeram. — Não acredito.



— Oh. Bem, então. — Suspirou Ruby, com o brilho de seus olhos brincando com Robin. — Então, é amigo de Leo por muito tempo?

Com uma sobrelha erguida, convidou-o a sentar. Sem pensar, Ruby se levantou e serviu a ele e a Leo uma xícara de café. — Não por muito tempo, não. — Ruby percebeu de que sua voz era pensativa enquanto entregava a xícara. Deu obrigado em um gesto curiosamente formal.

— Oh, bom, estamos pensando em formalizar nossa união com uma cerimônia uma vez que o problema com os Malmaynes resolva. Você virá, não?

Ela ignorou a asfixia de Leo e o silêncio dos Dunne enquanto esperavam a resposta de Robin.

Seus olhos dançaram com profana diversão, Robin respondeu: — Não perderia isso por nada do mundo.

— Eu gosto de sua companheira verdadeira. — Leo se dirigiu ao alpendre dianteiro, com Hob seguindo de perto. — Poucos são os que não têm medo de mim.

Leo voltou à cabeça o suficiente para ver o rosto de Robin. Embora sua expressão fosse relaxada, os olhos de Robin eram graves. — Está convidado a vir.

O olhar de Robin se afiou, suavizando quando percebeu de que Leo quis fazer. — Quero dar obrigado, Dunne. — A alegria atravessava o rosto do Hob. — Estou seguro de que poderei chegar com um presente de casamento adequado.

Leo gemeu.

— Mas isso não é pelo que vim. — Robin se encarapitou ao corrimão, equilibrando-se sobre as pontas de seus pés, enquanto ficava de cócoras, com a cabeça inclinada para um lado enquanto olhava Leo. — Em primeiro lugar, os Malmaynes não estão aceitando sua companheira verdadeira fácil. Temo que possam fazer um movimento contra sua Ruby.

Os olhos de Leo brilharam em cor verde, com seu encanto esquecido. — Já vejo. Ocuparei disso. E o outro?

Robin parecia encantado. — Há rumores que o pássaro enjaulado dos Malmaynes voou, mas aonde se moveu é um mistério.

— Shane está livre? — Leo não podia acreditar, mas se Hob dizia que era assim, então teria que ser.

— Sim, por isso acredito que vão fazer um movimento contra sua mulher. Terá que aproveitar as novas circunstâncias para poder chegar a um acordo com seus termos. — Robin olhou para suas unhas negras. — Então, o que pensa de Kaitlynn e Cullen?

Leo suspirou. — Cullen está apoiando Kaitlynn nisto, acredito eu. Ele estaria disposto, se não fosse feliz, a que Shane ou Moira cumpram o contrato, mas parece que Kaitlynn se fixou em mim.

— Esse seu rosto bonito... ela o cobiça.

— Ela não o pode ter. — Leo ficou olhando o céu noturno. — por que se comprometeu a ajudar?

Robin riu a primeira expressão genuína que Leo viu nesse rosto bonito. — Devia um favor a sua mãe por algo que nem sequer é certo que fiz. — Robin olhou a Leo, com os olhos brilhantes de



cor verde. — E o Hob sempre paga suas dívidas. Sempre.

E com isso, rápido como chegou, o Hob se foi, com sua voz fluando na brisa da tarde. — Lembra: há outro Malmayne.

Jaden piscou sentindo totalmente em desvantagem. Onde diabos está Duncan? — O que você quer?

Kaitlynn suspirou, exasperada por completo. — Me traga a puta e pequena humana, coloca na jaula de Shane, e me deixe. Inclusive alguém de sua limitada inteligência pode compreender essa ordem, não?

Jaden grunhiu. — Cuidado bochechas doces.

Ele se estremeceu uma vez mais quando ela sorriu. Havia algo... Nela que o fazia pensar em aranhas.

Jaden odiava as aranhas.

— Traga a garota, coloca-a na jaula, e esqueça-se dela. Entende senhor Blackthorn?

Jaden respirou fundo. Não gostava da direção de seus pensamentos, evidentes em seu rosto. — Duncan não estará feliz se machucarmos uma garota inocente.

Essa expressão de sacarina doce cruzou seu rosto uma vez mais, e Jaden se perguntou aonde teria ido a “preferida de papai” Cullen era uma das poucas pessoas capazes de lutar com a querida louca. — Duncan pode ir ao inferno. Faz o que digo vampiro.

Jaden fez todo o possível por imitar seu sorriso. — Não.

Estava bastante seguro que a bofetada que caiu sobre seu rosto se supunha que o machucaria. Provavelmente teria deixado um hematoma no rosto do Sidhe. Em um vampiro, isso era apenas perceptível. — Faz o que digo ou chamarei o Sr. West.

O fato de que a ameaça fosse entregue no mesmo tom adocicado que normalmente só falava a fazia parecer mais horripilante. O tempo se esgotava para Kaitlynn Malmayne.

Se não fosse por Duncan, a cadela já estaria morta. Estava se convertendo em seu maldito mantra. *Se não fosse por Duncan, se não fosse por Duncan...*

Jaden se voltou e saiu de seu escritório e fora da casa. Dirigiu diretamente para seu carro, um clássico Mustang negro. Logo que esteve fora da terra Malmayne tirou seu telefone celular.

— Duncan? Jaden. Onde diabos está? Move seu traseiro para Nebraska. Temos mais problemas.

Estava preocupado. Duncan não respondeu mentalmente em quase uma semana. Em qualquer lugar que estivesse, estava fora do alcance de seu vínculo e de uma torre de telefonia celular.

Ou estava morto. Em cujo caso Jaden tinha toda a intenção de encontrar à pessoa ou pessoas responsáveis e fazer pagar de uma maneira dolorosa.

— Contatar Duncan? Mas por quê? —A voz de Aileen estreitou com ansiedade e esperança.

— Não sei, mas Robin o mencionou antes de ir. Disse e cito: há outro Malmayne.



Ruby viu Leo caminhar de ida e volta antes de chegar ao sofá. Seus pais estavam sentados juntos, com a mão de Sean descansando firmemente na parte superior entrelaçadas de Aileen. Ruby tinha a impressão de que impedia de retorcer suas mãos até as voltar pedaços. Moira estava lendo em seu quarto. Ruby sabia que a pressão da união de Leo e a contínua ausência de Shane estavam começando a chegar a ela.

— Talvez se referisse a que Duncan e Moira podiam cumprir o contrato. — Ruby se voltou para Leo para ver sua reação.

— Oh, não! Duncan é muito velho para Moira— A voz da Aileen era muito firme.

— Humm... não se ofendam, mas vocês vivem virtualmente para sempre. O que teria que ver a idade?

— Moira não tem cinquenta anos!

Leo assentiu. — Qualquer pessoa de menos de cinquenta é considerada uma criança ainda.

— O que faz isso? Um adolescente precoce?

A expressão de Leo se esquentou. — Assim é. Espera até que chegue a meu melhor momento.

— Oh, infernos. — Ruby rodou seus olhos. — Então, que idade tem Duncan?

— Duncan Malmayne tem mais de quinhentos anos.

Ruby assobiou. — Wow. Um homem amadurecido, não é? —Ela ignorou o rugido de Leo e se centrou em Aileen. — Assim sendo, ele tem que esperar para reclamá-la?

Aileen parecia absolutamente horrorizada. — Minha Moira não poderia dirigir um homem como Duncan Malmayne!

Ruby sorriu com força. — Moira pode dirigir quase tudo. — Ainda não perdoou Moira pela dor que causou a Leo, apesar de que aparentemente foi inventado. Voltou para Sean. — Os duendes maturam mais rapidamente que os Sidhe?

Sean assentiu a contra gosto. — Sim. Em cinquenta por cento porque somos considerados como adultos, mas nossa expectativa de vida é mais curta que a dos Sidhe.

Ruby olhou a Aileen, que tinha “obstinado rechaço” escrito em todo seu rosto. Encolheu os ombros. — Foi só um pensamento.

— Talvez quisesse dizer que Duncan poderia nos ajudar a conseguir tirar Kaitlynn de minhas costas. — Leo correu as duas mãos por seu cabelo, puxando com frustração. — Só desejo que Shane estivesse de volta.

— Podemos acreditar na palavra do Hob de que Shane está livre? —A voz de Sean e sua expressão se mostravam céticas.

Leo assentiu. — Sim, Robin ainda sente que deve a mamãe algo, assim sendo, eu acredito. Além disso, — Leo deu um olhar irritado a Ruby, — Gosta de minha esposa.

Ruby sorriu. — A sua esposa gosta dele também. — E apesar de sua conversa essa palavra enviou um estremecimento através dela. Estava casada com Leo Dunne. É óbvio, no mundo humano não era legal, mas se encarregaria disso uma vez que Shane estivesse em casa.

Leo tratou de olhar para baixo, com um aumento de sua negra frente arrogante. — Que você



não goste dele muito.

Ela lançou um beijo enquanto Sean se levantava do sofá.

— Sean?— O rosto de Aileen estava cheio de medo enquanto olhava seu marido.

— Sinto Shane!

Ruby tinha que ver como rápido um duende podia mover em sua terra. Sean desapareceu tão rapidamente que nem sequer viu uma imagem imprecisa.

Leo disse algo a sua mãe na linguagem lírica que Ruby não conhecia; depois saiu correndo pela porta com seu pai a um ritmo muito mais humano. Aileen e Ruby olharam fixamente, com os olhos de Aileen cheios de esperança e de temor.

— O que está acontecendo? —Disse a voz de Moira da parte superior das escadas. Desceu com o cenho franzido ligeiramente em seu rosto. — Acabo de ver meu pai correr como um morcego saído como o inferno pelo caminho, com Leo atrás dele.

— Shane— Aileen sorriu a sua filha com lágrimas em seus olhos. — Seu pai sentiu Shane.

Moira ofegou, apertando sua mão no corrimão. — Está segura?

Com um gesto de Aileen, Moira deixou escapar um grito que quase fez tremer a casa. — Onde está?

— Atrás de mim, querida.

Jaden viu a humana Ruby voltar para ele. Estava apoiado contra o gonzo da porta, assegurando de manter seu corpo fora da casa Dunne. Alguns vampiros realmente tinham que ser convidados ao interior, e estava esperando que isso desse um momento de calma às mulheres com uma falsa sensação de segurança também.

— Shane? —Ruby tratou de olhar a seu redor, com sua expressão feliz. Odiava muito em breve ver obrigada a apagar essa expressão de seu rosto.

— Shane não está aí— respondeu Aileen. Deu um passo adiante, com seu poder Sidhe envolvendo como um manto de ouro. — se afaste de minha casa, vampiro— Aileen começou a brilhar. Os reflexos dourados que orvalhavam sua pele tinham vida própria enquanto dançavam em uma pauta hipnótica, que Jaden ignorou. Sorriu a Aileen, mantendo-se petulante apesar de que sentia justamente o contrário.

— É óbvio. — Deslocou seu olhar a Ruby. — não até que a garota saia. — Trocando seus olhos, de negros a impossivelmente mais negros, puxando sua vítima a ele. — Vem aqui, moça.

Sua voz era a sedução em si, a promessa em espiral em torno dos sentidos da mulher e se apertaram, atraindo-a para frente com um passo vacilante de uma vez.

— Não acredito vampiro.

Ele piscou com a visão da fúria ruiva se interpondo entre ele e sua presa. Moira Dunne grunhiu, colocando-se frente à Ruby, disposta a defender sua cunhada da morte.

Jaden vacilou. Não serviria de nada fazer saber Moira que estava impressionado. Tinha muita coragem para um Sidhe que os jovens se enfrentassem um vampiro completamente amadurecido, sem importar as circunstâncias. — Fora do caminho, querida. Não estou aqui por você.



— Está brincando? Sabe o que meu irmão faria se soubesse que alguém como você tocou sua companheira? Infernos, provavelmente estará mais bravo que você por respirar o mesmo ar.

Jaden não se incomodou em ocultar suas presas, enquanto os deixava cair. — Sidhe. O que presumiu — Centrou sua vontade em Moira e puxou. — Vem aqui, minha linda. Vem a mim, doce. — Seu olhar permanecia fixo em seu rosto, embora ardesse em desejos de vagar por suas deliciosas curvas. — Sempre fui parcial com as ruivas.

Moira começou a mover para frente. Ouviu um grito de medo.

— Não! — Aileen empurrou Ruby fora do caminho em uma tentativa desesperada por chegar a sua filha, fazendo tropeçar Ruby. Moira se voltou e, sem pestanejar, pôs a sua mãe contra a parede.

Huh. Perguntou do que se tratava tudo isto. Parecia Moira tinha alguns problemas não resolvidos com sua mãe. Não se incomodou em ocultar seu sorriso. Aileen já fez conhecer sua opinião.

Aileen desabou no chão, aturdida, enquanto Moira continuava a frente.

— Pensei que preferia às morenas? — Perguntou Ruby, obviamente, tratando de chamar sua atenção de Moira.

Jaden manteve o olhar no que suspeitava era o verdadeiro prêmio da casa Dunne. — Sinto muito, doce. Sempre tive debilidade pelas ruivas lutadoras. — Moira começou a passar a soleira e aos braços em espera do vampiro.

— Oh, infernos. — Ruby correu para frente, empurrando diante de Moira. — Deixa-a em paz, coelho vampiro, estou aqui.

Jaden piscou, acidentalmente quebrando a escravidão de Moira. — Coelho vampiro? Coelho vampiro? Pareço do tipo que come cenoura?

Moira estremeceu e retrocedeu. — Não sei. Coelho Drácula parece bastante apropriado. Quantas cenouras tem que comer? — E ela sorriu dessa forma brava que os homens de todas as partes reconheciam.

— Mulheres— Jaden sacudiu a cabeça com tristeza. — Não me pagam o suficiente por esta merda. — Olhou a Ruby. — Vamos e terminemos com isto.

— Não— Moira puxou Ruby de volta, uma vez mais de pé diante dela.

Jaden suspirou. Maldição. Agora terei que fazer um hematoma nessa pele de porcelana. — Sabe, tratei que fazer isto bem. Agora só vou ter que fazê-lo à inversa. — E com isso, cruzou a soleira, com os olhos uma vez mais vermelho vivo.

— Huuummm, pensei que não podia vir aqui sem um convite. — Ruby retrocedeu com cautela.

— Tipo equivocado de vampiro, parecia— soprou Moira retrocedendo junto com ela.

— Parecia— Jaden torceu um dedo a Ruby, permitindo que a unha crescesse em forma de longa, garra negra. Não tinha intenção de utilizar realmente suas garras em nenhuma garota, mas maldito se não eram muito boas para a intimidação. Só esperava que funcionassem. — Vem aqui, garota. Alguém quer vê-la.



— Não! — E Moira o ventilou, com a determinação em cada linha de seu pequeno corpo.

Moira sabia um pouco de Kick Boxing pela forma que utilizava seus pés. Jaden estava impressionado mais à frente. Ela o atacou com um retrocesso do calcanhar girando e batendo na cabeça, isso o teria derrubado se fosse um soldado do exército da Rainha Escura.

Felizmente, graças a seu pai filho da puta, seu estratagema não funcionou. Tudo o que fez foi agitar sua cabeça sobre o pescoço. Moveu para bloquear seu próximo golpe, sustentando a maior força sob seu controle. Tinha que ser óbvio para Moira que ia perder. Podia ver em seu rosto que sabia que não poderia derrotá-lo, mas essa determinação de rocha sólida de mantê-lo afastado de sua cunhada ainda ardia brilhantemente, o suficiente para realmente impressioná-lo. Pela extremidade do olho viu Ruby sair da casa, gritando por seu marido apaixonado com todos os pulmões.

Perfeito.

Era hora de terminar com isso. Jaden derrubou Moira tão brandamente como pôde, deixando-a com a menor quantidade de dano que podia infligir.

Ficou olhando Moira com um sorriso malicioso. — Linda, valente Moira— Passou suas mãos por seu cabelo, resistente a deixá-la para trás.

Ela se provou diante dele. Agora ia demonstrar sua valia a ela.

Deu um beijo suave nos lábios antes de afundar seus dentes em seu pescoço.

Esse beijo prometia que não haviam terminado. Não por um longo tempo.

— Não devia ter interferido linda. — Acariciou o cabelo de sua testa, com sua expressão quente e possessiva. Lambeu o sangue doce de seus lábios. Esqueceu isso, embora nunca o esquecesse de novo. Deu um beijo suave nos lábios que ela não respondeu. — vou vê-la logo.

— Leo! Leo! Ajude-me! — Ruby corria gritando, sabendo de algum jeito que ocultar, não funcionaria contra a criatura que a perseguia.

Ruby sentiu um forte vento a seu passo e se parou, com a esperança de que Sean se dirigisse para casa.

O estrondo que provinha da casa Dunne fez que o cabelo de sua nuca se arrepiasse. O chão sob seus pés se moveu e tremeu. Sean estava soltando sua ira de uma maneira muito visível. Ruby ofegou com um soluço e se voltou para a casa, com cada fibra de seu ser chamando a seu companheiro.

— Ruby? —voltou, a ponto de cair. Os braços de Leo chegaram a seu redor, protegendo-a. — Shhh. Está bem, gatinha, tenho.

— Há um vampiro na casa com sua mãe e sua irmã— exclamou, caindo contra ele e abraçando-o com tanta força que se surpreendeu de que suas costelas não se quebrassem.

Ela o sentiu endurecer. — Vampiro? Na casa de papai?

Ela assentiu ainda sem fôlego. Correr não era seu forte. — Huph, droga. Moira lutou contra ele.

— Santos infernos— E Leo começou a correr para a casa.



Deixando-a só no caminho escuro, a meia milha da casa. — Oh, não.

Uma figura escura subiu ao meio-fio, com seus olhos brilhantes de uma cor vermelha horripilante. — Olá, preciosa. — Suspirou o vampiro, com sua voz pegando em seus braços.

— Ruby! — Leo correu para baixo, horrorizado. Sua companheira estava em um carro estranho, indo. Sendo afastada dele. O chão a seus pés ondulou com sua ira. Se fosse mais rápido, poderia ter detido o vampiro. Mas esta não era sua terra, e a pouco sangue duende que corria por suas veias não era suficiente para salvá-la. Leo apertou os dentes, sabendo que sua própria estupidez ao deixá-la no caminho fez que a sequestrassem. Começou a correr para a casa e a seu carro, seu único pensamento era chegar a sua esposa.

O vampiro pagaria por pegar o que era dele.

Jaden olhou à mulher dormindo a seu lado e fez uma careta. Leo arrancaria a cabeça de seus ombros por ter drogado sua companheira, mas era a única maneira que podia pensar para levar a mulher a Kaitlynn sem fazer mal. Sua mente era bastante forte. Faria caminhar com calma pela terra Dunne, sem alertar Sean Dunne de sua presença, tomou a maior parte de sua força. Já teve suficiente enganando para que caísse em sua armadilha e poder levá-la com ele antes de sentar no carro e sair.

Graças aos deuses que teve o sabor sexy do duende antes de sair da casa, ou nunca teria conseguido.

Maldição, Moira o punha quente. Visualizar seus lábios zombando desesperadamente dava um inferno de ereção. Acrescentando o glorioso cabelo loiro avermelhado, a tez pálida, suave e os olhos azuis, e um homem podia afogar, e ele era um vampiro alegre, excitado. Ela lutou como uma gata para defender a sua cunhada e a sua mãe, algo que Jaden podia admirar tanto como deplorava a necessidade de fazer.

Maldita Kaitlynn por fazer conhecer uma mulher como essa em circunstâncias como estas. Oxalá pudesse dizer que estava de seu lado, mas não podia.

Ainda não.

Podia sentir através do ligeiro vínculo de sangue que estabeleceu, que Moira era assim. Podia sentir sua irritação por ter sido enganada, seu medo ao que ia fazer a Ruby, e fez o melhor que pode para enviar suas garantias pelo enlace simples que estabeleceu com sua mordida. Manteria Ruby segura, embora só fosse porque queria dizer algo à ruiva batalhadora.

Se Duncan não retornava logo Jaden ia matar Kaitlynn pessoalmente e se condenaria com as consequências. De qualquer forma, tinha toda a intenção de voltar para a terra Dunne e terminar o que começou com sua filha.

Com um sorriso, Jaden se perguntou como ia reagir Duncan a sua vinculação de sangue duende. Não podia esperar para averiguá-lo.

Tinha a sensação de que a ambos iriam gostar de ser um do outro.

No momento em que Leo chegou de novo a casa, Shane chegou. O vampiro disse a verdade a respeito disso, ao menos. Uma vez que tinham a uma cansada e maltratada Moira e um



igualmente cansado Shane na cozinha, o vampiro estaria bem longe da fazenda. Mas ao menos agora Leo sabia onde estava o vampiro que levou sua esposa.

Leo, com os olhos cheios de fúria e medo, discou o número que sua mãe entregou.

— Duncan Malmayne? Meu nome é Leo Dunne. Vou matar sua irmã. — Leo fechou discretamente o telefone, ignorando o fôlego de sua mãe. Girou sobre seus calcanhares e se dirigiu para seu carro.

Kaitlynn Malmayne foi muito longe, e agora ia morrer.

Capítulo Nove

Seguindo as indicações que Shane deu, Leo se dirigiu a Omaha. Seu sangue fervia de fúria e culpa apesar das estranhas garantias de Moira que de algum jeito sabia que Ruby estava segura na atualidade. Quando Leo perguntou como podia estar tão segura, ruborizou e negou-se a responder.

Outra coisa pela que o maldito vampiro teria que responder. As feridas no pescoço de sua irmã curaram rapidamente, mas o vampiro de merda deixou um chupão.

Leo sabia pela descrição de seu irmão que os Malmaynes o mantiveram em uma propriedade de luxo nos subúrbios dos limites da cidade de Omaha. Parecia, compraram a propriedade em algum momento nos anos noventa e construíram uma casa com mais de doze mil metros quadrados de espaço habitável em uma vintena de hectares, a maioria dos quais eram bosques. As únicas áreas que não eram bosques era a piscina e o jardim formal que os Malmaynes insistiram em manter.

Shane também disse que a casa, enquanto que estruturalmente era muito bela, carecia de alma.

Leo levou o Navigator à borda da estrada a um quilômetro da mansão dos Malmayne. Saindo, pegou sua lanterna e o pau de ferro de Shane. Trotando na noite, contava com que sua própria magia o pusesse na porta principal.

Até se um só cabelo da cabeça de Ruby resultasse ferido, o vampiro não seria o único que Leo perseguiria com a barra de ferro.

Ruby abriu os olhos a um quarto branco e estéril. Tratou de levantar a cabeça, mas descobriu que não podia. Sentia como se pesasse uma tonelada. Não podia girar a cabeça, mas quando conseguiu a onda de enjoos e náuseas a fez sentir contente de não ter podido levantá-la. Ficou olhando o grande espelho que adornava uma parede e não refreava sua necessidade de rodar seus olhos.

— Fui sequestrada por extraterrestres ou pelos federais. — Seu discurso era incoerente. Lembrava vagamente ter tomado uma pílula de um homem bonito, de cabelo escuro que a entregou, mas todo o resto estava em branco.



Uma voz masculina riu brandamente atrás dela. — Como se sente?

— Enjoada, débil, zangada. E você?

A voz voltou a rir, e logo respondeu: — Bem, obrigado.

— Oh! Muito me alegra ouvir isso.

O vampiro suspirou e apareceu em sua vista. — Não tenho muito tempo, assim escuta bem, Ruby. Kaitlynn está louca.

— Oh! Jura? — Ruby lambeu os lábios. Tinha o sabor como se colocassem algo na boca e tivesse morrido ali há algum tempo. — Não me dei conta.

— É difícil não ver, na realidade. Drogarei de novo.

Ruby não pôde ocultar sua careta de dor. — Por quê?

— Ela não pode conseguir chegar dentro de sua cabeça se está drogada e fora dela.

Ela pensou brevemente a respeito do que uma Sidhe louca podia obrigá-la a fazer com sua própria mente. Seu pequeno baile com Cullen respaldava as palavras do vampiro. — As drogas são boas.

O vampiro sorriu. — Pensei que veria desde meu ponto de vista. Abre bem amor.

Ruby abriu a boca e permitiu colocar a pílula em sua língua.

Quando deu um copo de água para engoli-la, quase se afogou.

— Cuidado.

— Por que está me ajudando agora?

O vampiro lançou um rápido olhar à porta, e logo se inclinou sobre seu corpo. Primeiro percebeu que realmente era muito bonito, algo que não teve a oportunidade de notar antes. — Kaitlynn é uma cadela. Eu trabalho para Duncan, mas ele desapareceu. Kaitlynn decidiu apropriar-se de meus serviços na ausência de seu irmão, e sustenta algo em minha cabeça para me forçar a obedecer. Entretanto, eu não gosto do que está fazendo aqui, assim vou fazer meu melhor esforço para detê-la todo momento sem que me mate no processo. Bastante simples não?

— Ajudou Shane a escapar?

Ele assentiu alegremente. — Sabia que era uma garota inteligente.

Ruby piscou e bocejou dormindo, com sua cabeça começando a girar. — Fez mal a Moira?

Sua alegre fachada se afastou imediatamente. Em seu lugar, esteve um predador implacável. — As únicas pessoas que estão completamente a salvo de mim são Duncan Malmayne e Moira Dunne.

— Kaitlynn poderia fazer-lhe mal, para chegar a Leo. — Sua voz era apenas humana. O medicamento começava a fazer efeito, por isso era quase impossível que mantivesse os olhos abertos.

Chamas vermelhas dançaram em seus olhos. — Não. Não fará. Mataria-a primeiro. — Ruby sentiu uma mão fria suave em seu cabelo solto enquanto sumia na inconsciência. O último que ouviu foi à saída do vampiro enquanto saía da cela em que ela estava.

Jaden ficou para fora da cela de Ruby, velando seu sono. Duncan não contactou com ele ainda, logo, não teria mais remédio que eliminar de forma permanente a Kaitlynn. Não podia



arriscar a vida de Moira, ou de Ruby, pelo capricho da louca, que seu irmão de vínculo chamava irmã.

Ruby dormia placidamente, com seu coração pulsando normalmente, com seu sangue fluindo brandamente através de suas veias. Moira permanecia acordada em algum lugar de sua casa, assustada por sua cunhada e... irmão? Ah, Leo estava a caminho. Surpresa, surpresa. Perguntava como aproximar da Sidhe e do imóvel Malmayne. Ele fez todo o possível para enviar a sua lutadora loira suas garantias, mas até que aprofundasse o vínculo entre eles às impressões fugazes era tudo o que podia enviar.

Ele fez todo o possível para transmitir que Ruby dormia tranquilamente. Por desgraça, não sabia onde estava Leo, e não podia ajudá-lo ali.

Sentiu com verdadeiro prazer quando seu duende relaxou um pouco.

Para a pequena quantidade de confiança implícita, se encarregaria de assegurar a vida de Ruby com a sua. Pela primeira vez em mais de um século, alguém além de Duncan tinha influência em seu cínico coração.

Kaitlynn entrou no quarto e ele a olhou pela extremidade do olho, com curiosidade de ver sua reação. Ela deslizou para o vidro de um só sentido, com os olhos grudados à figura adormecida de Ruby Dunne.

— Quando despertará?

A antecipação em sua voz o fez estremecer. — Não sei.

Kaitlynn deu um passo mais perto do vidro. — Quanto deu?

— Só dei uma.

Seus olhos se estreitaram, seus lábios fizeram uma careta, e nesse momento sua beleza suave resultou dura e feia. — Desperta.

Jaden se voltou para ela, levantou uma sobrancelha com incredulidade. — E como você gostaria que obtivesse isso, sua alteza? Com cafeína por via intravenosa?

Seus lábios se apertaram com doçura, mas não fez nada para dissipar o frio de seus olhos. — Sabe Jaden? Talvez sua utilidade tenha terminado.

Se não tivesse esperando algum tipo de traição da determinação de Rowan poderia ter encontrado seu rastro. Jaden gritou quando a estaca entrou por suas costas, com a dor que quase o paralisou. Caiu no chão, diminuindo seu ritmo cardíaco, perto de parar sua respiração enquanto Kaitlynn ria de alegria.

Jaden fechou os olhos e voltou à consciência.

Na fazenda Dunne, Moira estava sentada em sua cama, gritando de horror. Em suas costas tinha uma ferida feia, com sangue, e ninguém na família podia entender como chegou ali.

Em uma corrida particular aos subúrbios de Omaha, um homem loiro com olhos cinza de aço ficava sem fôlego, com a mão em suas costas. Quando afastou a mão, estava coberta de sangue.

Esses olhos cinza de aço brilhavam como estrelas gêmeas enquanto o homem dava traços



para o carro que o esperava na final da pista.

— Para casa. Agora. Depressa.

Duncan Malmayne olhava pelo vidro do carro enquanto seu motorista o levava a toda velocidade, com seus olhos atormentados e cheios de pesar para ouvir o grito mental breve de Jaden.

— Jaden. Maldição, Kaitlynn.

Leo soube no momento em que pisou na terra Malmayne. Algo gritou, com o som da terra que foi forçado a absorver a dor, a degradação, inclusive o assassinato. A chamada era fraca a seus sentidos, mas sabia que qualquer sprite de terra cheio de sangue evitaria esse lugar como à peste.

Leo apertou as mãos, sentindo-se grosseiramente zangado. Não tinha ideia de onde no imóvel estava Ruby, mas havia forma de descobrir.

Chegou muito dentro de si mesmo, à piscina verde de paz e tranquilidade que fazia seu meio duende. Usando essa energia, Leo estendeu sua essência em torno da propriedade Malmayne, definindo o que era seus a seus sentidos de duende. Cauteloso, confiava em que a terra o aceitaria.

Seu pai disse que se a terra tomava seria a experiência mais incrível de sua vida. Se não, seria a mais incrivelmente dolorosa.

Sentiu uma carícia tentativa, com os tentáculos pedindo entrar em sua mente, procurando em cada canto, em cada lembrança, em cada experiência que teve. Atrasou em coisas que o confundiram (embebedado com ponche no Ano Novo, quando tinha doze anos, vomitando nos arbustos) e ignorando por completo outros (a maioria das mulheres com as que saíra e nem sequer deu uma olhada). Viu as lembranças de sua família, como clipes de vídeo, avançando rápido logo parando para ver um clipe especial que interessava. Encantou as imagens de seu pai, ficaram como uma carícia sobre sua mãe, e em especial encantou tudo o que tinha que ver com Moira. Omitiu uma série de lembranças de Shane, possivelmente devido a que já conheciam Shane.

Quando chegaram a Ruby, retiraram por um momento, e Leo temeu que fossem rejeitar. Sentiu que a terra começava a ver enquanto ele a propósito começava a passar suas lembranças, de seu perfume de baunilha e primeiro pêssego, vagando pelo escritório para encontrar esse aroma escorregadio, quando finalmente se reuniram. Essas lembranças assinalou a terra enquanto ele repetia seu sabor. Como ela não discutiu por ter sido sequestrada em essência, tudo porque precisava estar com ele. Como sentiu curiosidade e cuidado, mas nenhuma só vez o rejeitou em nenhum nível, e como gostou disso. Sabia que a terra sentia seu amor.

Quando a terra se recuperou outra vez, Leo se suavizou. Repetiu suas lembranças de como Ruby foi ferida por Cullen, e deixou sentir sua ira.

Com um início, Leo percebeu que estava começando a sentir o que sentia a terra. O sangue e a dor eram uma náusea longínqua, soube que o vampiro estava derrubado. De alguma forma, também sabia que o vampiro (Jaden, sussurrou a terra com afeto e pesar) tentou malditamente ajudar tanto Ruby como Shane. Viu como Jaden foi parcialmente responsável pela fuga de Shane,



e sentiu um pouco de remorso pelos sentimentos violentos que teve para o vampiro. Como seu próprio programa de cinema particular, viu em avanço rápido tudo o que Jaden fazia primeiro para ajudar Shane, depois para ajudar Ruby, e como o vampiro quase pagou com sua vida.

Com um sorriso, Leo sentiu o vínculo do duende e a terra pressionando em seu lugar como a primeira carícia de um amante, impactante, íntima e muito prazerosa.

Sabia quem era todo mundo em sua terra. O que todos em sua terra eram. Sabia que Jaden estava perto da morte. Sabia que Kaitlynn o estava olhando...

Ruby! Podia sentir o pesado, sonho drogado sob o que estava sua companheira unida e com o que estava dormindo, podia sentir a raiva de Kaitlynn quando não pode despertá-la. Sentiu-a chutar o vampiro caído, e soube que de alguma forma esse estado drogado de Ruby não foi parte do plano do Kaitlynn para ela.

Bem, o vampiro viverá. Leo utilizou a terra para ampliar seus poderes Sidhe, ocultando sua presença de todas as olhadas indiscretas. Começou com cautela fazendo seu caminho para a casa. Ao não ser totalmente duende, não podia mover com a velocidade sobrenatural que seu pai podia. Entretanto, havia outras coisas que eram parte de ser Sidhe. Já conhecia tudo e a cada um no imóvel, era uma brincadeira de crianças encobrirem suas mentes. Qualquer som que fizesse suporia automaticamente algo natural para qualquer dos que estavam no imóvel. Com a terra mesma emprestando seu poder, descobriu que podia alterar os sentidos de tudo no imóvel, inclusive Kaitlynn, sem que sentisse.

Parou abruptamente enquanto um novo sentido se filtrava dentro dele. A dor e a morte que sentiu não foram por Jaden. Jaden estava ainda vivo, debaixo da casa.

A morte foi de Cullen. Seu corpo foi enterrado no imóvel, nos jardins que amou tanto. Kaitlynn o envenenou. Sentiu que alguém novo dava um passo na propriedade.

— Duncan— Podia ver o homem de mais idade através da terra, dando conta de seu profundo poço de energia, e soube de sua raiva e dor como se fossem os seus próprios. Trocando seus planos, Leo se moveu para interceptá-lo.

— Malmayne— Sussurrou no ouvido do outro homem a dez pés de distância. O loiro parou, com expressão cautelosa. — Dunne.

— Não pode parar Malmayne.

— Minha irmã pegou sua esposa, Dunne, e quase matou meu irmão de vínculo. Não tenho nenhuma intenção de parar.

Leo se assustou. Um Sidhe da proeminência de Duncan Malmayne nunca diria que um vampiro era um irmão de vínculo. O vampiro devia ter feito algo extraordinário para que Duncan o reclamasse como dele. — Jaden viverá. A terra o sustenta. Os olhos prateados de Duncan se abriram em estado de choque voltando cuidadosamente brancos. — reclamou a terra.

Leo notou que não parecia surpreso. — Como podia ter encontrado a minha esposa com segurança?

Duncan assentiu. — É óbvio, transpassarei a propriedade como um presente de casamento para você.



Leo se moveu frente a Duncan antes de tirar a nuvem dos sentidos do outro. — Kaitlynn ainda tem que pagar pelo que fez a minha irmã, a meu irmão e a Ruby.

— A sua irmã? —Duncan franziu o cenho, sem mostrar surpresa pela aparição de Leo de repente diante dele.

— O vampiro... Jaden lutou com ela, batendo-a até deixá-la inconsciente e alimentando-se dela antes de levar minha companheira.

— Ah... — Duncan suspirou com compreensão. — Sua irmã estará bem. Se Jaden realmente quisesse fazer mal, teria morrido no momento em que a tocasse. Permitiu-se lutar com ele foi porque estava protegendo-a o melhor que pôde.

Leo levantou uma sobrancelha. — Tem uma estranha maneira de protegê-la.

— E se sua companheira se afastou dele podia tê-la reclamado por causa da briga.

— Uma mentira sem mentir? —Duncan assentiu o que confirmou o pensamento de Leo. — manteve Ruby drogada para que Kaitlynn não possa jogar com sua mente.

— Não me surpreende. Apesar da evidência do contrário Jaden é um bom homem. —Duncan olhou para a mansão. — Kaitlynn deve saber que estamos aqui agora. Estaremos nas câmeras de segurança.

Leo levantou a mão enquanto Duncan começava a mover para a casa. — Tenho os sentidos de cada pessoa em estado nublado, exceto o seu Jaden e Ruby. Ninguém sabe que estamos aqui.

Duncan olhou para a casa, com uma careta em seu rosto. — Preciso encontrar meu pai. Preciso saber por que permitiu que as coisas chegassem tão longe.

Leo suspirou. — Seu pai já não está vivo.

Duncan se voltou para ele, com seus olhos brancos pela frieza. — Desculpa?

Leo não pôde ver Duncan enquanto a terra o alimentava com a informação com rapidez. — Kaitlynn pôs algo em seu conhaque depois do jantar. Mas a terra não está segura, já que não veio daqui. — Leo estremeceu. Kaitlynn enterrou seu pai antes que estivesse completamente morto. — Ela o enterrou no jardim formal. A terra ainda sente os gritos de sua dor.

A raiva e a dor que chegaram a Duncan Malmayne se multiplicaram por dez. Leo podia sentir o poder que irradiava dele. Faíscas de prata dançavam no ar a seu redor. Na voz mais fria que Leo ouviu de Duncan sussurrou, — deixe Kaitlynn a mim.

— Kaitlynn tem que pagar por machucar a minha mulher — grunhiu Leo, com seus olhos de cor verde brilhante.

Duncan sorriu, e Leo tratou de ocultar seu estremelecimento na frieza. — Jaden terá fome quando despertar.

— Alimentar um vampiro não é um castigo pelos crimes que sua irmã cometeu.

— Nunca disse que sobreviveria à alimentação. — A cabeça de Duncan se inclinou como se estivesse escutando algo que só ele podia ouvir.

— Jaden está... aborrecido com minha irmã. — Sua expressão se voltou selvagem. — E ele tem uma imaginação muito viva.

Leo se moveu silenciosamente através da parte da frente da casa. Os poucos sons que fazia



podiam ser amortecidos na mente dos guardas. Duncan se moveu ao redor da parte de atrás da casa, os outros Sidhe decidiram utilizar a entrada da cozinha. Tiraram os guardas postos ali antes de dirigir a interceptar Leo. Se fossem leais aos Malmaynes em geral ou a Kaitlynn em particular seria resolvido depois.

Podia sentir Ruby debaixo dele, no profundo da terra. Estava começando a despertar. Parecia estimulantes que Kaitlynn ordenou que fossem administrados estavam começando a funcionar. Podia sentir Jaden esticar, despertando do meio sonho em que manteve seu ritmo cardíaco lento. Se Jaden se movia para bloquear Kaitlynn, havia muitas probabilidades de que não sobrevivesse. O vampiro perdeu muito sangue.

Havia outro no quarto com eles, alguém que a terra entendia repulsivo (Jeremy West sussurrou a terra). Outro vampiro, alto, de cabelo escuro e de olhos frios de uma forma que Jaden não era. Ignorava a maior parte do que estava fazendo Kaitlynn, e só sorriu quando Ruby se queixou.

Esse olhar no rosto de West quase fez Leo perder o controle. Os olhos do homem brilhavam de cor vermelha, e seus dentes desceram.

— Tem fome.

Leo decidiu que era suficiente. O diabo rondando. Já era hora de ver exatamente que tão bem seu duende e sua terra trabalhavam juntos.

Ruby abriu os olhos, perguntando que demônio esteve bebendo a noite anterior. Tinha um sabor horrível na boca. — Com que infernos estiveram me alimentando? Com algo morto? — Ela gemeu.

— Bem-vinda a sua nova casa, humana— disse uma voz feminina e familiar.

Ruby fechou os olhos com um gemido. — Vou voltar a dormir. Desperte-me quando Leo a matar. — A bofetada coçou inclusive através da bruma da droga. — Ai.

— Volta a dormir e cortarei o dedo e verterei um copo de sangue para o vampiro.

Ruby apareceu com cautela, não contente ao ver Kaitlynn sorrindo docemente para ela. — Tem um espinafre entre os dentes.

A loira foi para trás, com uma mão tampando a boca, com os olhos horrorizados. Ruby riu.

Kaitlynn retirou a mão e se manteve de pé e orgulhosa. — me permita que apresente a meu amigo. — Saudou languidamente. Um homem alto, de cabelo negro apareceu. Seus olhos brilhavam de cor vermelha e seus dentes eram bicudos. — Jeremy West. — Ela olhou para o vampiro. — Jeremy, conheça seu jantar.

— Estupendo. — Ruby desesperadamente tratou de não tremer diante da espera que viu no rosto de West. O vampiro estava olhando para ela como se estivesse coberta de chocolate fundido Godiva e ele fosse um viciado inveterado em chocolate.

West umedeceu os lábios. — Humm. Vai ter um sabor doce.

Ruby se encontrou lutando em uma risada histérica. — Tem um grande futuro nos filmes pornô.

Seu braço se levantou preparado para atacá-la, e ela se encolheu. Não tinha nenhuma



expressão em seu rosto absolutamente. Maldição. Não tinha senso de humor.

— Eu não faria isso se fosse você.

Como? Pensei que a Srta. Esquizofrênica adoraria me maltratar.

— Muitos golpes e não vou conseguir a cooperação de Leo.

Oh. Isso explicava.

— Além disso, prefiro fazer mal por mim mesma.

Tudo a seu redor escureceu.

Leo observava das sombras enquanto Duncan mostrava sua disposição a entrar na... masmorra era a única palavra que podia pensar para descrevê-la, debaixo do imóvel Malmayne. Ele se assentiu preparado para mover...

Os gritos aterrorizados se agarraram em sua alma e quase o destroçaram. Desapareceu todo pensamento de mover em silêncio. Correu ao quarto, resolvido a preservar Ruby sem importar o custo.

Ela estava em uma espécie de jaula de vidro e concreto. Podia ver Kaitlynn e Jeremy West de pé junto a ela. Seu corpo se arqueava da laje em que estava deitada, em tensão muscular contra correntes invisíveis. As únicas respirações eram para evitar gritar.

Kaitlynn sorriu, e Leo se perdeu. A terra tremeu sob seus pés. Seus olhos caíram na fechadura eletrônica da porta, e perguntou se poderia manipulá-la e abri-la. Era feita de metal, que era da terra, e ele estava em sua terra. Se isso não funcionava puxaria toda a casa para salvar a sua companheira se tivesse que fazer.

Mas antes que pudesse mover, Jaden estava ali, arrancando a porta de suas dobradiças e jogando, quase batendo em Duncan no processo. Leo voou através da abertura, não olhando de lado a Jaden paralisando no chão de novo com um gemido.

— Não me aproximaria mais, se fosse você.

Leo nem sequer duvidou. O poder da terra se apoderou dele. Precipitou para frente e Kaitlynn bateu com todas suas forças, sobriamente satisfeita quando ouviu um rangido de ossos. Ela tropeçou para trás, surpreendida e uivando de dor.

Os gritos de Ruby abruptamente cortaram.

— Um passo atrás, Sidhe.

Ele se voltou para ver Ruby nas mãos de West. Uma das mãos de West estava envolta ao redor de sua garganta, e a outra ao redor de sua cintura. Seus pés penduravam sobre o chão, com seu suarento cabelo pendurando ao redor de seu pálido rosto. Ela parecia aterrada.

— Posso quebrar seu pescoço como um ramo. — As pontas das presas de West apareceram para acariciar seu lábio inferior obscenamente. — Ou pode cooperar.

Leo sentiu tremer a terra de novo em resposta a sua ira.

— É muito simples, de verdade. — Kaitlynn acariciou suas bochechas, com sua expressão uma vez mais enjoativa. — Leva como sua companheira, e você... Ruby... Não sairá machucada mais do que já o foi.

— Se optar por não cooperar, ela se converte em meu almoço.



— Já é suficiente, Sr. West. — Kaitlynn alisou a saia com mãos tremendo — Bem, Leo?

— Faz e nunca haverá nada novo em sua inteira longa existência.

A boca de Leo se arqueou até que Ruby grunhiu. Isso era tudo o que necessitou para assegurar de que os planos de Kaitlynn seriam destruídos. Encolheu os ombros. — Você disse que a minha companheira não gosta de compartilhar. — Olhou West. — Nem a mim tampouco.

Só teve a intenção de tirar o homem de balanço, levantando uma pequena seção do chão a poucos metros muito bem, e esperava assustar ao outro homem e que deixasse ir Ruby.

Em troca, um pé completo de concreto, cascalho e sujeira empurrando para cima a um ritmo alarmante, esmagando West contra o teto tão rápido que não teve tempo de reagir, ou inclusive gritar. Ruby gritou. Brotaram sangue e malhas do corpo esmagado do homem que esteve sustentando, empapando-a no líquido asqueroso. O concreto e o círculo de terra se empurraram para cima até que os braços do vampiro se quebraram, deixando cair uma Ruby gritando no chão. Quando ela caiu no chão pôde ver que a camisa e as calças jeans foram arrancados através de pontos, deixando ao descoberto uma grande quantidade de cortes e partes que teriam que ser atendidos e logo.

— Oh, Deus. Vou...

Ele viu impotente como Ruby vomitava. Ficou atônito diante do que fez a West. Os pedacinhos do vampiro ainda gotejavam da nova coluna de terra.

Pelo menos estou bastante seguro de que o filho de puta está morto. Desgraça que seu estômago estava ameaçando unir ao de Ruby no antigo vômito.

— Lava rápido. — Leo voltou encontro Jaden apoiado na ombreira da porta, com uma careta em seu rosto. — tenha pressa! Seu sangue está em suas feridas!

— Merda! — Pegou Ruby e correu para as escadas, movendo mais rápido do que nunca fez antes. Tinha que lavar o sangue do vampiro e tirar antes que fosse muito tarde.

Estava bastante seguro de que sua companheira não tinha nenhum desejo de converter em vampiro.

Duncan deslizou no quarto do calabouço, belo e perigoso. Jaden o olhou com olhos turvos, sabendo que não tinha muito tempo antes que paralisasse de novo. Valeria isso pena, entretanto, por ver Duncan dar a sua irmã o golpe que merecia.

— Olá, Kaitlynn.

A querida do papai estremeceu ao ver seu irmão maior, com o hematoma lívido no rosto marcando um contraste com a palidez de sua pele. — Duncan— Sua voz era confusa, sem dúvida devido ao golpe que Dunne deu.

Duncan estava olhando Kaitlynn de uma forma muito temerosa. Jaden o viu e se perguntou que estaria tramando o Sidhe. Duvidava de que tomasse o mesmo caminho que ele esperava. A mulher era a irmã de Duncan, por desgraça. — Você tem uma dívida de sangue, e você vai pagar.

— Com que autoridade? Tratou de levantar uma sobrancelha, mas logo fez uma careta, à ação de puxar de sua machucada bochecha.

— Com a minha, como o Senhor do Clã Malmayne. — A autoridade na voz de Duncan enviou



calafrios à coluna de Jaden. Permitiu que seus dentes descessem, decidido a respaldar ao Duncan com a última gota de seu sangue se fosse necessário. Se seu vínculo de irmão na realidade ia fazer que Kaitlynn pagasse por seus crimes e Jaden queria participar da ação, embora só fosse como espectador.

— Papai é o Senhor, não você. — Ela levantou o queixo. Quase conseguiu fazer uma careta de desprezo, mas a bochecha rota a impediu.

— Papai está morto, enterrado nos jardins. — A mandíbula de Jaden caiu. Como diabo perdeu isso? Era malditamente quase impossível ocultar a morte de um vampiro.

Deu uma olhada à coluna que cobria Jeremy West no teto. Talvez o outro vampiro arrumasse para ocultar os sinais reveladores?

A pele de Kaitlynn ficou pálida, com sua expressão cheia de temor.

— Morto por sua mão, acredito. — Duncan circulou a sua irmã, com seu olhar frio e sem piedade. — Pelo delito de homicídio, a pena é a morte.

Kaitlynn ficou sem fôlego.

Adeus, cadela. Jaden riu internamente, encantado com este giro dos acontecimentos.

— Pelo delito de sequestro e tortura: também é a morte.

Ela gemeu.

— Pelo delito de tentativa de assassinato de meu vinculado: a morte.

Espera, vinculado? Jaden quase riu. Duncan estava quebrando uma definição verdadeiramente arcaica da união que compartilhava se chamou Jaden como seu vinculado. Mediante o uso desse termo, aumentava o nível dos crimes de Kaitlynn de tentativa de assassinato a pecado capital.

— Sentenciada ao final imediatamente— Duncan se voltou para Jaden com um olhar sombrio. — É toda sua.

Jaden se inclinou o melhor que pôde em seu estado ferido, ao homem ao que prometeu sua lealdade e parte de seu coração fazia quase um século. Logo se voltou para Kaitlynn e sorriu docemente. A dor desapareceu com a permissão de seu senhor de alimentar-se.

Estava muito, muito faminto.

Deixou que seu predador saísse à superfície, usando tudo o que era para assegurar-se de que a querida do papai pagasse a dívida em sua totalidade.

Nenhuma só gota de sangue poluído de Kaitlynn caiu no chão. Jaden se assegurou disso.

— Merda, merda, merda—, gritava Leo. Tirou Ruby da água quente, desesperado por tirar o sangue poluído dela. Não se incomodou em tirar a roupa arruinada primeiro, só a inundou sob a ducha e a enxaguou tão rápido como pôde. Ignorou por completo sua própria roupa, sem importar que estivesse empapado já com ela. Estava bastante seguro de que Duncan poderia prescindir de algumas novas.

— Leo?



Sua tremente, chorosa voz quase o fez cair. — Está bem, gatinha. Estou aqui.

Ela se deixou cair em seus braços, soluçando, e ele quase chorou com ela. Abraçou-a e a balançou, fazendo ruídos sem sentido em seu ouvido só para fazer saber que estava ali.

Ele começou a cantar em voz baixa uma canção de berço em sua língua Sidhe. Com o tempo ela começou a chorar lento. Quando ela começou a rasgar a roupa de seu corpo, ele não perguntou só a ajudou. E quando as pegou e as jogou tão forte como pôde à porta da ducha, ajudou-a com isso.

Finalmente, seu pranto parou por completo. Ela dormitava em seus braços, só ocasionalmente fazendo sons que o faziam saber que estava ainda acordada. Ele a pegou e a levou ao quarto contíguo, e seu corpo molhado ficou em cima da colcha. Entrou de novo no banheiro e abriu o grifo da água. Pegou uma toalha e voltou para ela. Não a queria fora de sua vista.

— Está bem, gatinha. Ninguém nunca vai fazer mal.

Ele fez uma careta enquanto dava golpes suaves com a toalha nas costas machucada e um assobio de dor saía dela. Quando terminou, ele rapidamente se despiu, secando, e deslizou entre os lençóis. Realmente importava um caralho se Duncan parecia ofendido ou não. Ruby precisava descansar, por isso ia descansar. Nem sequer estava seguro de em que quarto estavam, além de que não era a de Kaitlynn. O fedor da outra mulher o expulsara uma vez que Ruby estivesse limpa.

Rubi se aconchegou contra seu peito, escondendo seu rosto em seu ombro. Algum estremelecimento ocasional ainda sacudia seu corpo.

Se eu não a tivesse deixado no caminho de entrada isto não teria acontecido.

A culpa o comia, como ácido, mas simplesmente não podia lutar com isso agora. Ruby o precisava.

— Me mostre o que fez gatinha. — Esperava que pudesse entrar em sua mente, poderia arrumar o que Kaitlynn fez para aterrorizá-la.

Ela sacudiu a cabeça. — Não. Não irei ali nunca mais.

Ele assentiu. Veria quando ela estivesse preparada, estava decidido a isso, mas não tinha sentido traumatizá-la mais. — Então me diga.

Ela respirou fundo. — Alguma vez viu esses filmes de terror em que alguém amarra uma mesa, com um pano em sua boca, com um artefato estranho é preso à cabeça, e logo alguém mais ativa o interruptor?

Leo ficou rígido. — Eletrocussão?

Ruby assentiu, sem mover o rosto de seu ombro.

Ah, a cadela morreu muito fácil. Havia sentido a morte de Kaitlynn, enquanto esteve na ducha, mas esteve muito centrado em Ruby para prestar muita atenção. Ia perguntar a Duncan e a Jaden para que enterrassem seu corpo em algum lugar longe, muito longe, onde seu mal já não envenenasse sua terra.

Sentiu Ruby movendo contra ele e a olhou. Ela se esfregou a cabeça. — Tem dor de cabeça?

— Joga um pouco de volts através de seu cérebro e verá o que acontece.

Acariciou o cabelo úmido do rosto. — Tenho uma ideia.



— O que?

— Confia em mim, gatinha?

Ela o olhou com o cenho franzido enquanto ele construía a fantasia em sua mente, projetando-a nela antes que pudesse formar um protesto.

— Oh, diabos, sim. — Ruby gemeu. Com seus fortes e talentosos dedos que ela amava abrindo caminho até enfiar na parte detrás de suas coxas. — Isso é do que estou falando.

— Me alegro de que você goste.

Ela abriu um olho sonolento e viu Leo sorrindo, movendo os ombros como um perito massageando as pernas. — O que me está fazendo?

Leo encolheu os ombros, mas seguiu. — É creme antibiótico. Felizmente nenhum dos arranhões é ruim. Não ficará cicatriz.

Ela soltou um bufo. — Me alegro de não poder sentir isso.

— Nunca devia ter deixado você sozinha.

A condenação em sua voz à fez suspirar. — Estou viva. Você está vivo. Kaitlynn está...?

Ela olhou por cima do ombro para ver um sorriso triste, satisfeita nos lábios de Leo. — Morta.

— Bem. Sofreu?

— Um montão.

Ela apoiou a cabeça no travesseiro com um suspiro de alívio. — Bem.

Relaxou em suas mãos, gemendo quando se moveram à parte detrás de suas coxas. — Por certo, poderia né, não, não esmagar nada outra vez?

— Esmagar... Oh.

— Sim— Ela estremeceu, tratando contra uma nova onda de náuseas.

— Estava zangado.

Ela foi com a cabeça para trás do travesseiro e o olhou. — recorde isso para que não se zangue comigo.

Seu rosto ficou vermelho. Moveu até dar uma massagem nas popas de seu traseiro. — Nunca me aproveitei de meu meio duende antes. Não me dava conta de que podia, e menos que podia fazer isso.

Ela assentiu e baixou sua cabeça, fechando os olhos, desfrutando da sensação de suas maravilhosas mãos deslizando com suaves golpes sobre sua cintura. — Acredito que as lições de papai estão em ordem, não?

— Não é má ideia, sobre tudo porque vamos estar tão perto.

Seu tom ausente disse que não estava prestando atenção. Ela fazia, entretanto. — Ah, sim? Que tão perto estaremos Leo?

Suas mãos pararam. — Um. Sim. Sobre isso.

Ruby se queixou. — Mantém a massagem, menino bonito. Parece como se tivesse que dar algumas explicações.

— Reclamei a terra.



Suas mãos encontraram um lugar especialmente dolorido. — Oh. Está bem.

— Está?

— O que ocorreu, Leo?

— Reclamei a terra, ofuscado os sentidos de todos, exceto o teu, o de Jaden e o Duncan, entrei na casa, e salvei o dia.

— Oh. Isso é tudo?

Ele se engasgou com uma gargalhada. — Sim. Isso é tudo.

— Seu irmão e irmã estão a salvo?

— Sim, estão bem.

Ele começou a massagear seus ombros. Ela se afundou no colchão com seus músculos liberando a tensão ainda mais em suas peritas mãos.

— Ohhhh... Bem.

— Se não estivesse machucada faria sentir muito, muito bem.

Ela sorriu. — Acredito que faria.

Deu um beijo suave na parte detrás de seu pescoço e se sentou a seu lado. — Uma vez que os arranhões sarem, vou mostrar exatamente o bem que te posso fazer sentir.

Ela olhou seu rosto, com a expressão de amor que levava sem enganá-la por um momento. — Vai viver em Nebraska, não é?

Ele fez uma careta.

— Acredito que não entenda todo o “comercial a terra” como disse antes. É bom, mas não tão bom.

Seus olhos se estreitaram. — É um desafio?

Ela sorriu e deu um suave beijo nos lábios. — Dobro o desafio.

Ele se inclinou sobre ela e tomou sua boca com posse selvagem. — De acordo.

— Oh, rapaz.

Ele começou a rir e o mundo se formou redemoinhos em uma névoa a seu redor.

Lençóis de cetim vermelho e uma cabeceira de metal negro, correntes e algemas de couro se encontraram com seu olhar. — Uuhh, Leo? — Ela puxou uma aljava, agradecida porque a dor de seus arranhões estivesse bloqueada. — Como isso funciona?

Ela estava sobre seu estômago, com um travesseiro sob os quadris, elevada. Suas pernas estavam atadas também, mas havia mais longitude da corrente, o que permitia mover com um pouco mais de liberdade.

Ela não o podia ver, só o escutava enquanto rondava em torno dos pés da cama. — Oh, de onde estou, está ótimo.

A cama se afundou debaixo dela. Ele se arrastou até seu corpo não tocando. Ela sentiu que ele acariciava seu traseiro, tomando com ambas as mãos. — Que lindo traseiro.

Ela teria rido com um suspiro de satisfação, mas ele escolheu esse momento para começar a circulara seu clitóris. — Oh, Deus.



— Mmm. Já está molhada para mim. — Ela sentiu seu colo quente, a língua úmida entre os lábios de sua boceta. — Tão doce.

Seus joelhos sacudiram, tratando de levantar para que ela se ajoelhasse, mas as amarras a impediam. — Leo.

Ele não respondeu. Continuou acariciando e chupando entre suas pernas enquanto seus dedos mantinham um ritmo constante em seu clitóris. Quando foi para trás ela se queixou em negação, com suas mãos lutando contra suas faixas.

— Shh. Está bem, gatinha— Ela ouviu um zumbido, e estremeceu. — Sei o que fazer para que ronrone.

O vibrador abriu caminho em sua boceta. Ela sentiu que algo acariciava seu clitóris, as orelhas de coelho pensou que as chamou. O vibrador deslizou, detendo as orelhas de coelho em seu dolorido clitóris. — Faz isso outra vez.

Sua risada escura foi seguida por outro de impulso do vibrador. — Você gosta?

— Sim. — Ela se empurrou para trás, tratando de conseguir que uma peça do vibrador desse contra seu clitóris de novo, amando a plenitude do pau falso.

Sua língua passou através de seu quadril. — Quer mais? — Ele retirou o vibrador de novo.

— Sim!— Ela estava virtualmente assobiando. Ele estava brincando com o maldito vibrador. Teria que pensar em uma forma adequada para se vingar dele. Mais tarde. Muito mais tarde.

— Não sei. — Uma vez mais, ele empurrou o vibrador nela. Torceu, causando que a acariciasse de ida e volta, entrando e saindo de seu palpitante clitóris. — Isto é mais que bom. — inclinou sobre seu corpo até que estiveram cara a cara, com o peito em suas costas, com a cabeça apoiada junto a sua no travesseiro. Seu pau duro como rocha se encontrava na fatia de seu traseiro. — Não faz sentir muito bem?

Ela se estremeceu, com um orgasmo ondulando através dela. Estava realmente começando a gostar das orelhas de coelho. Ele a beijou, com sua língua fodendo sua boca. Seus quadris começaram a mover, acariciando essa carne dura, quente contra seu traseiro.

Ele girou de novo o vibrador, e ela esteve a ponto de saltar da cama.

— Raios.

— Suponho que você gosta disso. — Mordeu o pescoço, chupando duro. Ela sabia que deixou uma marca pela forma em que a olhava com uma expressão quente e possessiva. — Sabe o que vou fazer agora?

Ela sentia a cabeça de seu pau acariciando contra a entrada de seu traseiro, mas não importou. O vibrador começava a trabalhar sua magia outra vez. Seus dedos se curvaram ao redor das correntes que a amarravam à cama. — Foder, Leo.

Ele se estremeceu. — Será um prazer.

Se ela não estivesse à borda do orgasmo, o calor selvagem de seu tom de voz a teria assustado como o demônio.

Ela sentiu algo frio e úmido contra seu traseiro, e soube por aonde ia fode-la. O lubrificante aplainou o caminho para empurrar seus dedos dentro e fora, abrindo-a. A sensação tem mais



força, era mais amplo, o prazer mais escuro e delicioso. Ele tinha seus dedos em tesoura abertos em preparação de seu pau. Entre os dedos e o vibrador, ela parecia repleta.

Ela voltou à cabeça quando seus dedos saíram de seu traseiro. Viu engordurando seu pau, com seu olhar quente grudado no seu traseiro. Sua outra mão continuava acariciando-a com o vibrador dentro e fora, girando ocasionalmente seu pulso fazendo-a tremer e gemer.

— Foderei seu traseiro agora. — inclinou sobre ela de novo como sua grossa ereção deslizando entre suas nádegas, com sua cabeça invadindo-a. Deu ao consolador um giro violento, enviando seus gritos a um orgasmo de novo. Seu pau se afundou profundamente em seu traseiro e ela empurrou contra ele, o que facilitou seu caminho. Ela não sentiu a espetada, com o prazer afogando a leve dor de sua invasão.

Ele salpicou seu pescoço e costas com beijos pequenos. — Está tão apertada.

— Leo — Ela estava ofegando, com a plenitude de seu pau e o vibrador quase muito para suportar.

Seus dentes se afundaram em seu ombro, onde se unia com seu pescoço, com sua boca chupando com força. Ele tirou seu pau quase todo o caminho. Suas costas se arquearam, ela inclinou para o lado seu pescoço, tratando desesperadamente de que ele se aproximasse. Sua língua acariciou a marca que deixou.

Ele começou a mover, a fode-la com movimentos suaves e estáveis, com o vibrador de novo roçando seu clitóris. Ela se encontrou balançando nele, gemendo ao tempo de seus golpes.

— Tão bom. Tão malditamente bom. — Suas palavras se arrastaram enquanto ele acelerava, batendo seu pau dentro dela. Ele se sentou, com ambas as mãos em seus quadris, entrando nela, puxando seu traseiro de volta a seu encontro. O vibrador começou a mover de novo, de algum jeito obedecendo a suas ordens mentais, afundando e saindo em contraponto com suas estocadas. As vibrações a estavam colocando louca.

Leo começou a fode-la duro, golpeando sua úmida carne com a sua própria forte no quarto. O vibrador pressionava com firmeza contra seu clitóris, aumentando sua intensidade. Brilhos de ouro deslumbraram seus olhos, a magia de Leo se deslizou por suas mãos para colorir o ar ao redor deles.

Ela quase não podia respirar, enquanto o orgasmo se apoderava dela. Explodindo dentro dela, devorando-a, com todos seus músculos apertando-se contra o prazer escuro de dois paus. Era quase mais do que seu corpo podia tomar.

— Ruby! Ah, Deus! — Leo grunhiu contra seu traseiro com um grunhido áspero e gozou, com seu calor úmido deslizando em seu traseiro. Estreitaram juntos, com seu poder cegando-o com o prazer tão malditamente intenso que Ruby esteve perto de perder os sentidos.

Ele se conteve em suas mãos enquanto o último de seus espasmos se apoderava dela. Saiu com cuidado para não fazer mal. À sala se afastava na névoa branca.

Ela estava de volta na casa Malmayne. Seu traseiro machucava, doíam as costas, as pernas e os braços, mas vá se importava.

— Preciso apostar com você mais frequentemente. — Ainda estava ofegando, com um



sorriso tolo no rosto.

— Fiz mal?

Ela se aconchegou no travesseiro, contente, e respondeu da melhor maneira que sabia fazer. Não se surpreendeu quando ele começou a rir. Depois de tudo, prometeu que a faria ronronar.

— Encontrou seu pai? — Leo olhou pela janela da biblioteca, com a esperança de que Duncan não pedisse que identificasse a tumba. Ele o faria se fosse necessário, mas teve suficiente da morte por um dia.

— Foi encontrado.

Leo se voltou a ver Duncan que tinha o olhar fixo em um copo de uísque. O novo Senhor do clã Malmayne fez girar o líquido de cor âmbar ao redor de seu copo, com seu olhar triste e pensativo. — Se tivesse estado aqui, nada disto teria acontecido.

— Sem ânimo de ofender, mas por que não seria assim?

Duncan pôs a bebida com cuidado em uma das mesas de madeira de cerejeira. Seus dedos brincaram com as bordas da taça. — Meu pai era meu senhor. Ele me enviou a França para fazer frente a alguns problemas que tínhamos em um de nossos negócios ali. Resulta que não eram mais que alguns membros do clã tomando mais do dízimo do que deviam. Endireitei e voltei para a brevidade.

— Por que nenhuma de minhas ligações passou?

Duncan voltou para Jaden. O vampiro estava estendido no sofá, com suas longas pernas abertas, com as mãos atrás da cabeça a contemplar o teto. — Não estou seguro, mas meu celular não funcionou todo o tempo que estive na França. Não fui à Inglaterra de repente começou a funcionar de novo.

— Gremlins?

— Não estou seguro. Há outras razões pelas que não poderia ter funcionado. Não foi tudo perto de Paris, depois de tudo. Poderia ter sido simplesmente a força do sinal que foi deficiente.

— Ou poderiam ter sido os mercenários da querida enlouquecida.

Os dois homens se olharam e Leo não pôde interpretar a mensagem. Era como se tratassem de comunicar-se em silêncio. — É possível que tenha razão. — Duncan tomou seu copo de uísque e fez um gesto a Leo. — Estou contente de que tenhamos estado disponíveis para ajudar a resgatar a sua senhora.

— Apesar de que não necessitou muito toda a ajuda. — Jaden estremeceu. — Quanto tempo tomará tirar West de seu teto, de todos os modos?

Leo fez uma careta. — Por favor, não mencione isso uma vez mais.

— Poderia deixá-lo ali. Mandaria cobrir a coluna com concreto. Pintaria quadros sobre ele. Um brinde todos os anos em meu nome. Já sabem ding, dong, o imbecil morto.

Leo negou ao vampiro feliz cantarolando. Voltou para Duncan, que estava sorrindo a seu irmão de vínculo. — É sempre assim?

— Com frequência — Duncan tomou um gole de uísque. — Quais são seus planos agora?



— Agora? Aprender a controlar meu lado duende. — Olhou para cima e viu Ruby passando com cautela na biblioteca, com seu olhar indo de ida e volta entre Duncan e Jaden. Estava vestida com uma de suas camisas. Por sorte, era o suficientemente longa nela para chegar por cima de seus joelhos. Ele se moveu para frente, desejoso de tomar a sua companheira em seus braços. — E planejar um casamento.

Apesar de que se encontrava em seus braços, discutiu. — Está planejando o casamento? E não é estranho em frente de meus parentes. — Ela olhou sobre o ombro a Leo para olhar Jaden. — Estou falando com você, especialmente, menino com presas.

— Menino com presas? Primeiro me chamou coelho vampiro, E agora menino com presas?

Coelho vampiro? Leo começou a rir. — Convidou Hob para o casamento, e está preocupada com um vampiro?

Podia ouvir Duncan engasgar com seu uísque ainda enquanto Jaden o bombardeava. — Hob? Convidou Hob a seu casamento? Com humanos? —O vampiro dobrou da risada, ofegando. — Oh, homem, vou estar lá.

E tudo o que Leo pôde fazer foi estar de acordo e beijar sua esposa.

Ele também estaria lá.

Epílogo

Jaden viu como Leo, Ruby e a família Dunne se reuniam. Ah, uma união familiar na fazenda. Ele soprou, divertido. Perguntou o que ia dizer quando dissesse que Moira vinha com ele, gostasse ou não. Tinha a sensação de que não levariam muito bem.

Tão mal, tão triste. Decidiu reclamar Moira como dele, e ninguém ia interpor em seu caminho. Saiu da limusine, agradecido de que Dunne estivesse disposto a esperar até que Jaden pudesse acompanhá-los. Enquanto que a luz do sol não o matava diretamente, faria sentir malditamente doente. Acomodar sua alergia não era algo que a maioria dos Fae, Sidhe ou não, se incomodariam de ter em conta, mas Dunne foi uma exceção.

Suponho que sente que me deve isso. Sim, bom, Jaden planejava tomar o pagamento na forma da irmã do homem.

— Posso sair da limusine, Jaden?

Jaden sorriu. — Sinto muito, Duncan. — Deu um passo a um lado, afastando os olhos de Moira. A noite fazia maravilha com ela. Que brilhava sob a luz da lua recém-nascida. Estava lançando olhares em sua direção também, com seus olhos piscando indo e vindo entre ele e Duncan, um receio presente e ele faria todo o possível por eliminá-lo antes que muito tempo passasse. Enviou garantias, e amor pelo vínculo, e observou que relaxava.

Deu um passo a frente, esperando contra toda esperança que ela não o rechaçasse. Ela



representava tudo o que procurou em uma mulher. Era uma mulher forte, alegre, linda e leal. Não podia esperar para fazê-la sua. O ligeiro vínculo que estabeleceu deixava sentir tudo o que fazia tudo o que era, e pelo que a ele concernia, ela era gloriosa.

Duncan ficou diante de Moira, com uma expressão de assombro em seu rosto. O coração de Jaden quase parou. Pelo vínculo sentiu um choque de reconhecimento.

Não.

Duncan se inclinou e provou os doces lábios de Moira.

Merda. Isto não pode estar acontecendo!

Mas estava.

Seu irmão de vínculo encontrou sua companheira.

Agora, que demônios se supunha que Jaden faria? Uniu com a companheira de Duncan! E os Sidhe não eram conhecidos por compartilhar, especialmente com um vampiro, sem importar como conseguisse ser sociável nos últimos anos. Jaden desabou contra a limusine com um grunhido.

Bem. Maldição.

Duncan levantou Moira em seus braços e a levou a limusine antes que pudesse dizer algum protesto. Jaden observava, esmigalhado entre a diversão, a inveja e o ciúme. Seu Senhor nem sequer ia dar a oportunidade de dizer não. Não, só a colocaria no carro e se disporia a partir com ela. Que, sem dúvida, era o que Jaden planejou fazer também. Acaso não era agradável saber que seu plano funcionasse?

— Que diabos acreditam que está fazendo? — A voz de Leo era surpreendida em parte, e em parte divertida.

Duncan fez retroceder Dunne, sua expressão se aliviou mais do que Jaden nunca lembrava tê-lo visto. Maldição. — Reclamando minha companheira. — Ele subiu à limusine e indicou a Jaden que se unisse a ele.

Jaden sacudiu a cabeça, assegurando-se de que a diversão fosse tudo o que Duncan veria. Não podia permitir o luxo de que Duncan sentisse exatamente o que Jaden estava passando. — Não. — Respirou profundamente. Ele poderia fazer isso. — Há alguns assuntos pendentes aqui que precisam ser atendidos. Reunirei com vocês mais tarde. Além disso, vocês dois necessitam um tempo a sós. — Deu a Duncan seu melhor olhar e tratou de ocultar suas verdadeiras emoções.

De maneira nenhuma no inferno poderia vê-los juntos. Estava contente pelos dois, mas maldição. Não era realmente um masoquista. E ver do que não podia ser parte era algo que o mataria no interior.

Algo da felicidade de Duncan se atenuou. — Mas, Jaden...

Ele fechou a porta da limusine sem nem sequer olhar, cortando a metade o protesto de Duncan, e se dirigiu para Dunne. Ignorou os chamados de Duncan em sua mente, empurrando-o tão brandamente como podia. O enlace com Moira era o suficientemente fraco para que ele o fechasse sem muito esforço. Eles precisavam estar a sós, e ele precisava conservar seu nariz e seu estranho cérebro vampiro, fora dela. Três é multidão, não é?



Asqueroso. Eu não gosto de ser nobre. Desejava tão desesperadamente subir a esse limo, tirar a roupa de ambos e passar um bom momento, mas não podia. Não só Duncan nunca mostrou algum interesse no macho da espécie, mas também eles só começaram a reclamar sua companheira. E Jaden os amava tanto para querer que fossem felizes.

Entretanto, isto parece como um grande pau de alce.

Ele bateu no capô da limusine e assentiu ao motorista antes de girar e afastar. — Boa noite amigos. Entendo que têm algumas pergunta— Sorriu maliciosamente como sabia, lançando cada grama de arrogância que ficava nele. — Que sorte. Tenho respostas.

Ele tratou de ignorar o buraco de seu coração enquanto a limusine se afastava, levando com ele às únicas pessoas que amou.

Fim



**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. ****